



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSIANE DA SILVA MACIEL

SUBJETIVIDADE E TRABALHO RURAL:
ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO DE RIBEIRINHOS EM UMA COMUNIDADE DE
ANORI-AM.

MANAUS - AM
2019

JOSIANE DA SILVA MACIEL

**SUBJETIVIDADE E TRABALHO RURAL:
ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO DE RIBEIRINHOS EM UMA COMUNIDADE DE
ANORI-AM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Psicologia da Universidade Federal
do Amazonas, como requisito para obtenção do
título de Mestre em Psicologia, sob orientação da
Profa. Dra. Rosângela Dutra de Moraes.

MANAUS - AM
2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M152s Maciel, Josiane da Silva
Subjetividade e Trabalho Rural: organização de trabalho de ribeirinhos em uma comunidade de Anori-Am. / Josiane da Silva Maciel. 2019
116 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Rosângela Dutra de Moraes
Coorientadora: Profª. Drª. Socorro de Fátima Moraes Nina
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicológicos e Saúde) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Psicodinâmica do trabalho. 2. Ribeirinho. 3. Organização de trabalho. 4. Trabalho rural. I. Moraes, Profª. Drª. Rosângela Dutra de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Josiane da Silva Maciel

“Subjetividade e trabalho rural: organização de trabalho de ribeirinhos em uma comunidade de Anori-Am.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na **Linha de Processos psicológicos e saúde.**

Aprovado em 15 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela
Profª. Drª. Rosângela Dutra de Moraes
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Marcelo Calegare
Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguiar Calegare
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Ana Claudia Leal Vasconcelos
Profª. Drª. Ana Claudia Leal Vasconcelos
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus avós, Francisco Maciel e Iracema (em memória), exemplo de força e perseverança. A meu avô por ensinar valores, princípios e incentivo aos estudos. À minha avó, por ensinar a fé, ter esperança na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, criador de tudo, fonte de toda sabedoria, autor da minha história; pelo amor, cuidado, que no decorrer da minha vida, mostrou que nunca estive só, colocando pessoas bondosas para me estender a mão, pela fé que me inspira a prosseguir e me faz vencer.

À minha família, minha maior riqueza. Aos meus pais, João Maciel e Suely, meu maior exemplo e inspiração de vida; especialmente minha amada mãe, que abnegou de viver junto para que eu pudesse estudar. Aos meus irmãos pelo amor recíproco, por acreditarem em tudo que faço. Aos meus amados sobrinhos, expressão da bondade e amor de Deus, por darem sentido à minha vida e a tornarem mais feliz.

Aos trabalhadores ribeirinhos, que me receberam com tanto carinho, e gentilmente aceitaram falar de seus trabalhos; pela permissão em observar o cotidiano de suas vidas, que tornou possível a construção deste trabalho.

De maneira especial, agradeço à minha amada orientadora, a quem tenho verdadeira admiração; sua generosidade e coração cheio de luz refletem em suas ações, em seus ensinamentos. Agradeço por ter acreditado neste trabalho, pelas palavras de incentivo, pelas orientações e pelas contribuições para a escrita e defesa desta dissertação.

À minha coorientadora, Socorro Nina, amiga preciosa, pela visão de mundo compartilhada, pela bondade e confiança, pelos seus sábios ensinamentos e conselhos indispensáveis que me fizeram refletir e enxergar a várzea como um lugar vívido; meu reconhecimento e especial gratidão. Agradeço também ao Centro de Referência Estadual em Saúde do Trabalhador do Amazonas - CEREST, lugar onde conheci excelentes profissionais que atuam coletivamente, articulam-se pelo sentimento de cooperação, promovendo assim em diferentes contextos, à saúde do trabalhador. Lugar marcado por muitos encontros, em que com maestria, Socorro Nina nos orientou durante toda a caminhada do mestrado. Ao coletivo do CEREST, meu muito Obrigada!

Aos meus amigos, Aldinei Lima, Beatriz Nascimento, Glauciane Maciel (prima), Débora Santos, Raysa Elaine, Renata Figueiredo, Daniele Pinho, Jéssica Lima, amigos mais chegados que irmãos, pelo compartilhamento de conhecimento, de fé, de oração. Deus foi tão bondoso comigo, quando colocou vocês na minha vida; meus sinceros agradecimentos. "O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade." (Provérbios 17:17).

Um agradecimento especial ao meu amigo, pastor Edivaldo Monteiro, homem de fé, que sempre me orientou nos momentos mais difíceis da vida, tornando minha caminhada menos árdua e mais repleta da presença de Deus.

À minha inestimável amiga Angelina Paiva, pela singular sensibilidade evidenciada nos momentos compartilhados, pela amizade que configura-se para além do âmbito acadêmico.

À professora Ana Cláudia Vasconcelos, por quem tenho enorme carinho, pelas orientações e por me apresentar a psicologia do trabalho, em especial a psicodinâmica do trabalho, meus sinceros agradecimentos. Porque desde que a conheci, tem me direcionado para a construção do conhecimento.

Aos professores, Marcelo Aguiar Calegare, pelas contribuições durante o exame de qualificação, por disponibilizar excelentes referências sobre o contexto ribeirinho e por gentilmente aceitar participar da minha banca de defesa. Lídia Ferraz, pela delicadeza de aceitar participar como membro suplente da minha banca de defesa; meu carinho é sincero.

À professora Claudia Sampaio, a quem tenho muita admiração. Suas aulas ainda na graduação, especialmente sobre a história de Severina-processos de metamorfose, marcaram minha vida acadêmica. Suas reflexões sempre me levam a olhar para o mundo com perspectivas transformadoras.

Ao coletivo do Laboratório Psicodinâmica do trabalho, pelo conhecimento científico compartilhado, pelos laços que se formam a partir da convivência e experiências; com quem aprendi o significado de cooperação e reconhecimento. Aos queridos amigos: Geresa Carvalho, Paulo Fonseca, Priscila Santana, Nádia Freitas, Francine Rebello, Aline Gomes, Giselle Menezes e Fernando Melo, pessoas engajadas, de espírito mobilizador. Obrigada pelo carinho, pelo conhecimento compartilhado, pelo apoio e torcida para que esta empreitada se concretizasse. Agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram neste processo, dentre outros, Carol Pinheiro e Tamara Menezes.

Aos colegas de turma do mestrado, pelos meses de estudos e discussão, pelos momentos vivenciados, pelo companheirismo e amizade.

À agência de fomento FAPEAM, (Fundação de Amparo à pesquisa no estado do Amazonas) pela bolsa de estudo. Ao Programa de Pós- Graduação em psicologia- PPGPSI, pelo apoio institucional.

“Ribeirinho”

*Ele acorda antes do sol,
Para mais uma jornada;
Isca, rede, anzol;
A tralha toda arrumada...*

*Toma o café matinal,
Faz a primeira oração;
O rio é seu quintal,
E a pesca, profissão!*

*Motor do bote ligado,
Rasgando águas turvas;
Se perdendo no traçado,
Desenhado pelas curvas...*

*Seguindo pelo leito,
Da bela estrada molhada;
Com esperança no peito,
E a fatura aguardada...*

*O medo dos temporais,
Velhas histórias engraçadas;
Contadas na beira do cais;
Rendendo boas risadas!*

*Vai, ribeirinho...
Para onde quer que rume!
Trilha teu caminho...
Atrás de mais um cardume!*

(O Eldoradense)

RESUMO

O trabalho rural configura-se em um contexto que possui multiplicidade de atividades, em que a organização do trabalho se constitui de peculiaridades e diversidades complexas, com diferentes formas de manifestação do modo de vida e situações do trabalho. A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem teórica metodológica situada no campo da pesquisa-ação, na qual estuda o trabalhador abarcando sua subjetividade. Este estudo tem como objetivo analisar a organização de trabalho e as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores rurais em uma comunidade ribeirinha no município de Anori- AM, destacando o real do trabalho do ribeirinho, buscando favorecer a compreensão do sofrimento e como se dá a promoção de saúde. Quanto ao método, caracterizou-se como abordagem qualitativa. Utilizou-se para a coleta dos dados: entrevista semiestruturada e a observação participante (diário de campo). Os participantes foram dez (10) trabalhadores (homens e mulheres) do local mencionado anteriormente. A análise de dados da pesquisa ocorreu pela sistemática de análise da adaptação realizada por Moraes (2010), inspirada na sistemática do Método de Comparação Constante- MCC. Como resultado, a organização de trabalho dos ribeirinhos, configura – se de modo peculiar, as atividades são desenvolvidas em uma dinâmica que compõe a terra, a água e o mato, organizam-se dentro de um contexto familiar, cujo o trabalho consiste primeiramente para a subsistência da família. O trabalho caracteriza-se como dividido e junto, porque ao tempo que se divide, o ganho com o trabalho tem como principal destino a subsistência da família. Os trabalhadores da comunidades, possuem diferentes atividades, algumas delas, pelas condições de trabalho, pela sazonalidade do rio Solimões, ocasionam dificuldades que são mencionadas pelo ribeirinho em algumas situações como sofrimento e adoecimento. O ribeirinho organiza seu cotidiano de trabalho articulando com a natureza; neste modo de vida é pelo viés da mobilização subjetiva, do saber fazer, e cooperação que subverte e enfrenta o real, e conquista o prazer ao vencer as adversidades. Assim, o trabalho rural configura-se como desafio para o ribeirinho, mas pela experiência vivenciada no cotidiano, este utiliza a sabedoria da prática, em todos os trabalhos que desenvolve.

Palavras-chave: Psicodinâmica do trabalho. Ribeirinho. Organização de trabalho. Trabalho rural.

ABSTRACT

Rural work is set in a context that has a multiplicity of activities, in which the organization of work consists of complex peculiarities and diversities, with different forms of manifestation of the way of life and work situations. The Psychodynamics of Work is a theoretical-methodological approach that is situated in the field of action research, in which the worker studies his subjectivity. This study aims to analyze the work organization and experiences of pleasure and suffering of rural workers in a riverine community in the municipality of Anori-AM, highlighting the real work of the riverine, seeking out to favor the understanding of suffering and how health promotion takes place. As for the method, it was characterized as a qualitative approach. Semistructured interview data and participant observation (field diary) were used for data collection. Participants were ten (10) workers (men and women) from the previously mentioned location. The data analysis of the aforementioned research was carried out by the systematic analysis of the adaptation performed by Moraes (2010), inspired by the systematic method of the Constant Comparison Method (MCC). As a result, the work organization of the riverside people is peculiarly shaped, the activities are developed in a dynamic that composes land, water and bush, are organized within a familiar context, whose work consists primarily of the subsistence of the family. The work is characterized as divided and together because, at the time that divides, the gain with work has as main destination the subsistence of the family. The workers of the communities have different activities, some of them, due to the working conditions and the seasonality of the Solimões River, cause difficulties that are mentioned by the riverside in some situations such as suffering and illness. The riverine organizes his daily work articulating with nature; in this way of life, it is through the bias of subjective mobilization, of know-how, and of cooperation that subverts and confronts the real, and conquers pleasure by overcoming adversities. Thus, rural work configures itself as a challenge to the riverine, but through experience in everyday life, he uses the wisdom of practice in all the works he develops.

Keywords: Psychodynamics of work. Ribeirinho. Work organization. Rural work.

LISTA DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS

Fotografias 1 a 2 - Representação fotográfica de parte da comunidade Ribeirinha que foi pesquisada.....	26
Fotografias 3 a 8 – Representação fotográfica de algumas das diferentes atividades de trabalho do trabalhador ribeirinho.....	27-28
Fotografias 9 a 10 – Representação fotográfica do rio Solimões na comunidade pesquisada.....	29
Fotografia 11 – Representação fotográfica do caminho, estrada do ribeirinho na comunidade pesquisada.....	40
Imagem 12 a 13 – Mapa referente ao Município de Anori-AM.....	40
Fotografia 14 – Representação fotográfica dos eventos anuais: enchente, cheia, vazante e seca na comunidade.....	42
Fotografias 15 a 16 – Representação fotográfica da casa de farinha na comunidade pesquisada.....	51
Fotografia 17 – Representação fotográfica: Algumas etapas de trabalho da farinha de mandioca.....	52
Fotografias 18 a 19 – Representação fotográfica da casa do ribeirinho na comunidade.....	54
Fotografia 20 – Algumas plantações que são feitas ao redor da casa do ribeirinho.....	55
Fotografia 21 – Representação fotográfica de um banco de madeira na margem do rio Solimões na comunidade pesquisada.....	56
Fotografia 22 a 23 – Representação fotográfica do paiol da participante da pesquisa.....	58

Fotografias 24 a 25 – Representação fotográfica do roçado da malva na comunidade.....	59
Fotografias 26 a 27 – Representação fotográfica do trabalho da pesca no lago-igapó.....	62
Fotografia 28 – Representação fotográfica do trabalho do corte da malva.....	63
Fotografias 29 a 30 – Representação fotográfica do trabalho da pesca no rio Solimões.....	64
Fotografias 31 a 32 – Representação fotográfica do peixe de escama e a farinha de mandioca, principais fonte de alimento do ribeirinho.....	65
Fotografia 33 – Representação fotográfica de algumas etapas do trabalho da malva.....	73
Fotografias 34 a 35 – Representação fotográfica da situação de trabalho da pesca no rio Solimões.....	77
Fotografia 36 – Representação fotográfica da situação de trabalho de lavar a malva.....	79
Fotografias 37 a 38 – Representação fotográfica do trabalho de tirar a mandioca da água, massa puba.....	80
Fotografia 39 – Representação fotográfica dos pequenos lagos, poças, trabalho da malva.....	82
Fotografias 40 a 41 – Representação fotográfica da situação de trabalho da farinha de mandioca.....	82
Fotografias 42 a 43 – Representação fotográfica do trabalhador chegando no lago e voltando para casa com o peixe.....	86
Fotografia 44 – Representação fotográfica da árvore e fruto do Catoré.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1	
1. REFERENCIAL TEÓRICO:.....	19
1.1 Estudos sobre o trabalho ribeirinho no Amazonas.....	19
1.2 Contexto histórico-cultural, modo de vida e organização de trabalho do ribeirinho.....	22
1.3 Psicodinâmica do Trabalho: o estudo da subjetividade.....	30
1.4 Psicodinâmica do trabalho no Brasil e na Região Norte: Um olhar sobre o Amazonas	32
1.5 Psicodinâmica do Trabalho: uma breve discussão acerca dos conceitos.....	34
CAPÍTULO II	
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	37
2.1 Campo de pesquisa.....	39
2.2 Participantes.....	42
2.3 Procedimentos e instrumentos para coleta de dados.....	45
2.3.1 Entrevista e Observação Participante.....	45
2.3.2 Análise dos Dados.....	46
2.4 Benefícios - princípios éticos.....	48
CAPÍTULO III	
3. RESULTADO E DISCUSSÃO: “É ASSIM A VIDA DA GENTE NO INTERIOR”..	49
3.1 O ribeirinho e seu trabalho.....	49
3.2 Organização de trabalho: “é assim o trabalho da gente”	60
3.3 Como se organizam para o trabalho: “É o que fazemos no interior”	65

3.4 Sofrimento, sinais e sintomas advindos das situações de trabalho: “É assim, sempre ataca essas mazelas em nós e não é fácil”	70
3.4.1 “O trabalho do interior é muito pesado, às vezes no sol quente, embaixo de chuva, tudo isso né a vida é dificultosa pra gente”	71
3.4.2 Sofrimento relacionadas as condições de trabalho apareceu pelas seguintes situações...	72
3.4.3 Sofrimentos relacionados a sinais, sintomas e formas de adoecimento.....	78
3.5 Prazer no trabalho: “Quando eu trabalho a alegria vem né, vem a saúde da gente”	83
3.6 Estratégia de enfrentamento: “É assim, a gente vive nessa luta no interior.....	87
3.6.1 Enfrentando as situações de doença com o saber tradicional das plantas medicinais: “É assim a nossa vivência”	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICES	
Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	108
Apêndice B – Termo de anuência prévia livre e esclarecida da comunidade	110
Apêndice C – Roteiro para a entrevista semiestruturada.....	111
Apêndice D – Termo de anuência do Laboratório Psicodinâmica do Trabalho- LAPSIC	112
ANEXO	
Anexo - Parecer Substanciado do CEP.....	114

INTRODUÇÃO

O trabalho rural no Amazonas é constituído por uma dinâmica contextualizada por uma organização de trabalho, com práticas que se desenvolvem conjuntamente com a terra, com a água e o mato. Compõe-se por pessoas ditas tradicionais, que possuem uma herança cultural com diversidades de saberes, que são compartilhados e efetivados no seu cotidiano.

Nesta perspectiva, trabalhar no contexto rural, nos leva a compreender que consiste em um lugar marcado por enorme diversidade ambiental, social, econômica e cultural. Historicamente falando, o trabalhador ribeirinho faz parte de um povo que se construiu na várzea amazônica, dotado de práticas, costumes, valores, crenças e conhecimentos tradicionais, cuja subjetividade se mostra pelo seu saber fazer no cotidiano de trabalho.

A implicação subjetiva deste estudo foi proveniente da nossa inserção no grupo de estudo do Laboratório Psicodinâmica do Trabalho – LAPSIC, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, pois este permitiu o diálogo, a aproximação e envolvimento com a temática: trabalho. Nesta direção, para conclusão da graduação, pesquisou-se a respeito do objeto “organização do trabalho”, sendo possível perceber que há uma dimensão complexa que envolve a inter-relação com a identidade e trabalho, história, cultura, modo de vida, gênero, ambiente, subjetividade.

Portanto, ao participar de algumas visitas e do processo de observação participante do campo rural da pesquisa de doutorado de Nina (2014), foi possível refletir e experienciar situações que nos fizeram voltar ao passado, à origem ribeirinha e lembrar acontecimentos que constituíram a nossa historicidade. Este passo foi decisivo para continuar pesquisando a respeito de organização de trabalho, porém agora, no contexto rural/ribeirinho.

Com isto, ainda na construção do projeto de pesquisa, surgiram alguns questionamentos: como se constitui a organização de trabalho do trabalhador ribeirinho? Como acontece a relação prazer/sofrimento/saúde? Como ocorre o reconhecimento? E quais são as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos ribeirinhos?

Assim, com base no conhecimento experiencial do modo de vida e vivências cotidianas do lugar, compreendeu-se que trabalhar no contexto rural configura-se como um verdadeiro desafio para o trabalhador, pois além de enfrentar situações próprias advindas do seu modo de vida, da sua cultura, das situações das enchentes, também enfrenta dificuldades

para receber seus direitos, como: situações relacionadas ao atendimento de saúde, benefícios previdenciários. Além disso, o sujeito é desprovido de infraestrutura; as políticas públicas não são efetivas; é desvalorizado economicamente e ainda assim, consegue encontrar meios de lidar com os imprevistos. De certo que neste processo há o engajamento de sua subjetividade.

Sabemos que o trabalho é um termo polissêmico e seu objeto possui múltiplas facetas. Historicamente é pautado por diversas correntes teóricas, com visões que abrangem não somente o contexto histórico, mas também o cultural, econômico e social. Nesta perspectiva, o trabalho tem ganhado visibilidade em decorrência de concepções que fomentam a possível emancipação do trabalhador.

Para Dejours (2012a), o trabalho não consiste apenas em uma atividade, está para além de produtividade, ancora-se nas relações sociais, é vivenciado na resistência de um mundo de poder e dominação que propaga sua invisibilidade, assim como, rouba a subjetividade do sujeito que trabalha.

O trabalho, no que tem de essencial, encontra-se na lacuna entre o prescrito e o real, no distanciamento dos procedimentos realizados por homens e mulheres na organização de trabalho. Esta última se constitui da divisão de trabalho, das normas, do controle do tempo, do conteúdo da tarefa, das modalidades de comando, da produtividade, dos sistemas hierárquicos, das regras, das normas, dos imprevistos etc. Neste contexto, estas situações e condições impulsionam o trabalhador a vivenciar constantes desafios diante do seu fazer, e ainda, se configura como um dos principais contribuintes para o sofrimento (DEJOURS, 1993/2011a).

Nesta direção, o objetivo geral da pesquisa consistiu em: analisar a organização de trabalho e as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores rurais em uma comunidade ribeirinha no município de Anori-AM, destacando o real do trabalho do ribeirinho, buscando favorecer a compreensão do sofrimento e como se dá a promoção de saúde. Além disso, teve como objetivos específicos: Caracterizar como se constitui a organização de trabalho dos trabalhadores rurais-ribeirinhos; Identificar as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores ribeirinhos; analisar as estratégias de enfrentamento e o processo de subversão do sofrimento com relação à saúde- adoecimento dos trabalhadores ribeirinhos.

A questão norteadora do projeto de dissertação consistiu no seguinte questionamento: O trabalhador ribeirinho da Costa do Ambé- comunidade São João, enfrenta algumas e diferentes dificuldades em sua atividade de trabalho, pois a maioria vive em lugares de difícil acesso, além de que todo o ano se defronta com as cheias e vazantes dos rios, fato que interfere no desenvolvimento de seu trabalho. E ainda, este trabalhador vive em um lugar ignorado pelo poder público, em diversos contextos, inclusive relacionado à saúde e as situações decorrentes do trabalho, em que não há reconhecimento do saber-fazer do trabalhador. Nesta dimensão, que envolve o contexto histórico, cultural, social e econômico, como se estabelece ou constitui a organização de trabalho e quais são os fatores que mais contribuem para vivências de prazer e sofrimento na dinâmica de trabalho dos ribeirinhos?

A pesquisa foi realizada na localidade Costa do Ambé - comunidade ribeirinha São João, localizada no município de Anori-AM. A área de pesquisa é denominada de várzea, configura-se como lugar de grande extensão de terra plana cultivável, banhadas pelos rios de água barrenta, o Rio Solimões. Este lugar passa por alagação e variação do nível da água dos rios anualmente. O município de Anori possui cerca de 20.538 habitantes, localiza-se a Oeste de Manaus, capital do estado, distando desta, aproximadamente 247 quilômetros. O acesso a este lugar se dá por via fluvial, somente por barco ou lancha. O tempo estimado do percurso de viagem de barco de Manaus para Anori é de aproximadamente 18 (dezoito) horas de barco e 6 (seis) horas de lancha.

Nesta perspectiva, o presente trabalho parte do arcabouço teórico da Psicodinâmica do Trabalho, abordagem que estuda a dimensão subjetiva do trabalhar. Para Dejours (2012b), trabalhar não é apenas produzir, é para a subjetividade uma provação que transforma, é a possibilidade que o trabalhador tem de ampliar sua subjetividade por meios de experiências, havendo a possibilidade de realizar-se enquanto sujeito. Para a Psicodinâmica do Trabalho, o desenvolvimento da subjetividade acontece na relação do sofrimento do trabalhador frente ao real do trabalho. Este último caracteriza-se como a não prescrição, o invisível, aquilo que o trabalhador emprega sua subjetividade para dar conta da sua atividade.

Neste contexto, pesquisar o trabalhador ribeirinho sob a ótica da Psicodinâmica do Trabalho é levar a possibilidade de falar de seu trabalho, por meio de uma abordagem que valoriza a dimensão subjetiva. Assim, o sujeito pode relatar suas vivências no trabalho, as adversidades enfrentadas em decorrência de várias situações, sejam estas advindas das

peculiaridades de como o ribeirinho se organiza para o trabalho, do modo de vida complexo, entre outros.

Assim, acredita-se que esta abordagem psicológica do trabalho propiciou relevantes contribuições para o trabalhador enquanto sujeito social, cultural, que, ao ser confrontado com o seu saber fazer, falou e deu visibilidade às reais condições de suas vivências e experiências do seu contexto de trabalho. O que se espera é que a fala promova reflexão e, de posse desta compreensão, o trabalhador tenha ampliado sua consciência, revendo situações que talvez não lhe permitiam caminhar e agir com autonomia e que, a partir da pesquisa, este possa buscar novas maneiras de realizar suas atividades, caminhando para a emancipação.

Diante disto, Moraes (2015), levando em consideração a subjetividade do trabalhador da Amazônia, menciona que este detém o saber do real do seu trabalho. Este sujeito é inteligente e capaz de rever e subverter suas condições de trabalho e propor melhorias frente as adversidades que se apresentam, mediante a lógica do mandonismo e coronelismo presente no imaginário dos detentores dos meios de produção, sobretudo no Norte do Brasil.

O caminho metodológico desta pesquisa foi de abordagem qualitativa. A Psicodinâmica do Trabalho, por ser epistemologicamente de cunho qualitativo, dialoga e apresenta fundamentação que contempla o desenvolvimento deste trabalho.

Os trabalhadores ribeirinhos abordados nesta pesquisa organizam-se para o trabalho em contexto familiar, cujo ganho ou lucro com o trabalho é destinado primeiramente para a subsistência da família. Realizam atividades especialmente na terra, na água e mata. Na primeira: trabalham na agricultura, plantam roça de mandioca, milho, feijão, batata, banana e outros. E ainda plantam malva e juta; pode-se dizer que estes dois últimos são a atividade da terra voltada totalmente para fins econômicos. A atividade realizada no espaço da água concentra-se na pesca de grandes e pequenos peixes. O trabalhador ribeirinho utiliza a mata para a retirada de madeira, para fazer lenha para usar em suas casas e também na casa de farinha, para caçar animais e aves para a alimentação. Algumas vezes vão até a mata para a retirada de plantas para uso medicinal.

Com o intuito de adquirir o máximo de informações sobre o tema da pesquisa foram utilizadas para a coleta dos dados: a entrevista e a observação participante. A técnica de entrevista foi semiestruturada, realizada com cada trabalhador individualmente. O roteiro

constituiu - se de perguntas previamente elaboradas por nós, cujo instrumento foi composto de perguntas abertas.

Nesta perspectiva, a Psicodinâmica do Trabalho - PDT, abordagem teórica desta pesquisa, trouxe excelente embasamento para o fenômeno que foi estudado. Para seu autor, Dejours (2017), a PDT consiste em uma teoria que busca obter compreensão das situações advindas do trabalho e os efeitos, salutar ou deletério, que pode vir propiciar ao funcionamento psíquico do trabalhador.

A Psicodinâmica do Trabalho é uma teoria que se constitui das relações subjetivas com o trabalho, se relaciona com outras disciplinas das ciências humanas e sociais, mas, sobretudo configura-se como uma prática. Esta tem ampliado cada vez mais suas investigações concernentes ao sujeito trabalhador. Seus estudos não estão voltados apenas para analisar o sofrimento e patologias relacionadas ao trabalho, pelo contrário, tem buscado mostrar que as condições de trabalho podem ser um propulsor de fonte de prazer, um gerador de saúde (DEJOURS, 2017).

Na estrutura desta dissertação, primeiramente será apresentado o capítulo I, contendo o referencial teórico baseado na Psicodinâmica do Trabalho, em seguida, o capítulo II, que trata do caminho metodológico deste trabalho, e depois, o capítulo III, com os resultados e discussões. Por fim, as considerações finais, pontuando situações que não foram possíveis ser discutidas nesta dissertação.

CAPÍTULO I

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico inicialmente apresenta-se um sucinto estado da arte e em seguida, expõe-se sobre contexto histórico-cultural, modo de vida e organização de trabalho do ribeirinho e por último, disserta-se o referencial teórico da abordagem Psicodinâmica do Trabalho.

1.1 Estudos sobre o trabalho ribeirinho no Amazonas

O “estado da arte” parte do levantamento de publicações, especificamente artigos, nas plataformas SciELO, Portal CAPES e dissertações na biblioteca digital da UFAM. Para a busca utilizou-se os três termos ao mesmo tempo: Ribeirinho, Trabalho e Saúde. O objetivo deste levantamento foi encontrar pesquisas realizadas com trabalhadores que moram em comunidades ribeirinhas na Amazônia ou região Norte do Brasil, fazendo uma relação com a saúde deste trabalhador.

Na base de dados da SciELO, foram encontrados dois artigos. O primeiro de Nascimento *et al.* (2016) tratava-se de uma pesquisa realizada com ribeirinhos idosos. Este teve como resultado a explicação de que por causa de algumas doenças, o idoso passou ter limitações funcionais, causando à redução da disponibilidade para o trabalho. E ainda, mesmo diante das limitações, o idoso detinha estratégias de enfrentamento, como suporte familiar e religioso. No segundo artigo, a pesquisa de Aguiar (2006) também foi realizada com ribeirinhos, o estudo objetivou estudar a relação nutricional e adaptação alimentar de ribeirinhos, particularmente em áreas de pesca artesanal. O artigo não apresenta relação com trabalho e saúde. Assim, os dois artigos foram realizados em comunidades ribeirinhas, porém não voltaram o olhar para o sujeito trabalhador e nem para situação de saúde do trabalhador.

No Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, dos dezessete artigos encontrados, quatorze estão publicados em inglês e apenas três em português. Das dezessete publicações, oito foram realizados no Estado do Pará, dois em Rondônia e seis em diferentes estados, aparecendo assim, apenas um realizado no Amazonas.

Com relação às oito publicações do Estado do Pará, seis trabalhos foram realizados com ribeirinhos. A pesquisa de Sousa *et al* (2016), buscou conhecer as apropriações e usos alimentares do fruto de miriti no contexto rural e urbano em Abaetetuba – Pará. Freire *et al* (2013), analisou como se configura as atividades acadêmicas no cotidiano de crianças ribeirinhas participantes do programa bolsa família. Silva *et al* (2010), descreveu sobre papéis de gênero em um estudo realizado com dois casais ribeirinhos. Em um outro estudo, Silva *et al* (2010), a partir de um instrumento de investigação (questionário de Rotinas Familiares – QRF), analisa rotinas de famílias que vivem em uma comunidade ribeirinha da Amazônia. A pesquisa de Aguiar (2006), sobre nutrição alimentar dos ribeirinhos, é a mesma encontrada e descrita na plataforma SciELO. A respeito dos outros dois: no primeiro, Costa Oliveira (2016), foi analisada a violência sexual contra criança indígena e no outro, Teixeira e Alves (2008), investigou-se a relação do brincar urbano das crianças do Pará. Ademais, entre oitos publicações, apenas uma, Fleischer (2012), tratava do trabalho das parteiras ribeirinhas, mas em uma perspectiva do cuidado, não apresentando referenciais teóricos para abordar a questão da atividade de trabalho. Além disso, os oito artigos mencionados, nenhum investigou a saúde do trabalhador ribeirinho.

O único artigo do Amazonas foi sobre uma pesquisa em comunidade ribeirinha, contudo, não tratou de situações do trabalho. A pesquisa, Schutz *et al.* (2014), estudou sobre a sobredeterminação (pluralidade de fatores), da saúde da ruralidade e o processo saúde/doença em comunidades ribeirinhas do município de Humaitá-AM.

Entre as publicações encontradas, duas pesquisas foram realizadas em Rondônia. A primeira, Franco *et al.* (2015), analisou como se configura as políticas públicas e a efetivação da promoção da saúde para o ribeirinho. A segunda publicação, de Machado *et al.* (2010), consiste em um relato de experiência sobre formação educacional, utilizando a telemedicina como recurso tecnológico para a promoção e prevenção em saúde. As duas pesquisas foram realizadas com ribeirinhos, entretanto, também não foram relacionadas com trabalho e saúde.

As outras seis pesquisas não ocorreram na região Norte, sendo estas: uma publicação, de Castro *et al.* (2017), em celebração ou homenagem aos vinte anos da revista Interface, acerca de pesquisas em saúde; as outras cinco em Estados distintos. Em São Paulo, Dictoro e Hanai (2016), objetivaram identificar e analisar as possíveis relações de ribeirinhos com a água e com o rio, buscando compreender qual a percepção ambiental sobre a conservação da água, sendo realizada no Rio Mogi-Guaçu. Em Mato Grosso, o estudo de

Silva *et al* (2017), teve como objetivo diagnosticar as atividades socioeconômicas e produtivas realizadas nos assentamentos da região Sudoeste mato-grossense. Em Montes Claros – MG, Nascimento *et al* (2014), objetivaram avaliar os teores de metais pesados no solo e em plantas de girassol. No Paraná, Rampazo e Ichikawa (2013), investigaram sobre os ribeirinhos, porém na perspectiva, de deslocamento e identidade. No Pantanal Mato – Grossense, na pesquisa de Valentini *et al* (2011), foi a única das seis pesquisas que menciona a questão do trabalhador ribeirinho, mas fazendo relação aos impactos ambientais. Ressalta-se que nenhuma destas pesquisas tratou a questão do trabalho do ribeirinho e nem fez relação com sua saúde.

No Sistema de Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas - SISTEBIB pesquisou-se os três termos no campo de busca: Ribeirinho, Trabalho e Saúde. Apareceram 3.172 dissertações, no entanto foi realizado outro levantamento, correspondentes aos anos de 2016 a 2018 que teve como resultado 859 dissertações. Assim, devido ao grande volume de pesquisas encontradas, e por causa da dificuldade em selecionar os trabalhos que tratam especificamente dos termos abordados, priorizou-se as produções (dissertações) entre os anos de 2017 a 2018. Ainda assim, levantou-se um número de 454 dissertações.

Ao fazer a análise na base de dados supracitada, percebeu-se que há diversas dissertações publicadas sobre comunidades ribeirinhas, porém das 361 dissertações referentes ao ano de 2017, apenas quatro foram realizados com ribeirinhos no contexto do trabalho. O primeiro de Ladislau (2017) em que se estudou o perfil socioeconômico e o etnoconhecimento dos pescadores artesanais do município de Barcelos–AM, sendo analisadas as técnicas de captura, problemas existentes na atividade no contexto de informações biológicas, tais como: alimentação e reprodução. No segundo, Oliveira (2017) analisou a previdência e quais as principais dificuldades do pescador no que diz respeito ao acesso aos direitos previdenciários, além da falta de infraestrutura para o trabalhador pescador comercializar seu pescado. No terceiro trabalho, Porto (2017) buscou conhecer e entender a atuação do trabalho informal no ramo alimentício de salgados nos municípios fronteiriços de Tabatinga e Benjamin Constant, este foi classificado como trabalho rural e não ribeirinho. No quarto trabalho, Azevedo (2017) analisa o trabalho infantil dentro da agricultura familiar e em seu modo de vida, a partir dos aspectos que permeiam o seu cotidiano no município de Parintins-AM. Todas as quatro pesquisas supracitadas abordaram o tema trabalho, no entanto, nenhuma fez referência ao contexto subjetivo da relação trabalho e saúde que envolve o trabalhador.

Com relação às dissertações concernentes ao ano de 2018, foram encontradas apenas três que fazem relação com os termos estudados. Uchôa (2018) estudou a relação entre trabalho e educação, modo de vida e costume dos camponeses na Comunidade Nogueira, no município de Alvarães-AM. A pesquisa de Bezerra (2018) abordou o pescador e como acontece a comercialização da pesca entre as cidades e vilas no município de Jutai-AM. A dissertação de Souza (2018) analisou as estratégias de uso, captura e formas das redes de pesca empregadas pelos pescadores comerciais da costa do Canabuóca, Manacapuru-AM. Assim, as três pesquisas aqui descritas foram realizadas com ribeirinhos, tratam a questão do trabalho, mas não a categoria trabalhador, sequer a saúde.

Em suma, percebe-se que em todo este levantamento, sobretudo com relação à biblioteca digital da UFAM e produções científicas realizadas pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, que há muitas pesquisas realizadas em comunidades ribeirinhas no Amazonas, mas a maioria está voltada para estudar a questão ecológica, ambiente, cultura, saúde da população cabocla, modo de vida, comunidades tradicionais, agricultura familiar, sustentabilidade, identidade amazônica. Os temas encontrados são extremamente relevantes e de grande contribuição para o meio acadêmico, para o sujeito da pesquisa e sociedade como um todo, porém, percebe-se uma lacuna, no que tange o olhar voltado para o sujeito trabalhador.

1.2 Contexto histórico-cultural, modo de vida e organização de trabalho do ribeirinho.

A Amazônia configura-se dentro de um contexto, cuja realidade é multifacetada, seja em sua dimensão regionalizada, como em suas formas de conexão com o mundo. Para falar da Amazônia, da cultura, do modo de vida e outros, se faz necessário olhar pelo contexto complexo que envolve dentre outros: indivíduo, natureza, pois se refere a um contexto de múltiplas interpretações que engloba indagações inesgotáveis, no que tange à fonte de conhecimento (TORRES, 2011).

A região Amazônica é marcada por pluralidade cultural, e falar de ribeirinho é explicitar uma população tradicional que vive em comunidades rurais, às margens dos rios, povos que possuem características diversificadas, advindas de um processo histórico, com cultura diferenciada, e sobretudo, complexa. A população ribeirinha possui rica diversidade, apresenta diferentes manifestações socioculturais, porque carrega em seu arcabouço histórico,

aspectos simbólicos e naturais que integram e constituem sua realidade social. (CALEGARE, 2012).

Para Wagley (1957/1988), as culturas não são propagadas mecanicamente, porque historicamente se formam e se desenvolvem na difusão de empréstimos de outras culturas, se modificam e os elementos envolvidos ganham novas normas de significação. Neste sentido, para compreender a cultura amazônica, se faz necessário buscar os acontecimentos do passado para que se possa entender como se dá a cultura contemporânea. Nesta direção, o autor menciona que, ao estudar o modo de vida, consegue-se perceber indícios de situações que permeiam a cultura. De posse deste conhecimento, torna-se possível atuar e contribuir para o processo de transformação para melhorar o modo de vida do homem Amazônico, pois este, segundo Lira e Chaves (2016) é constituído por um processo de conexões históricas entre diferentes povos e etnias, por vários processos de colonização e miscigenação em que a sua identidade se mostra por manifestações no seu modo de vida, pautado por uma herança advinda de valores socioculturais e sócio - históricas da região amazônica. Para Diegues (2000, p. 88), um dos critérios mais importantes para definição de cultura ou populações tradicionais, além do modo de vida é, sem dúvida, o reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular.

Para contextualizar o ribeirão, apresenta-se um pouco da sua história. Wagley (1957/1988) menciona que houve na Amazônia, no fim do século XIX, um fluxo grande de pessoas. Estima-se que em 1879, a população de Manaus era de 5.000 pessoas, e que em 1890 atingira 50.000. Segundo o autor, entre 1850 a 1900, calcula-se que a população do vale amazônico dobrou.

Nesta perspectiva, Fraxe *et al.* (2009) comenta que o período áureo da borracha foi um momento considerado histórico, pois havia na Amazônia, desde os primeiros anos de sua colonização, escassez de força de trabalho, um cenário que atraiu um número significativo de pessoas para Amazônia. E ainda, a situação do crescimento e demanda da borracha no mercado internacional, fez com que surgisse a necessidade de enviar trabalhadores para realizarem suas atividades em seringais distantes e ainda não explorados. Neste sentido, intensificou-se a corrente migratória para a Amazônia, que recebeu pessoas de diferentes localidades do mundo, sobressaindo-se os nordestinos.

Segundo Wagley (1957/1988), a supervalorização da borracha ocorreu entre os anos de 1900 a 1912; nesta época o vale do Amazonas possuía o monopólio da produção da borracha. Os homens da Amazônia viviam anos de prosperidade, havia uma grande busca pelo chamado ouro líquido (borracha). O autor menciona que Henry Wickham Steed roubou as sementes da borracha e levou para Kew Gardens em Londres. Estas sementes deram origem às plantações de borracha de Ceilão e Malásia. O autor retrata ainda, que em 1909, os homens da Amazônia viviam despreocupados e declaravam que não havia motivo para preocupações concernentes as plantações que surgiram na Ásia. Contudo, em 1910, percebeu-se que as plantações orientais começaram a produzir resultados.

Nesta direção, em 1912, aconteceu um verdadeiro colapso na indústria da borracha na Amazônia, ocasionando um choque para seus habitantes. Esta situação desmontou toda estrutura econômica, atingindo especialmente Manaus, proporcionando vários desastres econômicos que atingiu os comerciantes rurais e seus seringueiros. O comércio, casas e ruas ficaram totalmente abandonadas. Diante desta situação, os seringueiros deixaram as plantações de borracha e muitos voltaram para o Ceará, enquanto outros se estabeleceram nas terras como pequenos lavradores (WAGLEY, 1957/1988). Segundo Fraxe *et al.* (2009), com o fim da economia da borracha, os seringueiros envolvidos na sua extração, migraram para as margens dos rios e floresta para se tornarem agricultores.

Ressalta-se que não se sabe quanto tempo, mas a população indígena já habitava a região Amazônica antes dos ribeirinhos. Para Porro (1995), todos os índios do Brasil são originários da Ásia e possivelmente da Oceania. De acordo como autor, provavelmente as migrações que levaram o povoamento da América, começaram há mais de 40 a 50 mil anos. Nesta perspectiva, foi somente em 1542 que a calha Amazônica foi oficialmente reconhecida. Assim, a sociedade indígena de cada região Amazônica só poderá ser referida a partir da época que cada uma foi contatada e descrita. Dentro deste contexto se desenvolveu o homem e a sociedade amazônica, ao longo de um imenso processo histórico.

Desta forma, muitas das práticas dos ribeirinhos são procedimentos advindos de um processo histórico, deixado por tradições indígenas. A respeito disto, Mendonça *et al* (2007) comenta:

Na Amazônia o conhecer, o saber, o viver e o fazer, foram processos predominantemente indígenas. A esses valores foram sendo incorporadas por via de adaptação, assimilação, competição e difusão, novas instituições, técnicas e

motivações transplantadas pelos seus colonizadores e povoadores, além de novos valores aqui aportados por imigrantes nordestinos e de outras regiões brasileiras (p.94).

Segundo Silva (2006), a população cabocla é considerada povo tradicional que vive em áreas rurais da Amazônia brasileira. Geneticamente se configuram como tri-híbrida, pois sua origem tem consonância genética de grupos indígenas, africanos e europeus na região Norte do Brasil. Esta população tem como principal atividade de subsistência: a pesca, a agricultura, a extração de produtos florestais, a caça, a criação de pequenos animais domésticos e o comércio.

Calegare (2012) menciona que a Amazônia se constitui por aspectos que estão dentro de um contexto complexo, pertencente a um território multicultural. Os povos de comunidades ribeirinhas possuem uma cultura diferenciada, repleta de aspectos simbólicos, naturais, socioculturais e múltiplas identidades regionais que fazem com que sua realidade de vida possua significados próprios.

Nesta perspectiva, fruto de um processo de miscigenação entre o índio, branco e o negro, tendo como herança aversiva dos colonizadores portugueses, o termo “caboclo” é tido em algumas literaturas e no dicionário, como uma expressão pejorativa. Esta situação culmina para divergências de conceitos e múltiplas interpretações de autores, fato comumente discutido academicamente. Corrobora-se que o uso do termo caboclo geralmente é usado de maneira equivocada por lideranças políticas locais, fato este, que discrimina e ridiculariza o homem ou sujeito amazônico (FRAXE *et al.*, 2009).

Para estudar comunidades tradicionais é necessário compreender que se trata de pessoas que realizam suas atividades em uma perspectiva de pequena produção mercantil, pois apesar de produzir mercadoria para venda, garantem sua subsistência pela pequena agricultura, pesca e extrativismo. Nesta o trabalho assalariado não é determinante, e sim ocasional porque prevalece o trabalho autônomo e familiar (DIEGUES, 2000).

Sobre a vida em comunidade, imagina-se um lugar agradável, protetor, que transmite segurança, cuja organização preza pelo viver junto, partilhando as coisas e as pessoas recebem e oferecem ajuda sem interesses individuais. Contudo, esse tipo de comunidade apresenta-se apenas no imaginário. Na verdade, esta se constitui como um mundo longe do nosso alcance, lugar em que se tem esperança, perspectiva de possuir um dia, exatamente porque se

configura como um lugar complexo, que está em constante movimento, em que, até a cultura ganha novas configurações (BAUMAN, 2003).

Para Brandão e Borges (2014), comunidade é um lugar social, em que pessoas, famílias e redes de parentes ao viver suas vidas dão sentido a ela, e fizeram de um espaço da natureza um lugar para habitar. Comunidades são unidades tradicionais de vida e trabalho compostas por pessoas com saber próprio; são tradicionais porque possuem ancestrais, tradição de memórias próprias. Sua história é construída, e só pode ser narrada porque ela existe em um lugar. E, ainda, as comunidades são unidades culturais conectadas com o mundo.

As comunidade tradicionais se desenvolvem dentro da lógica de uma organização comunitária, social, política e cultural. Nas populações tradicionais, as atividades geralmente são realizadas pela perspectiva da coletividade, estabelecidas por estratégias que se consolidam por meio da solidariedade e ajuda mútua, cuja práticas são alicerçadas dentro do contexto dos conhecimentos tradicionais. Nelas comumente as pessoas enfrentam as situações de doença fazendo uso de plantas medicinais (LIRA; CHAVES, 2016).

Para Nina (2014), falar do rural amazônico é compreender que este conceito possui historicidade, e também produto de relações que se constituem a partir de um processo histórico e cultural. Também é entender que estes lugares contam sua própria história, exatamente porque os povos que os habitam com modo de vida peculiar, vivem em um sistema dialético, no qual as dinâmicas das relações passam por um processo de construção e transformação, seja nas práticas e vivências, assim como na organização e processo de trabalho. As fotografias 1 a 2 são referentes a comunidade pesquisada.

Fotografias 1 a 2 - Parte da comunidade Ribeirinha que foi pesquisada.



Fonte: Maciel (2018)

Conforme Silva (2015), no modo de vida e a partir da organização de trabalho do ribeirinho, são reveladas suas práticas de trabalho. Assim, a agricultura de subsistência consiste no plantio de: mandioca, macaxeira, milho, feijão, melancia, jerimum, banana etc. Os ribeirinhos criam também animais de pequeno porte, tais como: galinha, pato e outros. Ressalta-se que todo o plantio é destinado à sobrevivência da família e o excedente destinado à comercialização. A autora menciona ainda, que há também o plantio da malva e da juta, espécie não alimentar presente na unidade da roça. Estas são constituídas de fibras vegetais que servem como matéria-prima para: a fabricação de papel, vestuário, cordas, cortinas, fios, forração de estofados, lonas e outros. A pesca é uma prática comum entre os povos da Amazônia, esta é exercida nos rios, lagos, paranás e outros. A seguir as fotografias de número 3 a 8 apresentam algumas das atividades dos ribeirinhos da comunidade pesquisada.

Fotografia 3 a 8 – Representação fotográfica de algumas das diferentes atividades de trabalho do trabalhador ribeirinho.



Plantação de mandioca



Plantação de banana



Plantação de jerimum



Plantação de milho



Fonte: Maciel (2018). Plantação de malva



Plantação de batata

O modo de vida do caboclo ribeirinho amazônico se configura de maneira peculiar, no que diz respeito aos aspectos como: habitação, meio de transporte, instrumento de trabalho, hábitos alimentares, religiosidade e outras particularidades sociais. O ambiente desta população apresenta muitas adversidades, cujas contingências políticas e econômicas são bastante desfavoráveis, fato que contribui para a desvalorização do seu processo histórico, assim como para o desmerecimento, no que tange seu modo de vida e sua identidade (CALEGARE, 2010).

O rio Solimões é marcado por diversos significados e possui uma dinâmica (cheias e vazantes) que afeta as práticas e o modo de vida do ribeirinho. O rio é essencial para o cotidiano do ribeirinho, pois temos: fontes de alimento, tais como a água para beber; o peixe, como atividades de sua subsistência; lugar em que também se lavam as roupas e louças; a via de transporte para outras comunidades, cidades e outros. Na comunidade que será pesquisada, há também a pesca comercial. Os pescadores capturam peixes, como por exemplo: a dourada, pirarara, surubim, mapará. Com isto, o ribeirinho daquela região tem mais uma fonte de renda para sustentar a família.

Para Cruz (2008), no que tange a identidade da população Amazônica, o ribeirinho sempre é lembrado como o que há de mais típico da cultura regional. Neste processo, o rio é tido como um dos fatores mais importantes da sua origem, da cultura e geografia da região, pois foi através dele, por via fluvial, que aconteceu o povoamento do ribeirinho. Percebe-se que do rio vem um dos principais meios de subsistência, é também a única via de transporte, como demonstrado na fotografia de número 9 a 10.

Fotografia 9 a 10 – Representação fotográfica do rio Solimões da comunidade pesquisada.



Fonte: Maciel (2018 – 2019)

Refletir sobre o modo de vida na Amazônia é imprescindível para a compreensão da existência de dois espaços sociais tradicionais de cultura: o espaço urbano e o rural. Embora o espaço da vida rural seja identificado como: campo, áreas dispersas, com múltiplas faces, cujo modo de vida é marcado por singularidades e especificidades, está conectado com o espaço urbano em uma relação complexa que envolve questões de historicidade, cultura, política, econômica e outras. Desta forma, o urbano e rural configura-se em um processo de sistema dialético em que as dinâmicas das relações passam por um processo constante de construção e transformação, assim sendo, não pode ser visto como algo concluído (NINA, 2014).

Para Calegare (2012), nos dias atuais pensar em uma atuação coerente e efetiva referente às demandas advindas das comunidades ribeirinhas, se faz necessário conhecer e, sobretudo buscar integrar e articular saberes e também esforços práticos-teóricos e inovadores. É relevante uma ação pontual e contextualizada que envolva a conjuntura: acadêmica, política, povos e comunidades tradicionais, entre outros. Diante disto, Rogoff (2005) comenta que para o pesquisador é muito importante considerar as práticas e visões de mundo de diferentes comunidades, pois estas podem ajudar a lidar com os vários desafios daquela região. Com isso, não adianta estudar a cultura e seus processos se não forem levadas em consideração as contribuições das pessoas envolvidas no contexto.

Em suma, acredita-se que a população ribeirinha ao longo de sua história, por conta do contexto cultural, político, econômico e social, vem vivenciando processos de mudanças e

transformações, no que diz respeito às dinâmicas relacionadas ao seu modo de vida, aos processos identitários, sobretudo ao mundo do trabalho.

Na comunidade que será investigada, o processo de trabalho acontece de modo familiar. Percebe-se que não há uma organização rígida do trabalho, porém, mesmo se tratando de comunidade, dependendo da localidade, os comportamentos diferem umas das outras, o que se faz em uma, pode ser feito totalmente diferente em outra comunidade; assim, precisam ser analisadas no contexto do lugar. Neste sentido, pretende-se compreender como se configura a organização de trabalho do trabalhador ribeirinho.

A importância de estudar estes trabalhadores rurais consiste na compreensão de que as atividades desenvolvidas situam-se em um campo de trabalho múltiplo e complexo, assim sendo, não é pertinente analisá-lo de maneira isolada. Pelo contrário, se faz necessário olhar e enxergar os contextos que envolvem as relações, o modo de vida, as situações do trabalho, na perspectiva de uma teoria que alcance os fenômenos que envolvem a subjetividade.

1.3 Psicodinâmica do Trabalho: o estudo da subjetividade

Para compreendermos a Psicodinâmica do Trabalho deve-se considerar a significativa trajetória histórica da Psicopatologia do Trabalho e suas contribuições, pois mesmo não conseguindo responder determinadas questões que surgiram no mundo do trabalho, esta abriu caminhos para que fosse possível estudar o homem em um contexto mais complexo, que alcançasse sua subjetividade. Assim sendo, ao longo dos anos, a Psicodinâmica do Trabalho passou por alguns processos de mudança. Nesta direção, nos anos de 1950-1960 alguns autores, dentre os principais: L. L. Guillant, C. Veil, P. Sivadon, inauguraram a Psicopatologia do Trabalho. Guillant, ainda nos anos 50, realizou estudos e conseguiu estabelecer relações entre trabalho e psicopatologia (DEJOURS, 1993/2011a).

Ainda nas décadas supracitadas, a Psicopatologia do Trabalho tinha como perspectiva o modelo causal implícito ou explícito que conjecturasse que talvez as alternâncias decorrentes no trabalho eram responsáveis em propiciar os distúrbios psicopatológicos. Fomentava que o trabalho, sobretudo o trabalho industrial, era o principal causador de dano ou agravo à saúde mental. Apoiando esta perspectiva e pela influência da Medicina do Trabalho a pesquisa clínica se dedicou a detectar síndromes e doenças mentais características (DEJOURS, 1993/2011a).

Durante os anos 1970, Dejours (1993/2011a) menciona que a Psicopatologia destinava-se a compreender a relação entre o homem e a organização do trabalho, pois compreendia que esta última propiciava certos estranhamentos ao trabalhador. Esta abordagem também percebia, sobretudo pela força do taylorismo-fordismo, que a relação entre o homem e o trabalho se configurava dentro de um contexto de nexos conflituosos. Por um lado, havia a indústria que se posicionava rigidamente, fazia restrições aos trabalhadores. Em contrapartida, existia o trabalhador, que mesmo não exercendo sua liberdade, divergia das ordens advindas da organização do trabalho.

Para Dejours (1993/2011a), no decorrer dos anos 1980, a Psicopatologia do Trabalho, cada vez mais, afasta-se de um modelo psicopatológico causal, construindo assim, um novo olhar, no que diz respeito à organização do trabalho. Desta forma, o autor amplia suas investigações ao perceber que os homens não eram passivos, no que tange aos constrangimentos advindos da organização. Com isso, os pesquisadores passaram a perceber que os trabalhadores mesmo diante dos danos propiciado pela organização, e apesar do sofrimento, eram capazes de se proteger e exercer sua liberdade construindo estratégias defensivas individuais e coletivas.

As estratégias de defesa, sejam individuais ou coletivas, na relação com o trabalho são percebidas quando o trabalhador tende a negar a percepção da realidade. Olhando pelo viés positivo, as estratégias protegem a saúde mental, bem como evitam descompensações psicopatológicas frente às situações desestabilizadoras proporcionadas pela organização de trabalho. Por outro lado, pelo o olhar negativo, as defesas podem revelar-se insuficientes e o trabalhador passa a conviver dentro de um contexto de servidão voluntária. Apesar de se manter protegido das descompensações, o sujeito não consegue atuar no processo contra a dominação, assim não há o processo de transformação concernente às adversidades do mundo do trabalho (DEJOURS, 2012b).

Para Moraes (2015), as estratégias de defesa se encontram em um campo de ambivalências: de um lado, o sujeito se defende do sofrimento advindo dos constrangimentos propiciados pela organização; do outro, apresentam-se como resistência à mudança, não demonstram qualquer iniciativa ou ação, situação que conduz à OT deletéria.

Na década de 1980, a atenção da psicopatologia centrava-se na análise das questões relacionadas ao processo de luta dos homens e das mulheres na preservação do equilíbrio

mental. Surge então a “normalidade”, em detrimento as várias situações patógenas propiciadas pela organização de trabalho (DEJOURS, 2012b).

Para Dejours (1993/2011a), a psicopatologia ao procurar compreender o comportamento dos trabalhadores frente às estratégias defensivas, se veem diante de um enigma chamado “normalidade”, esta conceituada como estratégia complexa e rigorosa e também, saída precária entre o sofrimento e a defesa para minimizar o sofrimento. Ainda, concernente ao fenômeno normalidade, Vasconcelos (2015) afirma que esta surgiu do questionamento das defesas usadas pelo sujeito na dinâmica da relação entre organização de trabalho e doença mental. A autora menciona ademais, que a normalidade se configurava como um enigma ao equilíbrio instável entre o sofrimento e defesas utilizadas pelo trabalhador.

Segundo Dejours (1993/2011a; 2012b) a Psicodinâmica do trabalho, área de conhecimento que se diferenciou da Psicopatologia do Trabalho, deslocou seus questionamentos da patologia à normalidade e centrou sua investigação na clínica. Em 1993 o autor da nova disciplina criou o seu quadro teórico, que se configura como:

Antes uma disciplina clínica que se sustenta na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental. É, em seguida, uma disciplina teórica que se esforça por inscrever os resultados da pesquisa clínica da relação com o trabalho em uma teoria do sujeito que observe, a um só tempo, a psicanálise e a teoria social (DEJOURS, 2012b. p. 23).

Para Vasconcelos (2015), no que se refere ao processo evolutivo da Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento deixou de ser visto como um processo que sempre evolui para a doença, pelo contrário, considera-se que o sujeito pode enfrentar, assim como negociar com a organização de trabalho. É fato que o sofrimento existe, porém pode se converter em criação, ou seja, o sofrimento pode vir a ser criativo, possibilitando ao sujeito resistência contra as adversidades, fortalecendo sua identidade, mediando à saúde.

1.4 Psicodinâmica do trabalho no Brasil e na Região Norte: um olhar sobre o Amazonas.

Segundo Facas *et al* (2017), como uma abordagem de indagação e reflexão, não como um campo propriamente dito de produção de conhecimento, na década de 1980, a Psicodinâmica do Trabalho entra no Brasil, pela significativa contribuição dos ergonomistas.

Assim, dentre outros pesquisadores vinculados a área da ergonomia, da engenharia, ressaltamos na área da saúde no Brasil, a importantíssima contribuição de Seligmann-Silva, pois, realizou diversas pesquisas na perspectiva da temática trabalho e saúde mental, fazendo referência da abordagem Psicodinâmica do trabalho, sendo assim, pioneira, pois a autora traz, apresenta e destaca a PDT no meio científico brasileiro. Dentre seus vários trabalhos, temos: Crise Econômica, Trabalho e Saúde Mental (SELIGMANN-SILVA, 1986).

Neste contexto, desde os anos de 1990, vem sendo usada por diversos pesquisadores, tornando-se efetiva na psicologia após o ano de 2007, com a criação do primeiro Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho – LPCT da Universidade de Brasília - UnB, cuja coordenadora era a professora Dra. Ana Magnólia Mendes. A partir deste, a Psicodinâmica do Trabalho tem crescido e ganhado visibilidade, pela eficiência e eficácia de sua aplicabilidade (FACAS *et al.*, 2017).

Ressalta-se ainda, o Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho – LPDT, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pelo prof. Dr. Álvaro Roberto Crespo Merlo, um dos pesquisadores pioneiros no Brasil a dedicar-se a PDT. As atividades do laboratório supracitado iniciaram no ano de 2006 e neste, estão vinculados outros grupos com respectivos laboratórios (MONTEIRO *et al.*, 2017).

No Amazonas, o trabalho pioneiro é da prof. Dra. Rosângela Dutra de Moraes, em que no ano de 1998, apresentou em Manaus, sua pesquisa de mestrado que explicitava aspectos subjetivos do trabalho de operários da Zona Franca de Manaus. Esta pesquisa contribuiu para discussões concernentes a subjetividade e trabalho na Amazônia. A expansão da Psicodinâmica do Trabalho na Região Norte veio acontecer a partir da criação e formação de grupos de pesquisas, destacando-se em Manaus-AM, o Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho – LAPSIC. Este localizado na Universidade Federal do Amazonas iniciou suas atividades no ano de 2008 e foi formalizado no ano de 2010, tendo como coordenadoras as professoras: Rosângela Dutra de Moraes e Ana Cláudia Leal Vasconcelos. O LAPSIC conta com parcerias, dentre as principais está o Centro de Referência Estadual em Saúde do Trabalhador – CEREST-AM, formalizado a partir de um termo de cooperação técnica no ano de 2009 e efetiva-se pela participação da professora Dra. Socorro de Fátima Moraes Nina. Esta realizou a pesquisa: “Trabalho, ambiente e saúde: cotidiano dos fazeres da mulher rural na Amazônia”, sendo este o primeiro trabalho do contexto rural do Amazonas utilizando a

abordagem teórica Psicodinâmica do trabalho (MORAES *et al.*, 2017). Assim sendo, foram realizadas no LAPSIC até o ano de 2018, trinta e seis pesquisas.

É importante ressaltar que a Psicodinâmica do Trabalho possui sua própria metodologia, porém, no Brasil, há diversas pesquisas em que os pesquisadores fazem uso tanto da teoria, quanto do método a clínica do trabalho. Outros pesquisadores apenas se apropriam da teoria e fazem adaptações concernentes ao método, sendo que os resultados das pesquisadas tem se direcionado por caminhos que propiciam emancipação do sujeito da pesquisa e também do pesquisador. (FACAS *et. al*, 2017).

1.5 Psicodinâmica do Trabalho: uma breve discussão acerca dos conceitos

Na perspectiva da Psicodinâmica do trabalho, para melhor compreensão, serão descritas algumas categorias, como: organização de trabalho, estratégia defensiva, sofrimento, cooperação, reconhecimento, prazer no trabalho. Nesta direção, a teoria se propõe a estudar o ser humano em um contexto mais amplo e complexo, considerando sua subjetividade, ou seja, busca compreender o trabalhador por meio do prisma da antropologia, da sociologia do trabalho, da psicologia do trabalho, psicanálise, da ergonomia da atividade, e outros. Para tanto, esta abordagem se efetiva na inter-relação com algumas perspectivas voltadas para um olhar transformador na direção ao sujeito trabalhador.

Dejours (1993/2011a) menciona que a organização do trabalho aparece de duas maneiras: a primeira é a prescrita, composta por regras, normas, produtividade; e a segunda faz referência ao real do trabalho, como: os imprevistos do trabalho, situações que remetem ao trabalhador vivenciar constantes desafios diante do fazer humano. Para Dejours (2012b), a organização de trabalho é em si, repleta de contradições, pode propiciar ao trabalhador durante sua atividade de trabalho, vivências tanto de prazer quanto de sofrimento. Portanto, é pelo viés da organização do trabalho que as relações sociais se estabelecem.

Diante das situações advindas da organização de trabalho, quando o trabalhador faz uso de estratégias de defesa, é dentro de uma lógica que esta irá combater os impactos deletérios propiciados pelas situações do mundo do trabalho ao seu psiquismo (DEJOURS, 2012b).

Para Moraes (2013b), é na insuficiência e diante dos imprevistos decorrentes da organização de trabalho que o sujeito vivencia o sofrimento do não saber fazer. Este

sofrimento pode encaminhar-se para diferentes destinos: o patogênico; quando se esgotam os recursos defensivos e o sujeito passa a vivenciar um tempo considerado por vezes como intransponível de fracasso, ou seja, não conseguem transformar a realidade que lhe causa sofrimento. O outro destino refere-se à transformação do sofrimento em prazer. Acontece quando diante do sofrimento, o sujeito mobiliza-se recorrendo à inteligência prática e consegue construir soluções, novas maneiras que irão ajudar executar o trabalho.

Quando o trabalhador atua com inteligência frente ao sofrimento, ele protege sua subjetividade, pois é diante do mesmo que o trabalhador busca meios para superar as resistências do real do trabalho, em um movimento de conquista e transformação de si mesmo (DEJOURS, 2012b).

Para Dejours (2012b), trabalhar encontra-se em um campo de viver junto, e para o trabalhador afastar os conflitos, as violências, as adversidades advindas do ambiente de trabalho, a efetivação da cooperação é fundamental. Esta acontece de maneira eficaz quando o trabalhador abre mão do seu potencial subjetivo individual, mobilizando-se coletivamente, viabiliza a transformação do processo de trabalho. Assim, a cooperação pode contribuir para cultivar o que há de mais admirável no ser humano, o ato afetivo de ajudar o outro.

O trabalho propicia situações adversas, contudo possibilita ao trabalhador demonstrar vontade e ajudar, mobilizando-se em um processo de construção coletiva para lutar contra a dominação e enfrentar as adversidades através da cooperação (DEJOURS, 2012a).

Dejours (2012b) menciona que a mobilização subjetiva revela-se com mais intensidade em pessoas que usufruem de boa saúde. Sua efetivação depende da dinâmica de contribuição/retribuição na relação entre trabalhadores e organização de trabalho. Neste sentido, ao contribuir com a organização do trabalho, o sujeito espera retribuição. Esta última pode se inscrever por duas vias do reconhecimento: no sentido de constatação, movimento em que a organização reconhece o esforço do trabalhador frente à realidade diversa decorrente do trabalho; e no sentido de gratidão, pela contribuição dos trabalhadores à organização do trabalho. Nesta direção o reconhecimento é peça chave da psicodinâmica da cooperação.

Segundo Merlo (2014), na perspectiva dejouriana, a relação com o trabalho é assentada na relação com o outro, neste ambiente, geralmente as pessoas implicam sua subjetividade e mobilizam-se almejando receber uma retribuição. Para o autor, é na

retribuição moral e simbólica que o trabalhador anela o reconhecimento da qualidade de seu trabalho.

Compreende-se que o propósito da Psicodinâmica do Trabalho não é eliminar o sofrimento, mas, sobretudo, definir ações, intervenções capazes de transmutar o seu destino, possibilitando sua transformação em prazer. Monteiro e Freitas (2015) relatam que, quando o trabalhador encontra na organização formas de liberdade para a realização de seu fazer, consegue atuar fazendo uso da inteligência prática, assim como da mobilização subjetiva. Para tanto, o engajamento do coletivo que acontece a partir da cooperação dos trabalhadores, é fundamental em todo esse processo. Ressalta-se que, assim como o reconhecimento, a cooperação é um dos principais propulsores na transformação do sofrimento em prazer.

Em suma, o trabalho possui características de produção de valor e se configura como um caminho que leva o sujeito ter poder. Quando favorável, o trabalhador pode negociar certos compromissos ou situações do mundo do trabalho e viabilizar caminhos que o levam para a conquista da saúde e, sobretudo para a emancipação (DEJOURS, 2012b).

CAPÍTULO II

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa entrelaçou além das lembranças de um tempo das experiências ribeirinhas, o trajeto formal com métodos, instrumentos e técnicas que não só possibilitaram chegar aos resultados da pesquisa mas permitiram reconhecer naquele lugar um pouco de nós.

Os caminhos metodológicos desta pesquisa caracterizaram-se como abordagem qualitativa. Epistemologicamente, a Psicodinâmica do Trabalho produz argumentos que corroboram com esta perspectiva, porque é considerada também de cunho qualitativa. Assim sendo, esta pesquisa se desenvolveu com teoria e com métodos e técnicas qualitativas.

Para Deslauriers e Kérisit (2010), a pesquisa qualitativa permite estudar objetos privilegiados que emergem socialmente:

Pode-se dizer que o objeto por excelência da pesquisa qualitativa é a ação interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa; de onde a importância da linguagem e das conceituações que devem dar conta tanto do objeto “vivido”, como do objeto “analisado” (p. 131).

De acordo com Minayo (2014), a abordagem qualitativa se volta para as vivências sociais, levando em consideração a história do sujeito no contexto em que se evidencia no campo de estudo. Dentre as muitas possibilidades, propicia percepções, interpretações e desvelamento de processos sociais no decorrer das investigações. Neste sentido, considerando a realidade do objeto que será analisado, foi decidido que esta pesquisa será de natureza explicativa, Gil (2008) afirma que:

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (p. 28).

Nesta perspectiva, a Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem teórica criada por Dejours em 1993, possui um método específico, a clínica do trabalho e da ação, adequado ao seu objeto, a subjetividade no trabalhar. Para a teoria, não se pode conhecer o sofrimento e nem o prazer no mundo objetivo; isto só é possível através da investigação e análise de

interpretação captadas nos discursos ou fala das relações intersubjetivas (DEJOURS, 1993/2011b).

Dejours (1993/2011b) menciona que para se chegar ao vivido, ao conteúdo subjetivo, assim como ao sofrimento produzido pela relação de trabalho, se faz necessário a utilização da única via possível – a palavra, ou seja, os fatos clínicos procedem de uma dinâmica intersubjetiva mediada pela linguagem a partir do espaço de discussão.

Assim como realizado no trabalho de conclusão de curso da graduação, nossa vontade era realizar com os trabalhadores ribeirinhos a clínica *stricto sensu* do trabalho e da ação, preconizada pela PDT dejouriana. Contudo, compreendendo as condições, a logística do lugar e a realidade do nosso objeto de pesquisa e também porque a demanda não partiu dos trabalhadores, percebemos a inviabilidade e optamos não trabalhar com este método de coleta de dados. Por tal razão, decidimos usar apenas a teoria Psicodinâmica do Trabalho. Para Dejours (2017), esta propicia uma diversidade de conceitos que permitirá ao pesquisador a compreensão de como a subjetividade atua ou é mobilizada no contexto do trabalho. Ainda para o autor, a teoria apresenta-se como imprescindível para que haja a abrangência concernente ao entendimento do funcionamento do trabalho vivo: os efeitos benéficos ou nocivos para o funcionamento psíquico do sujeito, diante das adversidades advindas do trabalho.

Neste sentido, Dejours (2017), comenta que só é possível compreender a dimensão intersubjetiva do trabalhador através de uma prática, ou seja, a partir de um método. Assim sendo, para este trabalho, foram realizadas entrevistas individuais semi - estruturadas, tendo como recurso a palavra do trabalhador.

Nesta perspectiva, ressalta-se que nosso objeto de estudo é a organização de trabalho, categoria central na abordagem psicodinâmica do trabalho. Para compreender como se configura a organização de trabalho do trabalhador ribeirinho com mais fidedignidade e possibilitar ao leitor maior conhecimento acerca da sua organização de trabalho, sob inspiração da nossa coorientadora, professora Socorro Nina, que tem vasto conhecimento em geografia, meio ambiente e trabalho rural na Amazônia. Buscou-se articular conceitos advindos da geografia, como: tempo, lugar, espaço e ainda imagens fotográficas do ambiente de trabalho do cotidiano do ribeirinho.

Para Tuan (1983), espaço e lugar estão inteiramente interligados, não cabe defini-las separadamente. A partir do momento que conhecemos melhor o espaço e o dotamos de valor ele se transforma em lugar. Assim sendo, podemos pensar em espaço como algo que se movimenta e lugar em algo mais estático, como uma pausa. Quando o movimento recebe uma pausa, então naquele momento a localização transforma-se em lugar.

A fim de compreender o espaço no rural amazônico se faz necessário pontuar que este está imbricado e contextualizado em uma dinâmica peculiar de lugares que contam histórias de tempo em tempos, em seus espaços vividos a partir de relações e práticas jamais acabadas, é no espaço onde se trabalha que o cotidiano explicita o que é o lugar (NINA, 2014).

2.1 Campo de pesquisa

Dissertar sobre a comunidade Ribeirinha desta pesquisa, nos leva compreender que estamos falando de um lugar com diferentes espaços de conhecimento que há em sua essência uma sabedoria singular. Lugar que pode ser percorrido a pé em poucos minutos. Cercado na frente pelas águas barrentas do rio Solimões, nos fundos pelas águas escuras de lagos e igapós, que por vezes secam, em outros tempos transbordam. As águas do Solimões tem em sua natureza a partir do vento promover o banzeiro, este propicia o movimentar das águas que as fazem não ter uma definição exata de cor, pois tudo muda, o tempo todo se transforma, figurando a vida em seu percurso. Lugar que tem também as matas com seus encantos e cantos de belos pássaros, mata de onde vem a madeira para a construção das casas, que embora a natureza exija que seja construída sem alicerces, possui estrutura suficiente para conchegar a família, os mais chegados, os esteios altos que deixam as casas longe do chão expressam a capacidade do Ribeirinho de estar além do tempo, do saber driblar as adversidades vivenciadas no cotidiano.

Assim como demonstrado na fotografia 11, o caminho de tanto ser caminhado foi ganhando forma, os passos dados no chão deste lugar nos permite perceber que sua profundidade está conectada dentro de uma complexidade constituída por diferentes histórias e ao mesmo tempo do viver em comum, do trabalhar junto. Este jeito único do ribeirinho que encontra-se enraizado em sua historicidade, cultura, no seu modo de vida e vivências subjetivas, estão para além do aparente, do visível, revelam-se na experiência da prática, no

saber fazer. Neste sentido, no resgate das memórias do campo da subjetividade e auxílio da metodologia que se deu a construção deste trabalho.

Fotografia 11 – Representação fotográfica do caminho, estrada do ribeirão na comunidade pesquisada.



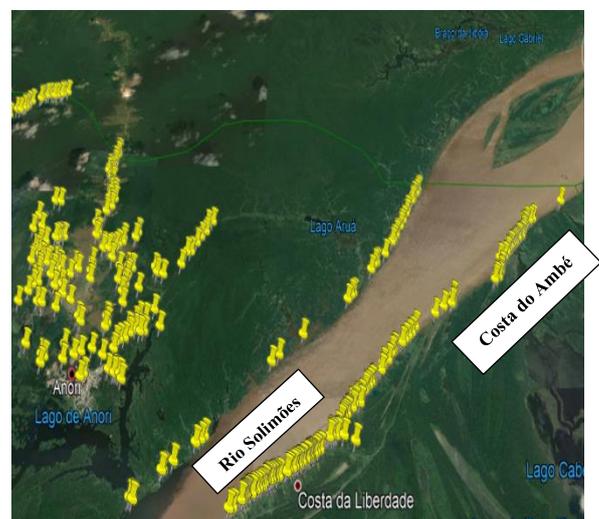
Fonte: Maciel (2019)

A pesquisa foi realizada em uma comunidade ribeirinha no município de Anori-AM. Criado em 1893, Anori a princípio denominava-se distrito de Anori, este era subordinado ao município de Codajás. Somente em 1956 foi elevado à categoria de município. Possui uma população estimada de 20.538 pessoas (IBGE, 2017). Na imagem 12 a 13 (13 - Google Earth, disponibilizada pelo Sr. Adjalma), podemos observar a localização de Anori e da localidade Costa do Ambé – comunidade São João.

Imagem 12 a 13- Mapas demonstrando o município de Anori e a localidade Costa do Ambé



Fonte: Google (2019)



Fonte: Sr. Adjalma-IBGE (2019).

A comunidade de Várzea pesquisada, é constituída organizacionalmente por uma localidade conhecida como Costa do Ambé, possui cerca de 68 casas palafitas e 7 casas flutuantes. Nesta localidade temos a Comunidade São João, a comunidade Nova Jerusalém e a Nova Esperança, estas duas últimas foram criadas não faz muito tempo, para conseguirem receber alguns benefícios, dentre outros do INCRA. Decidimos coletar para o termo de anuência as assinaturas dos representantes da Comunidade São João, porque esta apresenta-se um pouco mais organizada, nesta há um documento de criação, estatuto, uma diretoria com representante eleito descrito em ATA e sobretudo porque todos os moradores da localidade Costa do Ambé, participam e se beneficiam da única escola da localidade, localizada na comunidade São João. Escola cujo a maioria dos professores se desloca do município de Anori e passa a semana em atividade, retornando para suas casas no final de semana. A comunidade São João é representada politicamente por um presidente e um vice, sendo estes responsáveis por organizar reuniões, transmitir informações que venham beneficiar ou advertir os moradores.

Os moradores da comunidade realizam diversas atividades de trabalho, se organizando hierarquicamente na divisão das tarefas: geralmente, as mulheres são responsáveis pelo serviço doméstico e ajudam nas demais atividades; o homem atua no serviço da roça, da pesca, da caça e outros; as crianças estudam e dependendo da idade auxiliam nas atividades desenvolvidas pelos pais.

Na comunidade não há uma associação específica, mas os trabalhadores que exercem também a pesca como atividade, dentro de determinados critérios remetem-se a cidade de Anori e podem filiar-se a um projeto de órgãos de classe de trabalhadores da pesca artesanal, chamada colônias de pescadores, estas atuam na esfera estadual e nacional. Desta forma, a partir dos sindicatos e associações, os trabalhadores da pesca recebem o seguro-desemprego durante o defeso (temporada em que a pesca é proibida).

O trabalho rural é o trabalho da terra, mas também dos rios e das matas, que dentre outras situações, exige força, inteligência, experiência. Para trabalhar nesse espaço, o ribeirinho convive com o desafio da imprevisibilidade, pois percebemos que para efetivação de sua prática há uma mobilização constante por causa do seu modo de vida, dos eventos anuais da enchente¹, cheia², vazante³ e seca⁴ dos rios que afetam a comunidade, seu habitat, a

¹ É quando a água do rio começa subir, transbordar, fazendo com que a terra aos poucos vá submergindo, período em que comumente começa a colheita das plantações.

colheita e por vezes, perdas das plantações. Esses eventos representados nas fotografias de número 14, e outros, são atravessados ou conectados por um saber que compõe a subjetividade do trabalhador ribeirinho.

Fotografia 14 – Representação fotográfica dos eventos anuais: enchente, cheia, vazante e seca na comunidade.



Fonte: Maciel (2019)

Não dá pra afirmar que realizar esta pesquisa no município de Anori foi fácil, pois geograficamente a dificuldade de acesso foi um dos principais agravantes para que fosse realizada a pesquisas na comunidade ribeirinha. Para termo de conhecimento, a distância entre Manaus e Anori é de aproximadamente de 247 km, sendo este um dos principais empecilhos para a realização deste trabalho, pois para chegar em Anori de Manaus há apenas duas opções: lancha ou barco, duração que oscila entre 5, 6 horas de lancha e 16, 17 horas de barco.

2.2 Participantes

O estudo foi desenvolvido com dez trabalhadores da localidade Costa do Ambé no município de Anori - AM. Entrevistamos cinco homens e cinco mulheres, com idade entre 18 a 66 anos, pertencentes a diferentes famílias. Ressaltamos que dos dez participantes quatro não pertencem a comunidade são João, mas como são da localidade Costa do Ambé e

² É quando a terra está completamente coberta, submersa pelas águas.

³ É quando a água do rio começa escoar e a terra aos poucos, começa aparecer. Comumente neste período a terra na várzea sai totalmente sem mato, pronta para o trabalhador começar realizar as plantações.

⁴ É quando a água escoou por completo e comumente na comunidade pesquisada todas as plantações já foram realizadas e permanecem sendo cuidadas, até que comece o período da colheita.

quiseram participar e assinaram o TCLE, aceitamos que fizessem parte da nossa pesquisa. Neste sentido, cumprimos o objetivo que era, entrevistar pelo menos duas pessoas de cada casa, sem critério de gênero. A propósito, ao invés de caboclo⁵, neste trabalho utilizamos o termo ribeirinho para nos referir ao morador da comunidade, pois a maioria dos trabalhadores é assim que prefere ser identificado.

Com o intuito de preservar a identidade dos participantes durante a exposições das falas na discussão deste trabalho, usamos codinomes, de familiares que tem representação simbólica e afetiva. Os codinomes escolhidos foram: Chicó, Francisco, Gabriel, Iracema, Joaquina, João, José, Lika, Lourdes e Suely.

Primeiramente, ocorreu uma conversa inicial, e na interação, no diálogo entre os interlocutores da entrevista, foi exposta a necessidade da participação voluntária dos trabalhadores. Também foram explicitados e estabelecidos os princípios éticos da pesquisa, e a partir da construção de vínculo de confiança fizemos a leitura e exposição do TCLE e em seguida pedimos para o trabalhador assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido–TCLE, com as questões que foram trabalhadas no decorrer do processo de pesquisa.

Como fator de inclusão, os trabalhadores participantes da pesquisa teriam que ser: trabalhadores do trabalho rural ribeirinho, residentes na Costa do Ambé - Comunidade São João, com faixa etária de 18 a 70 anos, bem como aqueles que demonstrassem interesse em participar e assinassem o TCLE.

Como fator de exclusão, os trabalhadores que apresentassem no decorrer da pesquisa algum problema que o impossibilitasse se comunicar durante o processo da entrevista, como por exemplo, alguma enfermidade.

Como estratégia de minimizar o tempo de viagem para realizar a pesquisa na comunidade, primeiramente optou-se em viajar de carro pela estrada Am-070 até o município de Manacapuru, em um tempo que oscilou entre uma hora e uma hora e meia, em seguida, viajar mais três horas e meia de lancha para assim chegar na Costa do Ambé-Comunidade São João no mesmo dia, um percurso total que durou aproximadamente cinco horas. Do contrário, se viajasse de barco saindo de Manaus, chegaria no outro dia, após dezessete horas de viagem.

⁵ Vale esclarecer que ao invés de caboclo como descrito na literatura, na comunidade o termo utilizado para moradores se identificarem é “caboco”.

Deste modo, foram realizadas cinco viagens, as três primeiras durou menos de uma semana, na quarta decidiu-se ficar por doze dias e na quinta permaneceu-se por quinze dias na comunidade. Em todas as viagens, ficamos hospedado na casa dos meus pais, que são moradores da comunidade, situação que favoreceu a permanência no lugar para realizar as entrevistas, assim como realizar a observação participante como maior profundidade, esmero, pois este instrumento metodológico nos possibilitou observar como são realizadas as principais atividades do trabalhador ribeirinho. Participamos da pesca do peixe liso no rio e observamos o percurso feito de canoa para jogar ou lançar a rede de pesca no rio Solimões, o tempo em que a rede permanece na água para posteriormente ser puxada com muito esforço para dentro da canoa que comumente tem na parte traseira um motor “rabeta”; observamos que os pescadores enfrentam sol, chuva, banzeiro⁶ para realizar esta atividade penosa, que nem sempre apanham peixes.

Nesta direção, observamos também o trabalho da pesca do lago-igapó, pudemos vivenciar que para chegar ao lago-igapó o pescador comumente vai em um pequena canoa, com um remo e uma cuia⁷ ou outro utensílio que possibilite retirar a água da canoa, observamos o momento em que o trabalhador colocou a malhadeira e tramalha na água e por algumas vezes no decorrer do dia foram feitas visitas (o que os trabalhadores chamam de “olhar a malhadeira ou tramalha”) a estes instrumentos de pesca e lá observamos a retirada de peixes, dentre outros, o bodó, tucunaré, pacú, piranha. No trabalho da malva, observamos que o trabalhador realiza várias etapas para que a mesma esteja pronta para fazer os fardos; percebemos como são feitos o corte e os feixes de malva, como são colocados na água para amolecer as fibras, como é realizada a lavagem ou retirada das fibras das varas de malva, como carregam para os varais (lugar exclusivo para secar a malva, feito com varas ou pedaços de madeira). Observamos, também, como são feitos os fardos da malva para ser vendido.

Nesta perspectiva, observamos também no trabalho da roça de farinha de mandioca, como é realizada a retirada da mandioca da terra, da água, como acontece a retirada da casca da mandioca, como é feito o processo de sevar a mandioca, como retira a goma da mandioca,

⁶ São pequenas ou médias ondas que se formam no rio, sua origem se dá pelo vento que ao confronta-se com a água a deixa instável, em constante movimentos.

⁷ É um fruto oval que nasce em uma árvore chamada cuieira. Na comunidade, antigamente, já foi muito utilizado como balde para carregar água do rio para lavar louça e fazer a comida. Atualmente continua sendo utilizado apenas como cuias, que são recipientes, com múltiplas utilidades: o fruto é partido ao meio e transformado em duas partes, que são utilizadas para retirar água da canoa; na casa de farinha, para jogar a massa de farinha de mandioca no forno. Podem ainda ser utilizadas para guardar sementes, dentre outras possibilidades.

como a mandioca é espremida, prensada, observamos como se faz o bolo pé de moleque, como peneira a massa de mandioca, assim como é feita a farinha de mandioca.

Vale ressaltar, que antes de realizar todas as entrevistas, foi explanado para os trabalhadores a importância de falar dos seus trabalhos, oportunidade ímpar, tendo em vista que nunca alguém chegou naquele lugar para realizar este tipo de trabalho. Foi exposto ainda, que ouvi-los falar de suas atividades de trabalho traria conceitos práticos e vividos, que talvez se não os ouvissem não seria possível dimensionar. A fala traz à tona o invisível, a forma prática do realizar, do fazer, mostra o cotidiano em sua essência. Isto, além de dar sentido ao trabalhador, oportuniza relatar suas alegrias, tristezas, dores, ser escutado, e ainda possibilita ao campo científico, mostrar uma realidade que poucos conhecem.

Neste sentido, as entrevistas foram realizadas em diferentes lugares do trabalho, na casa de farinha, no paiol, em um banco de madeira na beira do rio, na casa do participante, no roçado da malva, respeitando sempre a vontade do entrevistado. A observação participante aconteceu durante as entrevistas e ainda em outros momentos no local e na prática do trabalho, onde foi possível tirar e anotar no diário de campo algumas dúvidas que não ficaram esclarecidas nas entrevistas, também foram feitos registros fotográficos das atividades de trabalho. Assim, as entrevistas estão apresentadas seguindo uma ordem por quantidade de pessoas e de acordo com o local escolhido por cada um dos participantes, na seguinte sequência: A entrevista foi realizada com Gabriel, Joaquina e Iracema na casa de farinha de mandioca; no caso de Chicó, Francisco e José, em suas respectivas casas. Lourdes e Lika foram entrevistadas em um banco de madeira na margem do rio; Suely em um paiol ao lado de sua casa e João no roçado da malva.

2.3 Procedimentos e instrumentos para coleta de dados

2.3.1 Entrevista e Observação Participante

Com o intuito de construir o máximo de informações sobre o tema da pesquisa foi utilizada para a coleta dos dados a entrevista individual e a observação participante (registrada em diário de campo), pois se compreende que esta como técnica de coleta de dados, apresentou-se como uma excelente estratégia no processo de trabalho de campo.

Poupart *et al.* (2010) afirma que a entrevista e a observação participante são:

Técnicas básicas que se completam com o questionário, a fotografia, os documentos audiovisuais (filme, vídeo), a observação dos lugares públicos, a história de vida, a análise de conteúdo. Desejando vivamente recolher o máximo de informações pertinentes, os pesquisadores combinam, usualmente, várias dessas técnicas (p. 140).

A técnica de entrevista foi semiestruturada, realizada com cada trabalhador (a), cujo roteiro se constituiu de perguntas previamente elaboradas por nós. No caso desta pesquisa, as perguntas visaram possibilitar a compreensão sobre o trabalho rural do ribeirinho em uma dimensão subjetiva do seu trabalhar, considerando seu contexto histórico, cultural, econômico e social.

O instrumento da entrevista constituiu-se de perguntas abertas. A ideia consistiu em encorajar o entrevistado a expor sobre seu trabalho de modo mais perspicaz, situação que contribuiu, para um resultado de pesquisa mais eficaz. Cada trabalhador foi entrevistado, em um tempo que oscilou entre 30 a 60 minutos. A entrevista foi gravada e posteriormente, transcrita de acordo com o que foi dito por cada participante.

Utilizou-se também o método de observação participante, cujo instrumento de registro foi o diário de campo. A observação participante é um método de suma importância no trabalho de campo. Para tanto, é importante que o pesquisador esteja disposto a relacionar-se com o contexto cultural, com a realidade, as vivências cotidianas do participante da pesquisa, buscando compreender a partir de determinado arcabouço teórico, como funciona a organização social daquele campo de pesquisa (MINAYO, 2014).

Para Minayo (2014), no instrumento diário de campo, o investigador se apropria de um caderno, em que são anotadas todas as observações realizadas, dia após dia. No caderno, são colocadas também, as impressões pessoais do pesquisador, os achados advindos de conversas informais, as contradições encontradas entre o comportamento, bem como nos discursos do sujeito observado.

2.3.2 Análise dos Dados

Nessa fase da pesquisa, a análise de dados foi feita baseada na adaptação proposta por Moraes (2010) da Análise da Teoria Fundamentada de Glaser e Strauss (1965).

Desenvolvida pelos sociólogos americanos, Barney Glaser e Anselm Strauss, a Teoria Fundamentada é uma abordagem ou método que se constrói, a partir da análise

qualitativa dos dados. É uma abordagem que estuda o contexto social, analisa os acontecimentos, bem como se agrega a outras teorias, propiciando novos conhecimentos aos fenômenos estudados (STRAUSS; CORBIN, 2008).

A Teoria Fundamentada é uma abordagem que fundamenta seus conceitos em dados, ou seja, se constitui a partir dos dados reunidos e analisados no decorrer do processo de pesquisa. Esta teoria se configura como um importante instrutor para ação. As etapas da pesquisa encontram-se conectadas entre si. Ressalta-se que nesta abordagem, geralmente o pesquisador vai ao campo de pesquisa sem uma teoria formada, pois objetiva que esta venha emergir no decorrer da investigação, a partir da coleta de dados (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Análise é a interação entre os pesquisadores e os dados. É ciência e arte. É ciência no sentido de manter certo grau de rigor e por basear a análise em dados (STRAUSS; CORBIN, 2008). Fazer inter-relação entre ciência e criatividade, é extremamente importante para que haja harmonia no processo de toda pesquisa. Neste sentido, criatividade se configura na maestria de como o pesquisador consegue, a partir dos dados no processo de pesquisa, realizar a sistemática de análise.

Para Strauss e Corbin (2008), os procedimentos da Teoria Fundamentada servem como parâmetro, porém não devem ser usados como doutrina, pelo contrário, o pesquisador tem toda liberdade para fazer uso de sua criatividade como bem lhe for oportuno. Ainda para os autores, os procedimentos de codificação são:

a, Construir em vez de testar a teoria; b, Fornecer aos pesquisadores ferramentas analíticas para lidar com as massas de dados brutos; c, Ajudar os analistas a considerar significados alternativos para os fenômenos; d, Ser sistemático e criativo simultaneamente; e, Identificar, desenvolver e relacionar os conceitos que são os blocos de construção da teoria (p. 26).

Nesta perspectiva, a Psicodinâmica do trabalho, abordagem teórica desta pesquisa, trouxe excelente embasamento para o fenômeno que foi estudado. Assim sendo, a análise de dados da supracitada pesquisa ocorreu pela sistemática de análise da adaptação realizada por Moraes (2010), inspirada na sistemática do Método de Comparação Constante- MCC.

Assim, estruturar as informações coletadas nas diferentes entrevistas, visando trazer à tona elementos comuns concernentes a mesma, é a proposição principal da Sistemática da Teoria Fundamentada. A presente pesquisa a princípio, apropria-se de um marco teórico e

utiliza um termo conhecido como codificação aberta. O ato seguinte traduz-se na construção de categorias e subcategorias, como: condições, interação, estratégias que propiciam o desenho da configuração dos eixos de análise.

Ao final da elaboração ou aprimoramento do processo, tornou-se possível a identificação de uma categoria central e concomitantemente a análise da mesma. Neste sentido, percebeu-se que as etapas do processo deste método aconteceu de maneira conectada. Com a interligação entre teoria, prática, refinamento e integração das categorias, abriram caminhos para estudar os fenômenos centrais, sem deixar de considerar os de menores proporções que apareceram durante o processo de comparação constante.

Nesta pesquisa, a partir da análise dos dados, não objetivamos apresentar uma nova teoria e sim incorporar os elementos comuns das entrevistas, analisando-os em categorias. Estas foram organizados em eixos de análise, onde buscamos compreender a organização de trabalho dos trabalhadores rurais ribeirinhos em sua complexidade, sob a perspectiva da psicodinâmica do trabalho.

2.4 Benefícios - princípios éticos

Os benefícios desta pesquisa consistiram em propiciar ao trabalhador a possibilidade de falar do seu trabalho, situação que permitiu momentos de reflexão concernente às adversidades advindas do trabalho. E ainda, acredita-se que foi possível dar visibilidade as situações que agravam o sofrimento, visando à promoção da saúde para o trabalhador ribeirinho.

Aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Amazonas – CEP/UFAM -CAAE: 99959018.1.0000.5020, este trabalho seguiu todos os critérios éticos necessários para sua realização. O parecer consubstanciado do CEP, de número: 3.005.249, consta nos anexos desta dissertação.

CAPÍTULO III

3. RESULTADO E DISCUSSÃO: “É ASSIM A VIDA DA GENTE NO INTERIOR”

Neste capítulo são apresentados, os resultados concernentes a categoria organização do trabalho e neste contexto destaca-se as seguintes questões: o ribeirinho e seu trabalho, o que é trabalho para o ribeirinho, como se organizam para o trabalho, a relação prazer e sofrimento no trabalho, as estratégias de enfrentamento e situações relacionadas à saúde.

3.1 O ribeirinho e seu trabalho.

Nós, ribeirinhos, possuímos raízes ancorada em povos tradicionais, os que continuam morando na comunidade, habitam em casas palafitas ou em flutuantes às margens dos rios, a complexidade do modo de vida e trabalho é articulado como a natureza. Somos pessoas simples, vivemos de maneira simples, em que a inteligência caminha conjuntamente com a humildade. Nossos valores e apreços estão para além dos bens materiais, do capital: manter, sustentar a família, consiste em nossa maior riqueza. Nossa historicidade carrega uma força, uma sabedoria que nos impulsiona a lutar, ser resistentes e não nos resignamos frente às diferentes adversidades. Nossas relações e cotidiano são permeadas pelo afeto.

A seguir apresentamos uma breve caracterização de cada participante, assim como a descrição do local onde foram realizadas as entrevistas:

Gabriel

Gabriel, casado, sessenta e seis anos, mora com a esposa e duas netas, nasceu em comunidade ribeirinha, mudou-se para o município de Manacapuru e depois de vinte anos morando nesta cidade retornou para a comunidade com a esposa. Gabriel começou trabalhar muito jovem, as atividades que realizava consistiam em: carpintaria, pesca, malva, roça de farinha de mandioca, dentre outras plantações como: milho, feijão, jerimum. Mencionou que faz alguns anos que deixou de trabalhar com malva, segundo ele, “malva é só para quem é novo, que aguenta ficar o dia todo molhado, com certa idade não aguenta mais”. Atualmente, Gabriel encontra-se com problemas de saúde. Segundo o médico, pode se tratar de alergia ocasionada pela exposição ao veneno que utilizou para matar o mato do seu roçado. Esta situação lhe afastou de todas as atividades de trabalho que são expostas ao sol. Este apesar de

ter um pequeno comércio na comunidade e ser aposentado, queixa-se que estar gastando muito dinheiro ao buscar tratamento médico particular em Manaus e Manacapuru, tendo em vista que em Anori não há o suporte necessário.

Joaquina

Joaquina, casada, trinta e nove anos, mãe de sete filhos vivos, mora com o esposo e cinco filhos, quatro homens e uma mulher. Joaquina nasceu na comunidade, relatou que gosta muito de trabalhar, realizou a entrevista fazendo o trabalho de raspar a mandioca. Dentre as atividades que realiza, estão a pesca no lago, a malva e plantações da agricultura, como: roça de mandioca, plantações de banana, melancia, feijão, milho, jerimum, cebola, chicória, pimenta cheirosa. Joaquina não gosta de fazer o trabalho doméstico em sua casa, quem realiza esta atividade é sua filha de dezessete anos de idade, às vezes quando não chega tão cansada das outras atividades Joaquina auxilia a filha. Para Joaquina morar na comunidade é muito bom, o trabalho traz sentido para sua vida, contudo, relatou que na comunidade há dificuldade com relação a acesso ao médico, situação que ocasionou perda de sua filha ainda criança, com menos de três anos de idade.

Iracema

Iracema, cinquenta e oito anos, casada, mãe de oito filhos adultos que moram na cidade. Iracema nasceu no interior, atualmente mora na comunidade com o esposo e netas. Começou trabalhar bem jovem, em atividades ensinada pelos pais como: pescar no rio, no lago, malva, fazer farinha de mandioca, plantar dentre outras produtos, a macaxeira, a banana, milho, feijão, jerimum. Quando casou, sempre dividiu as atividades com o esposo, há alguns anos decidiram parar de cultivar malva. Iracema mencionou que no momento atual, sente-se cansada, pois o trabalho que era dividido com o esposo, está sendo realizado apenas por ela, pois este encontra-se com problema de saúde, situação que tem gerado, além de sobrecarga de trabalho, a desestabilização financeira, pois todo o tratamento de saúde do esposo está sendo realizado por via particular. A seguir temos as fotografias 15 a 16 e a descrição da casa de farinha.

Fotografias 15 a 16 – Representação fotográfica da casa de farinha na comunidade pesquisada.

Para conhecimento, nesta comunidade a casa de farinha é uma casa não palafita, coberta com alumínio, sem paredes, cujo piso é a própria terra, o chão.



Fonte: Maciel (2019)

Nesta comunidade as casas de farinha geralmente são construídas na parte da frente das casas dos ribeirinhos, perto da margem do rio. Quem chega no porto da casa, comumente enxerga primeiro a casa de farinha, antes de chegar à casa. Nem todos moradores da comunidade possuem uma casa de fazer farinha. Neste sentido, assim como o trabalho da farinha de mandioca se dá de modo coletivo, os moradores também compartilham a casa de farinha com outros moradores que não tem.

Em todas as casas de farinha de mandioca desta comunidade o trabalho é artesanal. Os equipamentos são: uma prensa⁸ (local onde se espreme a massa da farinha de mandioca); peneiras (nestas é peneirada a massa da mandioca para fazer a farinha, assim como também, é peneirada a goma para fazer a farinha de tapioca); forno grande de alumínio (colocado sobre uma estrutura de barro com abertura para colocar a madeira e fazer o fogo para torrar a farinha de mandioca). Há também remos: utilizados para mexer a massa da mandioca no forno quente; gamela⁹: geralmente utilizada para peneirar a massa prensada ou espremida,

⁸ Na comunidade, é uma armação, com uma madeira grande localizada na longitudinal, que serve para prensar a massa que está dentro de panos de saco em uma pequena armação quadrada feita com pequenos pedaços de madeira.

⁹ Na comunidade pesquisada, consiste em uma caixa grande ou média, feito de madeira.

bem como utilizada para guardar ou misturar a massa sevada¹⁰ e puba¹¹ da mandioca para posteriormente ser colocada na prensa. Os trabalhadores, dentre outros instrumentos de trabalho, fazem uso de: bacias grande, baldes e tanques de plástico, estes geralmente são usados para lavar a mandioca raspada, para colocar a mandioca de molho para torna-la massa puba e também para lavar a massa da mandioca para retirada da goma. Nas representações fotográficas de número 17 temos algumas etapas do trabalho da farinha de mandioca.

Fotografias 17– Representação fotográfica: algumas etapas de trabalho da farinha de mandioca.



Pubação da mandioca



Sevação da mandioca



Prensa para prensar a massa da mandioca

Fonte: Maciel (2019)

Chicó

Chicó, cinquenta e oito anos, casado, mora atualmente com a esposa e cinco filhos, começou trabalhar muito jovem. Embora não tenha nascido na comunidade, suas raízes através de seus avós, seus pais, que nasceram e viveram, estão plantadas neste lugar, na comunidade. Chicó, relatou que ao fazer um passeio na comunidade, conheceu a atual esposa, situação que se perdurou e já se passaram vinte anos que tem a grata satisfação de viver na

¹⁰ É a mandioca triturada, ralada, que na comunidade acontece da seguinte maneira: em uma bancada feita de madeira, composta por um pequeno motor a gasolina, que se liga através de uma correia a uma “tarisca” (é um pedaço médio de madeira cortado retilíneo, envolto por lâminas), nesta acontece a sevação da mandioca.

¹¹ É a massa que depois de alguns dias, da mandioca ter sido colocada na água, passa por um processo de mutação, como se fosse a fermentação da mandioca, esta dentro da água amolece por um processo natural e torna-se uma massa homogênea

comunidade. Chicó é técnico em contabilidade, graduado em administração e pedagogia, coloca que sua profissão, seu trabalho, é ser docente em uma escola na própria comunidade, porém “ajuda a esposa em outras atividades”, como o trabalho da malva, da roça de mandioca, da pesca. Seus relatos são voltados mais para as questões de ser professor, que apesar de sentir muito prazer no que faz, efetivar suas atividades neste contexto tornar-se muitas vezes um verdadeiro desafio, seja pelas peculiaridades do lugar e pelas cobranças das intuições competentes do que tange à educação.

Francisco

Francisco, dezoito anos, solteiro, mora com os pais e dois irmãos, nasceu, vive e trabalha na comunidade. Francisco relatou que trabalha com malva, roça de mandioca, pesca no lago – igapó e esporadicamente o trabalho da madeira. Geralmente no interior, falando da comunidade pesquisada, as pessoas começam trabalhar ainda crianças, por volta dos dez ou doze anos de idade. Francisco, apresenta-se dentro desta realidade, expõe suas atividades de trabalho com conhecimento de alguém que realmente sabe o que faz, pois descreve com precisão como se efetua todas as atividades. Francisco mencionou que o trabalho da malva não é uma atividade que lhe dá prazer, realiza porque deixou de pescar o peixe liso¹² no rio, esta assim como a malva eram as atividades que propiciavam fonte de renda para família. Para Francisco a pesca do peixe liso, ocasiona problemas de saúde, ele com seu pai não conseguiram continuar nesta atividades, decidiram parar, pois sentiam muitas dores na coluna.

José

José, sessenta e um anos, casado, mora com a esposa e quatro filhos, sendo duas mulheres e dois homens. Nasceu na comunidade, já tentou morar em outros lugares, cidades pequenas, mas sempre volta para sua origem. Dentre as atividades que realiza, estão o trabalho da roça de mandioca, a pesca no lago e na carpintaria. José relatou que começou trabalhar na malva com aproximadamente dez a doze anos de idade, mas atualmente, pelas dificuldades que se tem para realizar esta atividade, deixou de fazê-la. Assim como também, deixou de realizar a pesca do peixe liso no rio. Segundo ele esta é uma atividade arriscada, dentre outras situações, por causa de temporal; é ainda uma atividade “pesada, dolorida,

¹² São peixes que de pequeno, médio e grande porte que não possuem escamas, comumente encontrado nas águas do rio Solimões- AM, configura-se como uma das atividades do trabalhador da comunidade pesquisada.

porque maltrata muito o pescador”, além do que, ocasiona dores nas “cadeiras”, coluna dorsal e “costas”, coluna lombar. As fotografias 18 a 19 apresentam a casa do ribeirinho.

Fotografias 18 a 19 – Representação fotográfica da casa do ribeirinho na comunidade.



Fonte: Maciel (2019)

Na comunidade pesquisada, as casas dos moradores diferentemente de alguns anos atrás que era coberta com palha, atualmente todas são cobertas com telhas de alumínio. E por causa da peculiaridade do lugar, a enchente dos rios, as casas são construídas de madeira. Todas possuem escadas com vários degraus, possuem também, cômodos como: sala, quartos, cozinha e em quase todas observou que há uma cozinha anexa. Esta é mais aberta, local em que os moradores mantêm o fogão a lenha, para preparar alimentos como o peixe assado. As casas são suspensas do chão, chamadas palafitas.

Nesta direção, a comunidade possui luz elétrica, mas não tem água encanada. A água é obtida por meio de bomba de água, diferente de anos atrás em que estas eram buscada no rio com baldes feito de cuia. Observou-se que os moradores costumam juntar água da chuva, na maioria das vezes para beber e também para fazer serviços domésticos, como: lavar roupa, louça, regar as plantações que ficam suspensas e outras que estão plantadas ao redor da casa, como podemos observar na representação fotográfica de número 20. Ao lado ou atrás destas casas, podemos encontrar plantações de cebolinha ou cebola de palha, cheiro verde, tomate, em canteiros suspensos e no chão comumente há plantações, dentre outros de: chicória,

pimenta de cheiro, alfavaca e plantas de fonte medicinais para o consumo dos ribeirinhos. Os moradores também costumam realizar na frente de suas casas plantações de plantas ornamentais.

Fotografia 20 – Algumas plantações que são feitas ao redor da casa do ribeirinho.



Fonte: Maciel (2019)

Lourdes

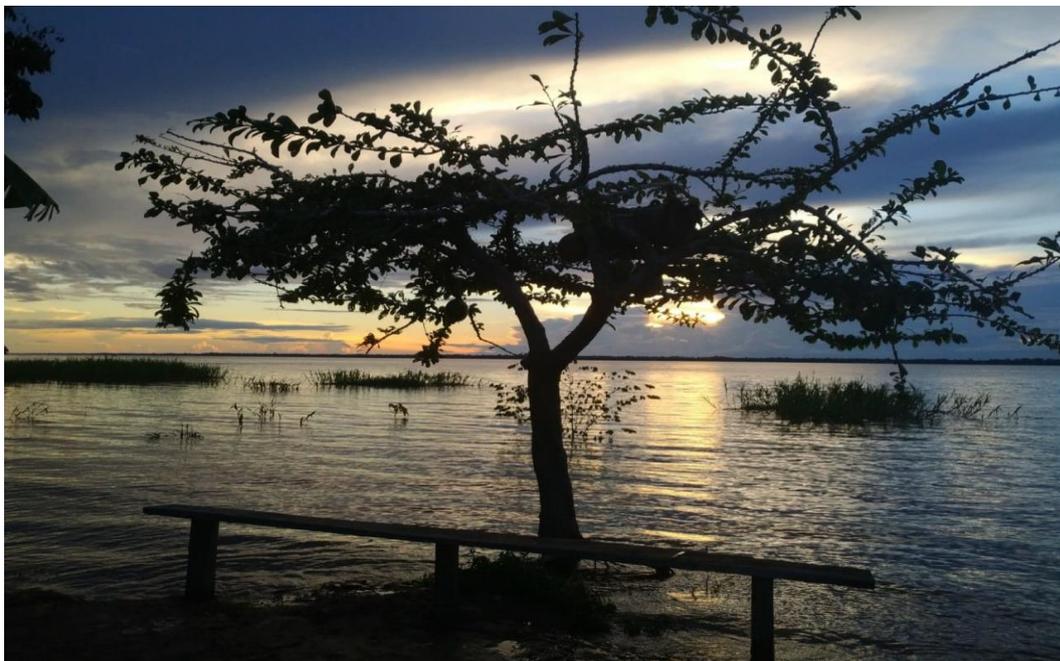
Lourdes, cinquenta e três anos, nasceu na comunidade, casou-se na adolescência. Mãe de doze filhos, os adultos todos casaram. Lourdes mora com o esposo, um casal de filhos e três netos menores de idade. Realiza as seguintes atividades: a roça de farinha de mandioca, a pesca no lago, o trabalho doméstico, e pequenas plantações. Dentre as quais: de milho, melancia e jerimum. Lourdes relatou que o trabalho em sua casa é dividido praticamente entre ela e o esposo, pois os filhos e netos estudam. Às vezes quando chegam da escola auxiliam nas tarefas domésticas e também no serviço de raspar a mandioca no período da colheita. Para Lourdes, o trabalho da farinha de mandioca traz alegria, pois possibilita sustentar a família. Com a massa da mandioca é possível fazer bolo, com a goma pode fazer beiju e farinha de tapioca; mas considera que esta atividade também proporciona muito cansaço, pelas diferentes tarefas necessárias para realizá-la. Mencionou que quando passa o dia todo na casa de farinha torrando a farinha de mandioca, todo o dia em pé andando de um lado para o outro ao redor do forno, sente muitas dores nas pernas no final da tarde. Simbolicamente, o banco de madeira na beira do rio, escolhido pela participante para realizar a entrevista, representa um lugar de descanso, sem calor, com o vento batendo no rosto, o sol se pondo demonstrando que mais um dia de trabalho foi concluído, que a noite vem para repor as energias e no

amanhã começa tudo novamente. A vida sendo vivida de acordo com a realidade do cotidiano do lugar.

Lika

Lika, quarenta anos, uma mulher bem espontânea, de gargalhadas singulares, casada, mãe de quatro filhos, mora atualmente com o esposo e três filhos, dois maiores de idade e um com apenas cinco anos. Lika comentou que começou trabalhar muito jovem. Na companhia dos pais trabalhou muito em malva e roça e quando casou a situação não mudou, sempre trabalhou muito com esposo em todas as atividades. Relatou que, por motivo de doença (dores no corpo que considera reumatismo, ocasionada pelo trabalho da malva), deixou de realizar algumas atividades, principalmente as que exigem muita força. Assim, faz sete anos que parou de pescar o peixe liso no rio e cinco anos que não trabalha com malva. Lika, além de continuar trabalhando no cultivo da mandioca, assim como em plantações de banana, milho, feijão, mamão, jerimum, continua pescando no lago, durante a cheia do rio, depois que acaba a colheita das plantações. Na fotografia 21 temos um banco de madeira, local onde ocorreu a entrevista com Lourdes e Lika.

Fotografia 21 – banco de madeira na margem do rio Solimões na comunidade pesquisada.



Fonte: Maciel (2019)

Na comunidade pesquisada, em quase todas as casas há um banco de madeira próximo a “beira do rio” (margem do rio). Comumente no período da seca do rio Solimões,

durante a semana, depois de um dia de trabalho, no final da tarde, o ribeirinho senta nesses bancos, seja com os familiares ou vizinhos que ao passar no caminho aproximam-se para contar uma situação que aconteceu na comunidade. Sentados no banco, geralmente as pessoas comem frutas como goiaba, melancia, chupam cana ou apenas como dizem: “jogam conversa fora”.

Suely

Suely, cinquenta e três anos, casada, nasceu na comunidade em estudo. Mãe de dez filhos, no momento mora com o esposo e quatro filhos homens. Relatou que começou trabalhar com malva aos doze anos de idade e que, no momento, sente-se muito cansada para realizar especificamente esta atividade, da qual também não gosta, por causa do pico das folhas da malva que ocasiona coceira no corpo e pelas situações danosas enfrentadas para executar este trabalho. Suely mencionou que deixou de pescar peixe liso no rio depois que sofreu um pequeno acidente: um peixe de escama, chamado aracu saltou da água e acertou seu olho, situação que ocasionou muita dor e lhe faltou o fôlego fazendo com que ela pensasse que iria morrer.

Suely mencionou que há outras atividades que ainda realiza, mas comentou que não tem mais vontade e força para realizá-las. As atividades são: fachear nome dado para a atividade de pescar no lago e igapó com “zagaia” (flecha) no período da noite. Segundo relatos da entrevistada, é uma atividade muito cansativa, aonde às vezes precisava “varar” (carregar) a canoa pesada, junto com o esposo, da terra para o lago, através da lama, se “atolando na lama”. Este trabalho era muito comum quando os seus filhos eram pequenos. Atualmente dificilmente realiza a prática de fachear. Suely trabalha com roça de farinha de mandioca, assim como outras plantações: a banana, o milho, feijão, a melancia. Suely relatou que voltou a estudar, situação que, mesmo questionada pelo esposo, tem trazido muita alegria para sua vida, pois, além de estar aprendendo, os momentos de conversas e trocas de informações com os colegas da sala de aula, tem-lhe propiciando o novo sentido para sua vida. Nas Fotografias 22 a 23 temos um paiol, comum na comunidade.

Como podemos perceber, paiol, é uma casa palafita, coberta com alumínio, em que dentro da casa não há divisões com paredes. Construída comumente ao lado da casa do ribeirinho, utilizada para guardar malva, juta, dentre outros, como: jerimum, melancia,

malhadeiras, caixas de isopor, tambores de alumínio que serve para armazenar também a farinha de mandioca que será consumida durante toda a enchente.

Fotografias 22 a 23– Representação fotográfica do paiol da participante da pesquisa



Fonte: Maciel (2019)

João

João, cinquenta anos, casado, nasceu na comunidade, mora com a esposa e quatro filhos. João é um dos participantes que ainda realiza todas as atividades do contexto local como: A pesca do peixe liso no rio Solimões, a pesca do peixe de escama do lago e igapó, cultiva malva, roça de mandioca, macaxeira, assim como dentre outras plantações de banana, milho, feijão, melancia, mamão, cana, jerimum. João relatou que tentou plantar uma quantidade maior de cebola e pimenta doce ou de cheiro, para vender, mas sentiu dificuldade, na cidade de Anori não teve saída, esta situação o fez desistir de plantar em grande proporção, mencionou que atualmente planta somente para o consumo da família. João expos que no período da enchente, após período da colheita, viaja com a família para um terreno que possui na terra firme, lá cultiva plantações de cupuaçu, de pupunha e açaí. Embora goste da terra firme, João sempre volta para a comunidade, disse que nasceu e se criou neste lugar que tem fartura, bom de morar. Neste lugar, compreende-se que foram construídos laços afetivos que afirmam a sua identidade. Nas fotografias 24 a 25 podemos observar um roçado de malva na comunidade pesquisada.

Fotografias 24 a 25 – Representação fotográfica de um roçado de malva na comunidade.



Fonte: Maciel (2019)

Na comunidade, geralmente o roçado de plantações da malva é localizado atrás das casas dos trabalhadores. Há situações em que o roçado fica perto das casas e outras mais distantes, como foi caso do João. Como a entrevista foi realizada no período da enchente, o trajeto necessário para chegar ao roçado já estava grande parte alagado. Assim, com o auxílio do filho de João, em uma pequena canoa, conseguimos chegar ao roçado da malva. O roçado da malva na comunidade é um lugar que há alguns anos atrás foi desmatado pelo trabalhador. Atualmente, nele mantém o cultivo da malva, realizando limpeza de pequenos matos, ervas daninhas. O roçado da malva é totalmente exposto as condições climáticas: o trabalhador enfrenta sol, chuva e ainda enfrenta perturbações de insetos como: mutucão¹³, no processo de cortar e também do desfibramento da malva e de formigas principalmente no processo de cortar a malva. Na colheita da malva, no período em que a enchente do rio acelera, comumente toda a família vai para o roçado. Todos trabalham juntos para não perder a plantação, ficando apenas uma pessoa em casa para fazer o almoço.

Assim, de acordo com a escolha de cada trabalhador, observamos que dos dez, cinco realizaram a entrevista no próprio local de trabalho, os outros cinco em lugares de sua rotina diária.

¹³ É uma mutuca (inseto) grande que pica as pessoas e animais sugando o sangue.

3.2 Organização de trabalho: “é assim o trabalho da gente”.

A organização do trabalho, no que tange ao real do trabalho, é constituída por imprevistos e contradições, situações que remete ao trabalhador vivenciar constantes desafios, seja por causa das regras, das normas e do fazer humano presente nos espaços organizacionais. Neste contexto, pela experiência e convivência entre os trabalhadores no ambiente de trabalho, a organização do trabalho real parece como compromisso, pois esta é um produto das relações sociais (DEJOURS, 1993/2011a).

Para Dejours (2017), o trabalho não pode ser entendido apenas como desgosto gerado socialmente, cuja origem, sempre era entendida como aquela que produz afecções somáticas e mentais. Pelo contrário, o trabalho ocupa um lugar central no funcionamento da sociedade, seja na produção de riqueza, das economias, assim como no desempenho psíquico e sobretudo na construção da identidade.

O trabalho se configura pelo saber fazer, pelo engajamento do corpo, pela mobilização da inteligência diante de diferentes situações enfrentadas pelo trabalhador, quando confrontado com acontecimentos inesperados ocasionados pelo real, provenientes da organização de trabalho (DEJOURS, 2012b).

Nesta perspectiva, vale lembrar que estamos falando de uma organização de trabalho cuja realidade é muito complexa, que há em seu arcabouço diversas atividades de trabalho com prática do fazer e do saber fazer no cotidiano de trabalho articulado com diferentes situações ocasionadas por: variabilidade sazonal - enchente e vazante; situações climáticas, que implicam nas condições de trabalho e modo de vida.

Neste movimento, a pesquisa permitiu conhecer mais desta organização de trabalho, e quando perguntado para o ribeirinho quais são suas atividades de trabalho, percebeu-se que dos dez participantes todos trabalham no cultivo da roça para fazer a farinha de mandioca.

A roça de farinha de mandioca é uma das atividades que produz um dos principais alimentos para a subsistência do trabalhador ribeirinho. A roça é plantada no roçado, este é um lugar de terra em que está limpo ou livre de mato. Na várzea quando seca o rio, no período da vazante, geralmente a terra emerge limpa, sem mato, o trabalhador faz suas plantações e no decorrer do crescimento das plantas, se faz necessário realizar limpeza, pois juntamente com crescimento do cultivo, nasce e cresce o mato. Nos roçados da comunidade, além da roça para

fazer a farinha de mandioca, os trabalhadores realizam dentre outras plantações, a da banana, do jerimum, da melancia, da batata, do feijão, do milho, do melão, do mamão, como também as plantações de malva, atividade exclusivamente para fins econômicos.

“Eu faço tudo né, eu roço, eu capino, eu faço farinha, eu quebro milho, ajunto jerimum, tudo eu faço, apanho feijão, eu planto banana, eu planto macaxeira, eu planto mandioca, eu planto milho, eu planto cana, eu planto planta mesmo de flores, tudo eu planto, tudo a gente vai fazendo né” (IRACEMA).

“A gente planta a roça, malva também, a gente planta pra vender pra arrecadar o dinheiro pra gente se manter, pras necessidades, pra gente comprar alguma coisa que a gente precisa na casa da gente” (LOURDES).

A complexidade da vida cotidiana de trabalho do ribeirinho encontra-se marcada pelo tempo e configurações do lugar, que acontecem a partir da subida e descida das águas. Esta sazonalidade, dependendo da atividade, atua dificultando ou facilitando a prática do trabalho. Situação que leva o ribeirinho lançar mão da sua inteligência e saber fazer, pelo conhecimento que tem do lugar. A realização de suas atividades acontecem de modo peculiar, quando olhamos pela perspectiva da cultura amazônica.

Às vezes a gente planta, assim na parte do interior são plantas que dá mais rápido né, por causa da questão da água. A banana, o mamão, e também as pessoas escolhem aquele plantio que não morre com a água, e onde tem muita correnteza é difícil né porque às vezes a planta não morre com a água mas já por outro lado, a correnteza muito forte ela acaba matando né, por isso as pessoas costumam plantar esses tipos de planta que dão mais ligeiro, e o mais plantado é a banana, mamão, jerimum, melão, a melancia, dentre outros (FRANCISCO).

As plantações realizadas na comunidade pesquisada são escolhidas e cultivadas pelo ribeirinho exatamente por saber que essas sementes, após ser plantadas, crescem e dão o fruto no tempo do lugar, ou seja, antes do período da cheia do rio Solimões. Ressalta-se que a banana e a mandioca, assim como a malva, são produtos que levam um tempo maior para amadurecer, por isto, geralmente são colhidas concomitantemente ao período da enchente do rio.

Dentre todos os participantes da pesquisa, nove mantêm a prática de pesca no lago e igapó, apenas um por motivo de doença não está exercendo esta atividade. A pesca do lago é extremamente importante para os moradores da comunidade, pois geralmente é neste lugar que se pesca o peixe para a alimentação do dia a dia do ribeirinho. As fotografias 26 a 27 representa a pesca no lago e igapó da comunidade pesquisada.

Fotografias 26 a 27 – Trabalho da pesca no lago e igapó



Fonte: Maciel (2019)

“Eu pesco no lago, é assim, no momentos da seca né, o trabalho da gente é tramalha né, porque assim na seca a gente vai para os lagos pescar, e nos lagos a gente depende muito de tramalha, é o material mais usado nesse período. Agora na parte da enchente a gente costuma usar mais é caniço, flecha, materiais assim” (FRANCISCO).

“Eu trabalho mais na terra do que no rio, mais eu vou pro rio, quando não tem outro eu vou. Pesco no lago também, a gente tem que pescar né, pra comer” (IRACEMA).

“Capinar né, desfilhar a malva, aí eu planto roça também, pesco no lago, no rio de arrastão, no lago é de malhadeira né, de flecha, arpão” (JOÃO).

Na comunidade pesquisada o lago é localizado junto do igapó, os dois são conectados pelas mesmas águas, a diferença é que o igapó fica na extremidade do lago, na parte da mata. Para esta atividade, geralmente o ribeirinho sai para pescar em uma pequena canoa com remo, munido de malhadeira, caniço, tarrafa, flecha, uma faca ou terçado¹⁴, e com seu chapéu de palha ou de pano na cabeça. No lago o pescador pesca vários tipos de peixe, como: Tucunaré, curimatã, sardinha, pacú, bodó, aruanã, piranha e outros.

Observou-se que sete trabalhadores ainda exercem o cultivo da malva e três deixaram de trabalhar com esta atividade. Constituída por fibra vegetal, a malva é uma atividade realizada na comunidade para fins lucrativos, esta possibilita que o trabalhador ribeirinho compre suprimentos de bens de consumo para sua casa, sua família. Vale ressaltar que malva

¹⁴ Consiste em uma faca de grande porte, utilizada para diferentes trabalhos, como: os domésticos, o trabalho de cortar a vara da maniva no processo de arrancar a mandioca da terra, usado para cortar a malva, para roçar, limpar o mato das plantações e outros.

é uma atividade trabalhosa, que demanda muito esforço físico, pois para ser colhida, precisa primeiramente ser semeada assim que seca o rio, quando a terra ainda está em forma de lama. Ao nascer e no período do crescimento, se faz necessário realizar a limpeza, seja do mato, como também a retirada das fibras que não se desenvolveram, situação conhecida como desfilhamento (tirar os filhos, as varas que não se desenvolveram) da malva. Podemos observar na fotografia de número 28, o corte da malva.

“Meu trabalho é no roçado, plantar roça, malva, como agora eu já até parei de plantar malva, mais é na roça né, às vezes eu trabalho com carpintaria um trabalhinho que aparece, eu faço canoa, casa, mais é o trabalho de construção de casa de madeira é esse mais o meu trabalho” (JOSÉ).

“Com relação a malva, pelo processo dela né, no caso no início uma pessoa só consegue realizar o trabalho dela que é o plantio da semente, agora na parte da colheita a gente já depende de materiais como: terçado, botas para a preparação pra ir pra ela, porque às vezes se a gente ir pra lá despreparado pode acontecer algo, porque desde que a gente trabalha com materiais são perigosos né, principalmente o terçado que a gente usa lá né, serve pra cortar a malva” (FRANCISCO).

Fotografia 28 – Representação fotográfica do trabalho do corte da malva



Fonte: Maciel (2019)

Assim, para colher ou cortar a malva, o trabalhador vai para o roçado bem equipado, com calça e camisa de manga comprida, chapéu, botas, terçado e comumente leva uma garrafa com água, pois geralmente no período da colheita, segundo entrevistado, o sol é bem intenso, situação que faz com que o trabalhador precisa parar a atividade por alguns instantes para beber água.

Os dados demonstraram que sete dos dez participantes, não praticam mais a pesca do rio, apenas três continuam com esta prática de trabalho. O rio que os trabalhadores da comunidade pescam é o rio Solimões, este mede aproximadamente de cinco a sete quilômetros de largura e mede de quarenta metros de profundidade no período da cheia, a trinta ou vinte no período em que o rio está seco.

“Eu pesco no rio de arrastão pra ir se mantendo né, pra ir comprando o açúcar, o café. Eu vendo uma parte aqui na comunidade mesmo e a outra parte é para o alimento” (JOÃO).

“A pesca do rio é com arrastão né, de espinhel, de poita né, isso aí tudo eu passei na minha vida, agora não, agora até nisso nós já parramos. A gente pegava dourado, jaú, tambaqui né, outras qualidades de peixe também, era pra vender e servia para alimento também, às vezes quando vinha um tambaqui a gente tirava para comer e o resto a gente vendia” (LIKA).

O rio possui verdadeira importância na vida cotidiana dos moradores da comunidade, pois é a única via de transporte dos moradores, nele o trabalhador equipado, dentre outros como tarrafa, tramalha, além de pescar pequenos peixes para a alimentação do dia a dia, como matrinxã, jaraqui, sardinha, pacú, realiza também a pesca do peixe liso. Nesta última são capturados peixes como: dourada, surubim, jaú, estes são comercializados, tornando-se fonte de renda para a família. As fotografias 29 a 30, apresentam a pesca do peixe liso no rio.

Fotografias 29 a 30 – Trabalho da pesca no rio Solimões



Fonte: Maciel (2019)

Comumente o trabalhador vai pescar o peixe liso no rio em uma canoa grande, com um motor rabeta na “popa” (parte traseira) da canoa, leva também seu principal instrumento de trabalho para realizar esta atividade, a conhecida rede de pesca, “arrastão”. O pescador joga ou lança a rede no meio do rio, em um período de aproximadamente 2:00hs, ele com um

parceiro a retira da água e quando recolhe o peixe leva para o flutuante de um comprador da própria comunidade.

De maneira secundária, observou-se práticas peculiares de outras atividades na comunidade como: dois participantes trabalham com carpintaria, um trabalha construindo casas, canoas, mesas, bancos, dentre outros. O outro parou de trabalhar por enquanto, relatou limitações com relação a visão e também porque encontra-se doente, situação que o afastou de outras atividades de trabalho. Um outro entrevistado além de trabalhar não com regularidade na agricultura e pesca do lago e do rio, atua como docente na comunidade. Apenas um trabalhador mencionou realizar outras plantações, dentre outras: cupuaçu, açaí e pupunha. Estas atividades são desenvolvidas em um terreno na terra firme no período da enchente do rio na comunidade.

Na comunidade estudada, foi possível perceber que há várias atividades de trabalho e que todas são para a subsistência da família. Dentre todas, ressalta-se que duas são predominantemente essenciais, apresentam-se como centrais, seja na enchente ou vazante do rio, não pode de maneira alguma faltar para o alimento do ribeirinho, o peixe de escama pescado comumente no lago e a farinha de mandioca. Nas fotografias 31 a 32, temos a imagem das principais fonte de alimento do ribeirinho.

Fotografias 31 a 32 – Peixe de escama e a farinha de mandioca.



Fonte: Maciel (2019)

3.3 Como se organizam para o trabalho: “É o que fazemos no interior”.

A organização de trabalho da comunidade ribeirinha estudada, possui elementos característicos que expressam o viver ribeirinho e sua organização a partir da cultura, modo de

vida, tradições de um povo que possui jeito próprio de trabalho, sem intensões de acúmulos, realidades que faz parte da história e vida do lugar.

A organização de trabalho, contextualiza-se em uma dinâmica subjetiva. A subsistência no que tange os valores das regras, se dá nos relacionamentos interpessoais, nos modos de executar o trabalho, no tempo designado à deliberação com os pares (ANJOS, 2013).

A organização de trabalho é em si, repleta de contradições, segundo Dejours (2012b), pode propiciar ao trabalhador durante sua atividade de trabalho, vivências tanto de prazer quanto de sofrimento, pois, é pelo viés da organização do trabalho que as relações sociais se estabelecem.

Na comunidade pesquisada, embora tenha um representante, não há uma associação, ou representação que ofereça formas de fazer o trabalho, estabelecendo regras e prescrições, enquanto comunidade. A organização de trabalho acontece em um contexto familiar.

Desta maneira, uma das perguntas da entrevista, tinha como objetivo obter informações de como o ribeirinho se organiza para o trabalho. Nas repostas, percebeu-se que dos dez entrevistados, para quatro as tarefas em suas casas são divididas.

“O trabalho é dividido, cada qual faz um pouco. Por exemplo, quando meu esposo sai pro trabalho né, aí fica eu e minha filha em casa, fazendo as coisas de casa né, às vezes a gente limpa o caminho, limpa a malva quando tá cerrado quando ele não pode, aí quem vai é nós, a roça também quando ele não pode quem vai é nós, pra limpar né e outros serviços também a gente faz, muitas coisas” (LIKA)

“Pra fazer a farinha a gente divide do mesmo jeito, vai três pra lá e o resto vai pro roçado, assim como eu fiz hoje. A gente divide assim porque está enchendo o rio e mesmo se a gente não vir, do jeito que a água vem, a plantação entra na água e a gente perde. É por isso que a gente tem que dividir assim, repartir né” (JOÃO).

Segundo Anjos (2013), organização de trabalho, são atos ou ação que quando estabelecidas, configuram-se como base para o esforço, a partir do investimento das ações advindas da força de trabalho. À medida que o trabalhador começa a organizar-se coletivamente, logo inicia-se a divisão do trabalho, e nesta complexidade organizacional é percebida a impossibilidade da divisão de tarefas apenas baseado em gênero, pelo contrário, esta se dá em uma conjuntura entre quem planeja e quem executa.

Nesta organização de trabalho, foi possível perceber que existe uma maneira bem específica de se organizar para o trabalho, e ao mesmo tempo complexa, pois o ribeirinho em sua vida cotidiana e prática de trabalho apresenta apreços a valores tradicionais, constroem a partir do saber fazer, relações coletivas de trabalho dentro de um contexto familiar. O ribeirinho, por conhecer suas atividades, apesar das interferências dos fenômenos da natureza, consegue articular seu cotidiano de trabalho com a família, no período da plantação e muito mais, em aproximadamente cinco meses, entre fevereiro a maio, período em que o trabalho se intensifica, pois é o período da colheita das suas principais plantações, como a roça de fazer a farinha de mandioca, a malva e outros. Assim, por causa das várias atividades que desenvolvem, a força de trabalho é compartilhada entre os membros da família.

Na perspectiva desta organização, observou-se que três entrevistados relataram que o trabalho é realizado apenas pelo esposo e esposa, as crianças da família estudam e auxiliam em alguns trabalhos da casa.

“Nós reparte, quando eu to em casa eu faço, quando eu não tô ele faz, ele faz comida faz café faz tudo, a roupa também é dividida, ele lava a dele quando eu chego eu lavo a minha é tudo dividido. Não tem negócio de um ficar olhando pro outro não dividimos as tarefas entre nós dois” (IRACEMA).

“Aqui mesmo nós estamos só bem dizer eu e ela né e essas duas netas, porque a gente fica só nós dois às vezes, fica tão assim, aí ela vai e eu peço das mães delas lá na cidade né, elas não querem deixar, então pede a transferência lá, aí elas concordam pra não ficar só nós. Elas vão pra aula de manhã, aí ficamos eu e ela né, ela sai vai cuidar no trabalho e eu fico lá agindo lá em casa, aí eu fico fazendo algum serviço que eu vejo que dá eu pra mim fazer, eu vou fazendo, lavar uma vasilha, é isso que eu faço. Aí quando elas chegam que eu vejo que tem outro serviço que não deu pra eu fazer, elas fazem, ajudam no almoço faz um macarrão faz arroz é isso aí” (GABRIEL).

Na comunidade, o trabalho perpassa por uma construção histórica, é transferido de pai para filho. Observou-se comumente, que as casas do interior são constituídas por muitas pessoas, contudo, os filhos crescem, alguns mudam-se para a cidade, outros casam e constroem suas próprias famílias, ficando geralmente nessas casas apenas os pais já de certa idade. Embora alguns já estejam aposentados, continuam trabalhando, pois, além do trabalho propiciar sentido para suas vidas, faz parte da realidade de vida e cotidiano do lugar.

Em algumas casas na comunidade, os avós criam os netos, talvez seja uma maneira de não se sentirem só e manter a casa com muita gente, assegurando assim suas tradições. Ressalta-se também que as crianças e adolescentes realizam algumas atividades, como os

trabalhos domésticos e o de farinha de mandioca. Contudo, percebeu-se o compromisso dos pais e avós para estes primeiramente cumpram suas obrigações com a escola.

Três dos entrevistados mencionaram que o trabalho é desenvolvido como trabalho junto. Percebeu-se na fala de dois participantes que embora não declararam as palavras dividido e junto, seus relatos afirmam que as tarefas são divididas e trabalham juntos.

“Nós trabalhamos juntos, quando eu vou pra roça eu chamo né, bora vamos arrancar, vamos carregar lenha. Nós trabalhamos juntos, o trabalho doméstico sou eu que faço, quando as minhas filhas estão aqui, elas me ajudam” (SUELY).

“Quando eles estão fazendo outros trabalhos, como por exemplo: quando ele vai pra mata né tirar madeira, buscar né, quando ele não pode aí aquele serviço que dá pra gente fazer a gente faz, aí já é menos um trabalho né, pelo menos quando ele chegar ele não vai fazer mais aquele serviço que tinha pra fazer né. Dando pra gente fazer a gente faz, aí quando ele chega aquele serviço já está pronto. A gente trabalha tudo junto né” (LIKA).

Neste contexto, a divisão de tarefas acontece de forma natural, as atividades são executadas não por imposição, mas por uma prescrição familiar, ancorada pelo afeto, que não objetiva-se obter vantagem sobre o outro, pelo contrário, acontece dentro de uma conjuntura da cooperação pelo ofício de trabalho. O trabalho é compreendido como dividido, porque é compartilhado entre os membros da família, e trabalho junto, no sentido de que o trabalho de um se completa com o trabalho dos outros, cujo o propósito é a subsistência da família.

Para Dejourns (2012b), toda regra de trabalho consiste em um conjunto que se dá da relação com o real do trabalho e o viver junto, ou seja, ao mesmo tempo que é uma regra técnica é também a regra do saber viver. Os espaços informais de trabalho, são constituídos pela prática da convivência, que apresenta-se como parte integrante da cooperação. O espaço de deliberação informal oferece a possibilidade do reajustamento, pois este lugar oportuniza sintonia entre os trabalhadores e os levam a interpretar as situações em uma perspectiva da coletividade.

Dois entrevistados relataram que há atividades que não são adequados para as mulheres, por serem perigosas, como sevar mandioca, pesado, como lavar malva. Ainda nesta organização de trabalho, observou-se que duas mulheres fazem a divisão das tarefas entre os membros família.

Vale pontuar, quando os entrevistados responderam às perguntas relacionadas as atividades de trabalho e como são divididas as tarefas, nenhum a priori mencionou o trabalho

doméstico, foi necessário colocarmos as questões em pauta e assim observamos que dos 10 participantes, apenas um homem divide o trabalho doméstico com a esposa, na casa dos demais participantes quem realiza as atividades são as mulheres, esposas ou filhas.

Na comunidade, as mulheres além de realizar o trabalho doméstico, as plantações de hortas, plantas com efeitos medicinais e ornamentais ao redor de suas casas, a maioria também realiza todas as outras atividades considerada fora de casa, como: o trabalho da pesca, da roça de farinha de mandioca, da malva e outros. Observamos que embora algumas mulheres compreendam a atividade doméstico como “trabalho”, não gostam de realizar, pois dentre outras situações é cansativo, muito bem expressa na fala de Lourdes, “às vezes os filhos vão pra aula e fica só a gente dentro de casa e tem que dar conta de tudo né, dentro de casa, tem que lavar uma roupa, fazer comida, zelar a casa e tudo isso é trabalho né, dificultoso pra gente”. A maioria tem a concepção desta atividade como seu dever, pois entende que, apesar da maioria dos esposos realizarem apenas o serviço “fora de casa”, eles tomam para si a parte mais pesada, cansativa e perigosa do mesmo. Na tradição local, que expressa um acordo sobre os gêneros e ofícios, a mulher, no trabalho fora de casa, atua na atividade que exige menos força física.

“Assim, aqui no caso fica puxado né, porque hoje em dia só quem trabalha no pesado sou eu e o papai, são os homens da casa; e a mulher, normalmente, não é costume, assim. Principalmente no serviço de malva, não é muito apropriado mulher ta trabalhando no serviço da malva, porque, como eu te falei, é um processo pesado. Serviços assim, que nem a malva, a mulher trabalha muito na parte de cortar ela, que é o serviço mais leve da malva; a parte de cortar que só depende do terçado pra cortar ela” (FRANCISCO).

Neste contexto, apesar destas negociações concernente ao trabalho “fora de casa”, neste caso do trabalho rural, o trabalho doméstico, ao que parece, é naturalizado como uma atividade que não exige esforço, como o trabalho que deve ser realizado pela mulher. Nesta direção, concordamos com Nina (2016), quando reflete acerca do trabalho doméstico no contexto rural, que este, como todo trabalho, situa-se no campo do real, que resiste e obriga o sujeito a enfrentar o fracasso e vivenciar o sentimento de impotência, é um trabalho compreendido como uma “sina”, em que a mulher está submissa a uma prescrição construída há muito tempo. Acrescentamos também, que este trabalho é advindo de uma organização que se deu pela construção histórico – cultural.

Com base nas observações voltadas para organização de trabalho da comunidade ribeirinha em questão, compreendemos que trata-se de uma organização de trabalho informal,

com pessoas que não mantêm uma rotina de trabalho estabelecida, pois há em seu contexto um movimento que embora seja de autonomia, é também articulado com os fenômenos da natureza, com os membros das família pelo viés da cooperação, do saber fazer, dos costumes e tradições. Assim os trabalhadores ribeirinhos trabalham e vivem junto, vivem juntos e trabalham, estas orações estão conectadas por uma conjunção que torna-se difícil distinguir uma da outra, pois é pelo trabalho que é realizado e vivenciado junto que os ribeirinhos superam as contradições, as adversidades que se dá pela imprevisibilidade das situações de trabalho.

3.4 Sofrimento, sinais e sintomas advindos das situações de trabalho: “É assim, sempre ataca essas mazelas em nós e não é fácil”.

O sofrimento advindo de situações de trabalho, pode ser compreendido como um ponto de partida e não apenas como uma consequência lastimável, pois a partir dele, e de como é experienciado, o sujeito pode encontrar saídas que o levam alcançar o prazer no trabalho (DEJOURS, 2007).

O sofrimento não pode ser visto apenas como consequência do encontro que se tem com o real, é compreendido como proteção para a subjetividade, pois diante das intempéries advindas do trabalho, o trabalhador encontra meios para superar a resistência do real em movimentos que possibilitam a ampliação de sua subjetividade (DEJOURS, 2012b).

O trabalho possui diferentes faces, e formas de atuação, no desenvolvimento e na vivência real do trabalho existem situação geradoras de tristeza, desgosto, cujo impacto na vida do trabalhador pode causar sofrimento.

Considerando a complexidade do conceito de sofrimento, na comunidade este em diferentes situações é compreendido como dificuldade, desconforto, pois não caracteriza-se como sofrimento que se intensifica, logo é elaborado pelo processo de mobilização subjetiva através do enfrentamento estratégico, frente as situações de trabalho confrontada pelo trabalhador ribeirinho. As dificuldades aqui apresentadas apareceram em vários trechos da entrevista, e estão relacionadas a alguns aspectos ligados a sazonalidade que ocorre no rio Solimões, fatores ambientais, condições climáticas, condições de trabalho, sinais e sintomas provenientes das atividades de trabalho.

3.4.1 “O trabalho do interior é muito pesado, às vezes no sol quente, embaixo de chuva, tudo isso né, a vida é dificultosa pra gente”.

Neste sentido, seis trabalhadores mencionaram a sazonalidade com relação a enchente do Solimões, como dificuldade, situação que leva ao sofrimento, pois neste período, e por não terem o controle da força das águas, precisam trabalhar arduamente, senão perdem todas as plantações.

“A dificuldade que a gente tem é a de quando vem a enchente né, a água leva, more as plantas da gente, aí a gente vai esperar de novo sair a terra para poder tornar plantar, esperar a planta crescer pra poder colher e tudo isso é dificultoso né” (LOURDES).

“Eu acho difícil assim, quando a água vem subindo tem que trabalhar forçado para não perder, aí trabalha dali, trabalha pra culá, trabalha na malva, trabalha na roça e suspende uma maniva e suspende um filho de banana e lá vem a água subindo e se a gente não cuidar, juntar a gente não tem pra plantar, colocar na terra de novo” (SUELY).

“Muitas das vezes o trabalho da agricultura a gente faz um trabalho tão bom, aí às vezes a gente pensa que vai tirar, fazer o melhor dali e não dá certo, como pelo menos essa água aí que vem, às vezes a gente planta uma planta bonita, o milho, a cana, lá vem a água e mata tudo é um trabalho que causa tristeza né, porque o cara tentou prosperar e não deu a água veio e tomou” (JOSÉ).

A enchente do rio Solimões é um fenômeno natural e esperado pelo ribeirinho todos os anos, às vezes vem com menor ou maior intensidade. Percebe-se que esta situação causa tristeza e interfere diretamente a vida cotidiana e de trabalho, configurando assim, um verdadeiro desafio no período de colheita. Para este período do ano, o trabalhador precisa organizar, dividir as atividades com a família e juntos precisam trabalhar com mais agilidade para não perder as plantações, pelo menos as essenciais como a roça para fazer a farinha de mandioca, que será consumida durante toda a fase da enchente. As plantações como: cana, milho, bananeiras, e outras, não escapam a este ciclo da água. Há situações que por causa da enchente, correnteza e o banzeiro proporcionado pelo vento, pelos grandes barcos e navios, árvores com raízes mais profundas não resistem e morrem, dentre outras, as goiabeiras, mangueiras, ingazeiras, limoeiros, abacateiros.

A sazonalidade apresenta-se como dificuldade também pela falta de comida. Três participantes disseram que trabalhar com fome é motivo de muita tristeza.

“É às vezes quando a gente quer trabalhar e a gente chega em casa e não tem a comida pra comer e a gente às vezes passa o dia com fome, eu acho ruim isso né, ninguém tem o que comer, chega em casa não tem, tem que tirar um dia pra ir

“pescar, aí a gente chega em casa não tem o que comer a gente fica meio triste” (SUELY).

“Sempre eu digo pros meninos, às vezes eu digo pra eles, há hoje tá ruim de trabalhar, eu digo o dia ruim de trabalhar é o dia que não tem comida, (risos), né aí fica ruim, porque a gente fica com a barriga vazia, eu digo isso aí porque eu já passei né, nós trabalhando assim né e quando chega em casa não tem nada pra almoçar né, aí é o dia mais difícil, porque não tem quem vá atrás né, aí fica ruim. Ainda mais quando chega aquele período que chega a roça, a malva, quase tudo junto né, aí fica mais difícil pra gente, período da colheita” (LIKA).

A falta de comida está relacionada com o processo intenso de trabalho no período da enchente do rio, geralmente o trabalhador fica entre duas situações, realiza a colheita ou pesca para a alimentação do dia a dia. Compreendendo que este para não perder o fruto de seu trabalho, que acontece com maior intensidade em apenas quatro ou cinco meses, escolhe realizar a colheita, mas isto implica na condição de ficar com fome, pois às vezes passa o dia todo no roçado e alimenta-se apenas com café. Este cenário vem passando por mudanças, pois com a implantação de energia elétrica na comunidade, tornou-se possível comprar o alimento, em pequenos comércios da própria comunidade, na cidade de Anori e armazenar em geladeiras ou freezers, facilitando assim, o acesso ao alimento neste período de muito trabalho. Neste contexto, e em meio a estas transformações, a implantação de energia elétrica, veio contribuir e evitar a dura realidade que acometia a vivência do ribeirinho neste período do ano.

Com relação a sazonalidade do rio, algumas dificuldades foi mencionada por dois entrevistados, os quais relataram: “tirar a madeira da mata no período da vazante do rio, é uma de suas maiores dificuldades”.

O trabalhador da comunidade, tem o costume de tirar a madeira na mata, esta é utilizada para construir suas casas, para fazer lenha, usada na cozinha, assim como na casa de farinha para o processo de torar a farinha de mandioca e para fazer os varais para estender a malva no período da colheita. Acontece que, a mata geralmente fica distante das casas da comunidade, e no período da seca torna-se inviável entrar canoas nestes lugares, pois são o único meio que o trabalhador tem para transportar a madeira da mata para suas casas.

3.4.2 Sofrimento relacionado as condições de trabalho apareceu pelas seguintes situações:

Quatro entrevistados relataram sentir dificuldades com relação a alguns condições propiciadas pelo trabalho da malva, narraram que este caracteriza-se como um trabalho ruim, cuja folha provoca coceira no corpo durante a colheita, é um trabalho pesado, cansativo, que

às vezes o dinheiro que sobra após o pagamento da semente, não vale todo o esforço para cultivá-la, pois “é um trabalho que começa na lama e termina dentro da água”.

“E quando é pra gente semear a gente vai na lama se atolando aí quando ela já tá grande a gente vai capinar, ela coça muito, mas a gente tem que capinar que é pra ela crescer né, chegar até no ponto da gente cortar pra colher, aí quando a gente vai cortar, a gente tem que carregar, afogar, aí vai esperar aqueles seis dias, sete dias pra lavar né, a gente fica de molho o dia todinho né, lá de molho o dia todinho pra poder tirar e carregar de novo pra jogar no varal pra poder aprontar né, é muito difícil o trabalho da malva, mas a gente tem que trabalhar, eu pelo menos né trabalhei muito em malva, mas agora eu não tô nem querendo mais” (SUELY).

“O trabalho da malva, primeiramente a pessoa limpa a terra né, no outro ano vai semear, como aqui é várzea né o cara semea aí depois vem a limpeza, o cara vai limpar depois da limpeza a dificuldade é grande da malva né, depois da limpeza já vem o corte aí o cara vai cortar, botar na água, aí vai lavar, aí vai para o varal, aí vai enfardar, aí que vai vender né é um trabalho complicado a malva né é assim o trabalho da malva” (JOSÉ).

O trabalho da malva é uma atividade que passa por alguns processos, como podemos observar na representação fotográfica 33, e em todos eles o trabalhador executa sua atividade exposto ao sol e chuva.

Fotografia 33 – Algumas etapas do trabalho da malva.



Fonte: Maciel (2019)

No trabalho da malva, o trabalhador realizar movimentos em que precisa encurva-se várias vezes até ao chão para poder cortar a malva. Assim, para diminuir o peso no momento de carregar para a água, deixa os feixes por aproximadamente três dias no chão do roçado, durante esses dias as fibras da vara de malva murcham, assim como as folhas e algumas caem facilitando e diminuindo assim o peso na hora de carregar para fazer o processo de alotar, afogar, ou seja, colocar os feixes de fibra na água para amolecer. Depois de aproximadamente

sete dias dentro da água acontece o processo de “lavagem”, o desfibramento, as fibras são retiradas das varas da malva, são carregadas e estendidas para secar em um varal feito de madeira, e por último colhida, para fazer os fardos, às vezes estes são guardados em um paiol, aguardando o comprador vir buscar.

Três pessoas responderam que o que causa sofrimento, é estar doente e não poder trabalhar.

“É quando a gente está doente né, trabalhando doente, pelejando, isso daí a gente fica triste, fica só pensando né que a gente está doente, baquiado e a gente não pode fazer como quando a gente está bom né, bom a gente fica alegre, animado. Quando está doente se torna tristeza né, ninguém pode fazer o que fazia” (JOÃO).

“Só quando a gente tá doente, é a tristeza quando a gente quer trabalhar, quer fazer aquele serviço e não pode, porque a gente tá doente né, é o período mais ruim que tem. Mas quando a gente está de saúde, a gente trabalha mesmo” (LIKA).

No trabalho rural o trabalhador não está livre de enfrentar situações de sofrimento. Estas se relacionam especialmente às condições de trabalho, nas diferentes atividades que desenvolvem e dos imprevistos advindos do real do trabalho. O ribeirinho é acometido por doenças físicas que o deixam impossibilitado de realizar seu trabalho, situação que pode levar a um processo de intensificação do sofrimento, pois, ao se ver incapaz de realizar seu trabalho sua subjetividade é afetada.

O trabalho traspassa profundamente a vivência de doença. Olhando pela perspectiva da ideologia da vergonha, para o homem a doença é vista como o impedimento de poder realizar seu trabalho. Neste contexto, a angústia que o trabalhador sente, não é somente a da doença, do sofrimento; é advinda também da impossibilidade, da incapacidade de produzir trabalho, de realizar seu trabalho (DEJOURS, 2015).

Neste contexto, na comunidade pesquisada, os dados mostraram que o trabalhador ribeirinho, especialmente os homens, atuam na perspectiva da ideologia da vergonha, pois em várias situações observadas no cotidiano, constatou-se que estes tem dificuldade de aceitar a doença, e de perceber que esta pode ser advinda do espaço e das condições de trabalho. Ao que parece, há a negação do próprio sofrimento, ao ver a doença como fraqueza. Observou-se que o ribeirinho, mesmo estando incapacitado para trabalhar, comumente vai para o local de trabalho mesmo quando doente. Acredita-se que um olhar mais aprofundado sobre esta questão venha proporcionar reflexão e mudança na visão de que o trabalhador ribeirinho é preguiçoso.

O sofrimento se configura como parte integrante do trabalho, é diante dos imprevistos e incidentes ocasionados pelo real do trabalho que se percebe a distância entre o planejado e a prescrição, o real. Considerando que a experiência com o real acontece pelo viés da afetividade, trabalhar inevitavelmente leva o trabalhador experienciar sofrimento (MORAES, 2013b)

Nesta perspectiva, quatro entrevistados relataram as dificuldades com relação as condições de trabalho, com os insetos, pragas e animais peçonhentos em diferentes situações. Três deles disseram que a dificuldade tem relação com a presença de formigas, mutucão e baratas da água, no trabalho da malva, situação que propicia uma má condição de trabalho, pois o mutucão incomoda, a formiga pica e deixa partes do corpo empolado durante a atividade de cortar a malva, já no trabalho de lavar a malva, a dificuldade foi apresentada pelo perigo da presença de barata d'água, estas podem picar e ocasionar dor e possíveis doenças ao trabalhador. Apenas um participante mencionou que cobras e escorpiões, ocasionam dificuldades com relação as condições do trabalho na atividade de tirar a madeira da mata.

“A dificuldade maior que tem mesmo são as pragas né que a gente corre risco, os peçonhentos né. Eu acho que é no trabalho da mata né, da madeira, como cobras e escorpião, eu acho que da água não tem, acredito que não, porque eu nunca ouvir comentário nenhum sobre perigo de lavar malva não, acredito que só o caso da doença mesmo” (CHICÓ).

Dificuldade com relação as condições de trabalho apareceram também no trabalho da roça de farinha de mandioca. Dois entrevistados mencionaram que carregar, decotar (cortar a mandioca da maniva) e tirar a mandioca do chão, causam dores na coluna lombar e no braço. “A gente vai decotando e vai doendo a “cadeira” da gente, ontem eu quase não conseguia mexer com esse meu braço aqui, quase não dormia de noite com essa dor” (Joaquina). A outra, mencionou que por passar horas andando ao redor do forno quente no processo de torar a farinha de mandioca, é motivo de tristeza, pois sente dores na perna. “Quando eu estou torando farinha né, que eu passo o dia em pé na roda do forno, aí a tarde quando eu termino eu sinto a dor na perna, na perna esquerda” (LOURDES).

Outras situações de sofrimento descritas, estão relacionadas as fatores ambientais, ou condições climáticas. Três entrevistados mencionaram o sol como sua maior dificuldade, outros dois participantes relataram ser a chuva.

“Pode ser o sol também, hoje o sol foi muito quente né, trabalhei mas fiquei cansado, aí o cara no final da tarde fica cansado, o sol fadiga muito, maltrata muito a gente” (JOSÉ).

“Dia ruim de trabalho é um dia de chuva né, às vezes a gente pega chuva trabalhando, a gente as vezes tem trabalho que tem que enfrentar a chuva né, estar ali naquele trabalho, esse é um dia ruim que a gente estar enfrentando, dia de chuva por aí né às vezes longe de casa, mas a gente tem que fazer né, enfrentar aquela dificuldade, aí é um dia ruim né, a gente sente às vezes frio né, agonia porque estar ali molhado né, roupa molhada né, tudo isso é ruim” (LOURDES).

Sabe-se que a região amazônica é conhecida por suas oscilações climáticas. A maioria das atividades do ribeirinho da comunidade pesquisada são realizadas expostas ao sol ou chuva. Estas condições climáticas favorecem e são relatadas como boa para a realização de algumas atividades, já para outras, são mencionadas como dificuldades.

Assim, mesmo usando algumas proteções, como roupas de manga compridas, chapéus. Os trabalhos são executados sob estas condições, porque não há outra maneira de ser feito. Assim sendo, sol e chuva faz parte do contexto de trabalho do ribeirinho, ele busca maneiras para melhor conduzir, com intuito de não perder sua produção.

Neste sentido, as dificuldades também são colocadas como más condições no trabalho da pesca do rio. Dois participantes da pesquisa, mencionaram que a pesca do peixe liso no rio Solimões configura-se como uma atividade muito pesada que exige muito do pescador e afeta diretamente sua saúde. Podemos observar que as falas do trabalhadores são condizentes com a situação e o real do trabalho demonstrado nas fotografias de número 34 a 35.

“A gente pescava, a gente tinha dois arrastão, a gente parrou desde de que o papai já não aguentou mais pescar no rio, porque é um serviço pesado, causa danos, principalmente na parte da coluna que mexe, porque a pessoa está trabalhando nela desde o início né, principalmente quando é a parte de jogar o arrastão na água que é todo tempo envergado (encurvado), de uma forma inadequada né, mexe muito com a coluna e na parte de puxar também da água é todo tempo em pé e não tem como puxar de uma forma adequada né, a canoa ela não é assim nivelada, um nível, sempre tem as curvas e uma pessoa fica dentro da canoa, inadequado e outro fica em cima do banco, sempre um puxa mais alto do que o outro, isso mexe muito com a coluna do ser humano (FRANCISCO).

“A pesca do rio é lanceando aí no meio do rio com o pessoal puxando rede, meio duído, é pesado o trabalho da rede aí no meio (rio). O trabalho de pesca é isso, pesado, ariscado né, porque uma balsa aí ainda bate, um engate, pau na rede, de repente se alaga, temporal, tudo isso, corre perigo mesmo o pescador aí no meio. É complicado, o cara joga a rede e puxa, mas não é bom não, cedo a pessoa está todo quebrado, maltrata muito, sente dor nas cadeiras, na costa, e é assim” (JOSÉ)

Fotografias 34 a 35 – Representação fotográfica da situação de trabalho da pesca no rio Solimões.



Fonte: Maciel (2019)

Na comunidade a maioria dos trabalhadores deixaram de trabalhar na pesca do peixe liso do rio Solimões, talvez estas condições de trabalho justifique a decisão destes pescadores em parar de pescar. Durante observação participante, foi possível compreender o quão difícil é realizar esta atividade, o trabalhador gasta com gasolina para colocar no motor rabeta e às vezes o tempo gasto durante o período da pesca não compensa, quando não pesca nenhum peixe, fica no prejuízo.

Neste contexto, o pescador sai para esta atividade de trabalho tendo a certeza de que pode pescar muitos peixes, ou não, quando o pescador consegue realizar uma boa pesca, o recurso financeiro é garantido, proporciona comprar suprimentos para sua família. Alguns preferem pescar durante à noite, pois acreditam que tem a possibilidade de apanhar mais peixes, porém neste horário, a atividade torna-se mais ariscada, pois na escuridão o pescador estar suscetível, por exemplo: debater-se contra uma balsa, pois a iluminação do ambiente de trabalho se dá por meio de pequenas lanterna; quando a rede de pesca engata em alguma coisa, geralmente é madeira no fundo do rio, tornando-se mais complicado para puxar e quando acontece esses engates, seja de noite ou de dia, se faz necessário que o trabalhador utilize muito mais da sua força, pois precisam puxar uma rede de pesca de aproximadamente oitocentos metros de comprimento do fundo do rio, juntamente com a força da água que a torna mais pesada. Observou-se que há pescadores bem novos de idade com problemas na coluna e osteomusculares.

Nesta perspectiva, três participantes relataram que a dificuldade está relacionada com a venda de suas produções. Um menciona que: “porque tu trabalha com aquela vontade, tu tem aquela vontade de no final adquirir alguma coisa e no fim tu não adquire nada, porque não consegue vender” (Iracema).

“Não vende, não tem uma pessoa que se interessa né, pelo produto da gente, porque tem muita gente que planta muito, aí às vezes estraga, não compram né, por isso a gente não planta, como eu plantei uma vez, cebola, pimenta doce, levamos para o Anori, não queriam comprar, tinha demais, aí estraga, então por isso que a gente não planta assim muito, só mesmo para o tempero mesmo. É porque assim ninguém tem um contrato né, não tem um conhecimento com uma pessoa que tem o conhecimento lá na feira pro cara vender, ninguém tem, pra comprar da gente. Então isso daí que é o problema” (JOÃO).

“A gente não vende porque é muito ruim da gente vender, ano passado eu plantei um monte de jerimum e apodreceu foi tudo, aí não tem pra quem a gente vender, aí apodrece tudo quando vai alagando, vai colher aí vai embora um bocado é assim, não tem pra quem vender, fica aí” (JOAQUINA).

Na comunidade não há uma cooperativa, nem associação, nem um grupo de pessoas que se articulam para resolver a situação de venda dos produtos. Apesar das dificuldades relacionadas a infraestrutura de transporte e a distância das cidades. Se na comunidade tivesse um projeto, uma organização que conhecesse e priorizasse o processo produtivo e se mobilizasse com alguma ação nesta perspectiva, talvez conseguissem junto a prefeitura, um barco que viabilizasse o escoamento da produção. Acredita-se que pequenos movimentos nesta direção poderia gerar renda e elevar os ganhos para os moradores, para as famílias ribeirinhas da comunidade pesquisada.

As demais dificuldades foram um para cada situação como: dificuldade em trabalhar sozinho; quando não consegue cumprir o trabalho proposto; realizar o trabalho doméstico sozinha; não ter ninguém para ajudar; plantar roça é um o trabalho incerto porque depende da terra, às vezes esta contribui para a morte da plantação.

3.4.3 Sofrimento relacionado a sinais, sintomas e formas de adoecimento.

Compreende-se que o trabalho pode propiciar, prazer, saúde, mas também ocasionar doenças ao sujeito que trabalha. Quando feita a pergunta para os dez participantes da pesquisa, se eles adquiriram alguma doença por causa do trabalho, quatro responderam: sofrem de reumatismo, sendo que destes, dois mencionaram que o problema foi ocasionado pelo trabalho da malva, um pelo trabalho da malva e também da roça, na situação da roça pela

tarefa em tirar a mandioca da água, e o outro não relatou qual foi o trabalho que propiciou a doença, o reumatismo.

“Dor do reumatismo, porque quando a gente larga do trabalho que a gente tomou banho, aí a gente sente muita dor no toco do braço, nas cadeiras por causa do trabalho da malva né, a gente passa o dia todinho na água né, dizem que é reumatismo, é da lavação que é frio né, a gente fica dentro da água o dia todinho lavando malva só sai de tarde e quando chega a noite a dor ataca” (JOÃO).

“Assim, como a malva na parte da lavação dela que a pessoa vai pra água pra lavar a malva, é o reumatismo que dá, por causa da água, porque fica muito tempo na água, e algumas pessoas acabam sendo afetadas por essa doença que é comum, muitas pessoas acabam que se afetando com essa doença por causa desse problema da malva” (FRANCISCO).

Ressalta-se que o trabalho de lavagem da fibra da malva acontece dentro da água. Após ser afogada ou colocada para amolecer a fibra da malva na água, após cinco a sete dias, está pronta para ser lavada ou retirada a fibra. Na fotografia 36 temos registrada a situação de trabalho de como se dá a lavagem ou desfibramento da malva na comunidade.

Fotografia 36 – Representação fotográfica da situação de trabalho de lavar a malva.



Fonte: Maciel (2019)

Nesta parte do trabalho da malva, que é o período da enchente do rio, o trabalhador enfrenta algumas dificuldades para realizar sua atividade, pois precisa ficar por horas com os membros inferiores incluindo parte da coluna lombar, assim como mãos, punho e parte do braço dentro da água, fazendo movimentos repetitivos com os braços, punhos e mãos.

Situação compreendida como deletéria, pois trabalha com as pernas dentro da água, e a cabeça mesmo estando coberta com chapéu, recebe a queimadura do sol, ocasionando sensação de desgaste e com isso o cansaço físico. A situação se agrava quando o trabalhador precisa lavar a malva embaixo de chuva, pois o frio torna-se muito mais intenso, não só nas pernas, como em todo corpo, propiciando no final do dia dores, principalmente nas articulações.

“Desse trabalho é o reumatismo que dá né, como até hoje eu tenho esse reumatismo, do trabalho da malva, porque no tempo do meu pai eu trabalhei muito também em malva, na roça quando a gente ia tirar a mandioca da água que a gente ficava dentro da água atolado alí dentro da água e tudo isso ele vai entranhando nos ossos” (LIKA).

No trabalho de tirar a mandioca da água para fazer a farinha de mandioca, geralmente o trabalhador ribeirinho no período da colheita, arranca ou retira a mandioca da terra e coloca para amolecer com toda casca dentro da água em uma canoa, em um tempo que oscila entre cinco a oito dias estará pronta para ser retirada. Neste processo, o trabalhador fica algumas horas com as pernas dentro da água, molhando e fazendo movimentos repetitivos com as mãos e punhos e também curvando-se para colocar a massa puba em sacos de fibra ou em baldes de plástico médios, como podemos observar na fotografia 37 a 38, posteriormente precisa fazer força ao carregar a massa para a casa de farinha.

Fotografias 37 a 38 – Representação fotográfica do trabalho de tirar a mandioca da água, massa puba.



Fonte: Maciel (2019)

Esta situação de trabalho tem mudado, pois, atualmente, na comunidade, muitos trabalhadores colocam a mandioca para amolecer perto da casa de farinha em grandes tanques de plástico com água do rio Solimões, situação que facilita o trabalho, pois o trabalhador não precisa carregar a massa puba da mandioca da canoa que na maioria das vezes localizam –se longe da casa de farinha. As mandiocas colocadas no tanque geralmente são descascadas, amolecem em um tempo menor e a massa é retirada pronta para ser posta na gamela e posteriormente ser depositada na prensa para ser espremida. Com isto, o trabalhador ganha um pouco mais de tempo e ainda evita um desgaste físico maior, como: carregar nas costas, em sacos de fibras ou em pequenos baldes de plásticos, a massa da mandioca.

Neste contexto, os quatro trabalhadores nomeiam as dores do corpo, dos punhos, dos dedos, como reumatismo. Seus relatos afirmam que algumas de suas atividades de trabalho, assim como o avanço da idade, são os principais causadores desta doença. É importante destacar que não descartamos a possibilidade dessas dores relatadas, estejam dentro de um quadro de doenças osteomusculares, pelas condições e formas de como o trabalho é realizado. Não podemos afirmar que trata-se de reumatismo, pois, nenhum destes trabalhadores receberam atendimento e nem realizaram exames médicos, de maneira que não tem um diagnóstico comprovando que trata-se realmente desta doença.

Assim, dos dez entrevistados dois disseram que geralmente são acometidos por gripe, febre, dor na cabeça, dor no corpo, tosse. Um destes disse que é por causa do trabalho da malva, o outro, mencionou que essas doenças são comuns na comunidade no período em que o rio está enchendo e de repente para de encher, um fenômeno chamado de repiquete. Este período em que a água para, comumente os trabalhadores estão colhendo a malva e afogam em poças, tipo pequenos lagos de água parada que se formam perto dos roçados da malva na subida da água, na enchente do rio.

É importante ressaltar que quando a malva é colocada ou afogada na água, no processo de amolecer as fibras as folhas caem e aquela água parada que já não estava limpa torna-se cada vez pior, pois as folhas que caem, ou soltam da vara da malva apodrecem, tornando a água com aspectos escurecido, como podemos observar na fotografia de número 39, com odor muito forte, local propício segundo relatos para o ajuntamento de pequenos insetos como baratas d'água que podem causar danos à saúde.

Fotografia 39 – Representação fotográfica dos pequenos lagos, poças no trabalho da malva.



Fonte: Maciel (2019)

Nesta perspectiva, dos dez participantes, dois mencionaram sentir dores nas pernas, nas “cadeiras” (coluna lombar), nos braços, no pescoço, proveniente do trabalho da roça no processo de torrar a farinha de mandioca. As fotografias 40 a 41 demonstra como acontece o trabalho de torrar a farinha de mandioca.

Fotografias 40 e 41 – Situação de trabalho da farinha de mandioca.



Fonte: Maciel (2019)

Para que o trabalho de torrar a farinha de mandioca seja executado, se faz necessário que o trabalhador faça algumas voltas andando ao redor do forno quente e com os dois braços mexendo a massa de farinha no forno com um remo, fazendo assim uso constantes não só dos braços, como das pernas, bem como de todo o corpo, inclusive da mente, pois relatos

confirmam cansaço, agonia, caracterizando sofrimento por causa das altas temperaturas da região e da temperatura da casa de farinha proveniente do fogo.

Um participante relatou problema na visão por causa do giz que utilizou por muitos anos em sua atividade de trabalho. Outro por sentir dor nas pernas por causa do trabalho da malva. Um relatou problema na coluna, não mencionou a causa. E por último, um expôs que está com problema de alergia, para este a situação de doença provavelmente tem como causa o veneno que utilizou na atividade de matar o mato do roçado para realizar as plantações.

São muitas as situações de dificuldade apresentadas pelo trabalhador ribeirinho, pontua-se que como são diversas atividades do ribeirinho, também as dificuldades se manifestam por diferentes maneiras nas diferentes atividades. Mas, nem tudo no viver neste lugar dotado de valores, construído e alicerçado no passado por povos tradicionais, configura-se como sofrimento, pois os saberes compartilhados, seja da cultura, da herança que passa de geração para geração, torna-se este lugar do trabalho vivo com significados subjetivos que fazem com que apesar dos muitos desafios e limitações, há motivos maiores que o fazem viver, conviver, compartilhar e desenvolver sua cultura e modo de vida com alegria, em um movimento que subvertem as dificuldades e vivenciam prazer no fazer do seu trabalho.

3.5 Prazer no trabalho: “Quando eu trabalho a alegria vem né, vem a saúde da gente”.

Se o trabalho desenvolvido carrega conteúdos simbólicos, se permite, apesar das limitações do real e das organizações de trabalho, fazer com que o trabalhador tenha a possibilidade de um exercício inventivo dos corpos, do saber fazer, o trabalho pode se tornar fonte de prazer (DEJOURS, 2017).

Segundo (Moraes, 2013b) o trabalho implica sofrimento pelo confronto com o real, pelo choque entre seus desejos e as normas da organização de trabalho. Assim, a partir da mobilização subjetiva, o sofrimento pode ser transformado em prazer.

O prazer define-se como uma base constituída por mobilizadores, que atuam e levam o sujeito agir em busca da realização. Mobilizado pela inteligência prática, frente aos intervenientes advindos da organização de trabalho, o prazer envolve também as regras de ofício, as regras de convivência e a cooperação. Esta ação mobilizadora tem a capacidade de ressignificar o sofrimento (MENDES E MULLER, 2013).

Na pergunta relacionada a questão do prazer no trabalho, observou-se que dos dez entrevistados três mencionaram que estar com saúde é motivo de muita alegria.

“É, todo trabalho, assim quando amanhece o dia que a gente sente alegre né, trabalhando pra comprar aquele objeto, então tá alegre né, com saúde né, trabalhando na malva, na farinha que é da roça, aí quando a gente vai trabalhando a gente vai com aquela alegria né eu pelo menos né, agora já não sei os outros né” (JOÃO).

“Traz, quando eu trabalho a alegria vem né (risos), vem a saúde da gente, é muito importante o trabalho eu acho, eu acho bom trabalhar por causa disso se eu parar eu fico doente, minha alegria é por causa disso que eu não posso estar parada né” (JOAQUINA).

É certo que o trabalho atua trazendo sentido à vida, pode ser um propulsor de saúde. Na comunidade pesquisada, estar bem de saúde, essencialmente no período da colheita das plantações, principalmente da malva, é extremamente importante para o trabalhador ribeirinho. Estar com saúde garante ao trabalhador executar as atividades e garante também, no final da colheita, com o lucro adquirido, comprar bens, objetos para sua casa e o sustento para a sua família. Segundo Dejours (2012b, p. 207), “o trabalho é ainda e sempre será a origem da riqueza”. Na situação do ribeirinho, que não tem a prática de acúmulo e nem produção para atender demandas do mercado, o sentido de riqueza é pautado por uma dinâmica peculiar, consiste no trabalhar para conquistar a subsistência da família.

Segundo Dejours (2017), é penetrando no mundo do trabalho que podemos refletir e compreender que a conjunção que acontece entre a relação subjetiva do trabalhador com trabalho é primordial nos processos que envolvem e levam a construção da saúde.

O trabalho de fazer a farinha de mandioca é mencionado por três entrevistados como uma atividade que traz alegria.

“Tem alguns que traz alegria né, o trabalho da roça né, às vezes a gente tá com dificuldade, não tem nada em casa, a gente vai fazer uma farinha né, aí na farinha tem a tapioca, tem o bolo, e tem fartura dentro de casa né, aquilo traz uma alegria pra gente né, pros filhos da gente né” (LOURDES).

“Esse trabalho da farinha traz alegria, porque a gente tem ali uma pessoa no momento que a gente cansa, está cansado, afadigado, o outro coopera ajuda né, entra na atividade também, eu acho que seja assim o serviço que mais que a gente se for possível não sente fadiga, não sente nada, no outro dia está pronto para trabalhar novamente, eu creio que seja assim” (GABRIEL).

O trabalho da farinha de mandioca acontece sempre de modo coletivo, é quase impossível o trabalhador realizar esta atividade sozinho, pela sua complexidade, pelas várias tarefas que precisam ser desenvolvidas ao mesmo tempo, o trabalho se dá em um contexto coletivo, com a cooperação geralmente dos membros da família, em acordos firmados para o bem comum da família. É uma atividade que além de proporcionar a subsistência da família, o trabalhador pode contar com a contribuição do outro, pois sabe quando está cansado tem outra pessoa para ajudar que toma a responsabilidade daquela tarefa para si. Neste sentido, poder contar com o outro, possibilita transformar as situações adversas, como por exemplo, lidar com o cansaço, em uma conjuntura de movimentos de cooperação que levam ao prazer no trabalho.

A cooperação, acontece em acordos firmados entre trabalhadores no âmbito de um coletivo, de uma equipe ou de um ofício, se estabilizam sob forma de acordos normativos, ou ainda sob a forma de regras de trabalho, supõe um compromisso que é a um só tempo técnico e social (DEJOURS, 2012b).

Para Dejours (2012b), é diante da adversidade que a solidariedade pode aparecer como uma maneira de honrar a vida, é através de uma resistência coletiva e assistência mútua que esta pode impedir que a vida não seja expulsa do trabalho. A solidariedade vem mostrar a partir da experiência subjetiva, da intuição ou conhecimento, a importância do reconhecimento, da unicidade que a relação subjetiva com o trabalho tem para com a vida de cada um do coletivo.

O trabalho da farinha de mandioca também é descrito como uma atividade prazerosa, pois esta possibilita tempos de conversas. Além do quer, na comunidade, a casa de farinha geralmente fica perto do caminho onde as pessoas passam a todo momento, alguns param, às vezes contribuem com o trabalho, outras contribuem contando situações ocorridas na comunidade, de sorte que, os trabalhadores envolvidos naquela atividade, também contam histórias passadas, piadas, com isso, tornam o ambiente de trabalho mais alegre. Neste contexto, os trabalhadores subvertem as adversidades que há no trabalho da farinha de mandioca e consegue experimentar as vivências de prazer no trabalho.

“Pra mim um dia bom de trabalho é quando tem muita gente ajudando, conversa vai, conversa vem, aí todo mundo se diverte, acha graça, começa contar história, pra mim isso dá uma alegria, assim como nós estamos aqui agora raspando mandioca, logo quando começa, começa conversar, dar rizada, quando estar todos reunidos” (JOAQUINA).

A pesquisa demonstrou também, a partir da fala de três participantes que trabalhar no lago é uma atividade que propicia prazer.

“Pesco no lago, pro rio eu não vou não, quando acaba todo o trabalho eu vou pescar, gosto de pescar, eu ainda não fui, porque eu estou esperando acabar essa roça aí, eu gosto de pescar” (JOAQUINA).

“A não ser também outra coisa que eu gosto de pescar já é do outro lado, nos lagos, agora isso aí eu gosto demais, pescar pirarucu, tambaqui, pescar no lago é bom, eu estava até pensando em ir lá em Manaus comprar naylon, quando eu receber meu dinheiro, vou lá comprar uns 20 kg de naylon pra mim fazer uma rede, pra pescar no lago, se eu tiver tempo a gente vai lá (risos), pelos menos pra comer né, um pirarucu” (JOSÉ).

“Eu gosto daqui, nasci e me criei aqui, é bom por toda parte né, o peixe é bem aí logo, o lago aí perto. Só não pega o peixe se o cara não for atrás né” (JOÃO).

Os trabalhadores ribeirinhos da comunidade, realizam a pesca do lago exclusivamente para a subsistência da família, considerada como uma das principais fonte de proteína, está ligada às práticas cotidianas e meios de vida do ribeirinho. As fotografias 42 a 43, demonstra um pouco deste contexto.

Fotografias 42 a 43 – O trabalhador chegando no lago e voltando para casa com o peixe.



Fonte: Maciel (2019)

Ademais, o prazer no trabalho apareceu descrito na fala de outros trabalhadores, dois relataram que é quando o dia está nublado, outros dois, quando o sol está quente. Os demais, um para cada situação, como: prazer em realizar o trabalho da carpintaria; sente prazer quando tem pessoas para ajudar; quando consegue atingir os objetivos e por último o prazer foi mencionado em poder trabalhar.

Do ponto de vista da PDT, há uma imbricação na relação entre o prazer e o sofrimento, mas podemos refletir e considerar que na maioria das vezes quando se pensa em natureza, mata, logo vem a ideia de aventura, diversão, alegria. Olhando por este panorama, conjectura-se que os moradores da comunidade, por morar, viver em lugar cercado pela mata, natureza, pela água que a todo tempo se movimenta, não se paralisam frente as adversidades, ressignificam e de posse da alegria, do prazer de viver e trabalhar neste lugar, mobilizam-se para enfrentar as dificuldades vivenciadas em seu cotidiano de trabalho.

3.6 Estratégia de enfrentamento: “É assim, a gente vive nessa luta no interior.

Nesta perspectiva, Moraes (2013a), expõe que é pela vivência do sofrimento que o sujeito mobiliza-se, fazendo uso de ações criativas para enfrentar o real do trabalho, este movimento que transforma o sofrimento em prazer, acontece pela estratégia de enfrentamento.

A vivência de sofrimento é inerente a vida do sujeito que trabalha, quando o trabalhador busca meios para vencer as adversidades provenientes do real do trabalho, há neste processo mobilização subjetiva e nesta luta contra o sofrimento, faz com que o sujeito se mobilize, utilize dentre outros a inteligência prática, bem como a cooperação e nesta ação surge a estratégia de enfrentamento, em que o trabalhador ganha força e pode transformar a organização de trabalho, assim como as dificuldades provenientes dela, evitando o adoecimento (CARVALHO E MORAES, 2015).

A estratégia de enfrentamento se dá quando o trabalhador por meio da transgressão das regras encontra novas formas de executar o trabalho, em uma dinâmica constituída pela cooperação entre os pares (MORAES, 2013a)

Na pergunta que tinha como objetivo demonstrar o que os trabalhadores ribeirinhos fazem para enfrentar as dificuldades vivenciadas nas situações de trabalho, percebeu-se que as estratégias de enfrentamento se manifestam pela mobilização subjetiva, pela sabedoria da prática, pela inteligência da prática e pelo saber fazer de seu ofício de trabalho.

Na análise da pergunta sobre as questões do enfrentamento, observou-se que seis trabalhadores apresentam maneiras de como fazem para vencer as dificuldades provenientes das situações advindas da enchente dos rios.

“O que a gente faz pra resolver é trabalhar mesmo pra colher o produto, porque se o cara não colher o cara perde, que faça sol que faça chuva a gente está lá no meio do serviço” (JOÃO).

A organização de trabalho do ribeirinho configura-se no contexto de imprevisibilidade por diferentes situações, não só por um saber técnico, vai além, pois precisa realizar seu trabalho muitas vezes pelas condições impostas, dentre outras, pela natureza, pelas condições climáticas, sazonalidade dos rios. Assim sendo, quando realizou suas plantações, batalhou, se dedicou e durante a colheita, para não perder todo o esforço empenhado nas plantações, trabalha arduamente, enfrenta as adversidades, acredita-se que por uma força subjetiva que o próprio trabalhador desconhece.

De acordo com Dejourns (2012b) a organização de trabalho apresenta-se como um verdadeiro desafio. É pela mobilização subjetiva, fazendo uso de esforço e inteligência que o trabalhador resolve as contradições e supera as dificuldades, assim como enfrenta o real e à sua resistência no local de trabalho.

Para Dejourns (2012a), trabalhar é continuar indefinitivamente a buscar, a encontrar e às vezes inventar possíveis soluções, pela experiência do vivido, diante das situações inesperadas propiciadas pelo real do trabalho.

Na fala a seguir, sobre enfrentamento, evidencia-se que os trabalhadores conhecem bem suas atividades de trabalho. Todavia, sabe-se que em todo e qualquer trabalho há imprevistos. Assim, diante das dificuldades, neste caso, por causa da sazonalidade do rio, a enchente, os ribeirinhos fazem acordos dentro de um contexto de coletivo familiar, organizam-se para o trabalho, dividem e executam as tarefas, enfrentam as adversidades, fazendo uso da cooperação e principalmente do saber fazer, para manter a subsistência da família.

“No período da cheia tem que fazer tudo ao mesmo tempo. A gente precisa levantar cedo e vamos pro roçado, vamos fazer isso e vamos fazer aquilo e vamos e vamos, um vai fazer isso, outro vai pra culá, um vai fazer um trabalho, outro vai fazer outro, e a gente faz, a gente se divide pra não perder a colheita e nem a semente” (SUELY).

Neste contexto, segundo Dejourns (2012b), o trabalho e a vida se dá pela conjunção de ordem individual. Contudo, é pela linha da coletividade que se tem a possibilidade dos acordos, ressalta-se que os acordos entre os pares raramente acontecem antecipadamente, na

verdade a cooperação bem sucedida se dá primeiramente pelo saber-fazer, pelo domínio que o trabalhador tem do seu ofício.

Quando o trabalhador diante do sofrimento, pela experiência do seu saber fazer, coloca em prática sua criatividade e busca, cria soluções a partir de recursos internos, ele está fazendo uso da inteligência da prática. Esta configura-se como uma inteligência astuciosa, criativa, com ela o trabalhador ultrapassa a adversidade e ainda contribui com a organização de trabalho (MORAES, 2013b).

Na fala seguinte, uma maneira inteligente para enfrentar as enchente do rio.

“Alaga tudo e para todos os trabalhos, aí a gente fica só comendo (risos), aí é bom por uma parte porque no período da cheia a gente tem um descanso né, do trabalho, aí é as férias da gente né, quando alaga a gente fica ali só se alimentando, fortificando o corpo, já pro tempo do trabalho de novo que vem, aí é assim” (LIKA).

Na enchente do rio, depois de um período intenso de trabalho, o ribeirinho vivencia um outro ritmo de vida. Sem a terra para trabalhar os dias dentro de casa parecem passar mais devagar, o meio de transporte para se locomover, mesmo no ambiente da comunidade é a canoa. Neste período o trabalhador aproveita para praticar a pesca do lago e igapó sem a pressão de ter que realizar a colheita em tempo hábil para não perder a plantação. Na cheia do rio o ribeirinho convive mais tempo dentro da sua casa, comendo o peixe da sua pesca e a farinha de mandioca que armazenou para este momento. A maioria dos trabalhadores da comunidade já construiu suas casas com esteios mais altos e assim não haverá necessidade de levantar o assoalho da casa quando houver a enchente anual. A fala da Lika, apresenta uma nova maneira de enfrentar as situações adversas por causa da enchente, descansando e fortalecendo o corpo.

A Inteligência prática está presente em todas as atividades de trabalho, configura-se como uma inteligência astuciosa, criativa, efetiva-se quando o trabalhador emprega sua inteligência no trabalho para criar algo distinto, algo novo (VASCONCELOS, 2013).

Olhando pela perspectiva do campo social, o trabalho nas suas diversificadas maneiras de atuação sempre é enriquecido pelo admirável poder que a mobilização subjetiva a partir dos processos psíquicos oferece, cede ou doa a ele (DEJOURS, 2017).

Os trabalhadores ribeirinhos da comunidade estudada, atuam enfrentando as diferentes situações de trabalho, tanto na perspectiva da inteligência da prática como da sabedoria da

prática. Ressalta-se como o modo de vida e trabalho, acontecem em uma realidade que se configura no viver junto, compartilhando o saber-fazer entre os outros. A inteligência da prática de fato acontece, mas pela dinâmica do trabalho logo passa para um outro nível, a sabedoria da prática, pois passa a ser realizado por outras pessoas da comunidade.

Os relatos seguintes encontram-se dentro da realidade do saber fazer, de pessoas que conhecem seus trabalhos, a realidade do lugar, na perspectiva da sabedoria da prática.

“A gente tem que fazer a casa da gente bem alta né pra água não chegar lá, a gente tem que plantar muita roça pra fazer a farinha que é pra gente se manter até a água baixar, que é pra quando a terra sair a gente tornar plantar de novo, pra poder a gente colher, pra poder a gente viver a vida” (LOURDES).

“É, agora eu posso te dizer assim, esse meio tempo se Deus quiser a enchente não vai ser uma dificuldade, olha minha casa como era, alagava, quando vinha a água eu ficava trepada que nem macaquinho, agora não, tu vê né, já melhorou um pouco né, estou construindo outra casa, se Deus quiser eu vou realizar o que eu tenho que fazer” (IRACEMA).

“A mesma coisa da mandioca também a gente tira a vara dela né, a árvore dela, a gente tira como se fosse semente para plantar no outro ano quando sair a terra, a bananeira também é do mesmo jeito, as árvores que estão em pé vão morrer, tem que tirar os filhinhos que vem nascendo pra plantar quando vem a terra. Assim como as outras plantações, senão perde tudo” (JOAQUINA).

“Esperar ali o processo de chegar a água né e tem que esperar a água subir assim em cima da madeira a um ponto que dê pra trazer ela do local de onde ela estar pro local específico aonde a gente vai deixar, perto de casa” (FRANCISCO).

Todas as práticas de trabalho relatadas acima pelos trabalhadores da comunidade, configuram-se como práticas antigas, realizadas a partir da experiência deixadas por gerações passadas, praticadas no cotidiano de trabalho do ribeirinho de maneira coletiva, muito mais no contexto familiar.

Para Dejours (1993/2011b), na perspectiva do trabalho, a formação da inteligência se dá pela mobilização subjetiva dentro do contexto individual e coletivo das pessoas, ela acontece no exercício, no confronto com o real do trabalho. Esta inteligência quando opera no nível individual, configura-se como a inteligência da prática. Nesta o trabalhador geralmente utiliza sua inteligência no trabalho para criar algo novo. Quando a inteligência opera em um contexto coletivo, ganha uma nova dimensão, à sabedoria da prática que consiste: quando a inteligência, o saber fazer, a experiência da prática do trabalhador passa a ser compartilhada e efetivada entre os trabalhadores em seu contexto de trabalho.

Apenas um trabalhador mencionou que enfrenta a dificuldade com relação a não ter ajuda no trabalho, “ficando quieto, ou ele se sujeita a trabalhar” mesmo estando doente. Outro trabalhador relatou que para não perder a colheita da mandioca, pede ajuda e como pagamento: “já dou pra aqueles que me ajuda né, eu dou uma saca, eu dou duas sacas de farinha né, conforme nós fizer eu já vou dando para aquele que me ajuda pra não perder” (IRACEMA).

Observamos que o termo ajuda, assim como em outras comunidades da Amazônia, é bastante comum na comunidade pesquisada. Nina (2014) ao buscar compreender o que é trabalho e ajuda para a mulher do contexto rural, confirma a hipótese de sua tese, que o termo ajuda encontra-se em uma dinâmica complexa de compreensão. Contudo, configura-se como trabalho, e por este ser concebido pela mulher a partir de um contexto cultural local, em que há uma correspondência de inter-relação, entre outros de: relações de vizinhança, de parentesco, de coletivo, do estar junto, da partilha e da cooperação, apresenta-se como coadjuvante com relação ao trabalho, pois não há necessariamente a expressão do capital. Para autora, à condição da ajuda, possui agravantes, pode dificultar a comprovação de ser trabalhadora, situação esta, que tende dentre outros, invisibilizar direitos do trabalho e políticas públicas de saúde.

Na comunidade, os dados nos mostram o termo ajuda expressado tanto por homens como por mulheres. Nesta direção, concordamos com a autora supracitada e incluímos que, por estarmos dialogando com trabalhadores que trabalham para a subsistência da família, a ajuda comumente se concretiza neste lugar e também nem sempre há um capital para que este venha ser efetivado. Assim, pelo viver junto, o compartilhar as atividades com os membros da família, nos leva compreender que a ajuda é efetivada nas relações a partir da cooperação, de trocas de favores e pagamentos por produtos.

Neste contexto, ajuda é trabalho, é dar de si, é usar a força de trabalho ancorado no apoio, na solidariedade e principalmente pelo afeto que há entre as pessoas, seja no contexto enquanto comunidade, familiar e cotidiano de trabalho.

“Quando eu vou cortar malva eles me ajudam e ela fica em casa cuidando de casa, me ajuda muito, bastante, é ela que toma conta de casa né’ (JOAQUINA).

“A gente consegue, pescar no rio, não é todo dia né, corta malva, ajuda a mulher fazer farinha, raspa mandioca, isso é trabalho de agricultura” (CHICÓ).

Ademais, enfrentar as dificuldades, faz parte do cotidiano de vida e do trabalho do ribeirinho, mobilizam-se de acordo com o cenário que os rodeia. O ribeirinho consegue lidar com os problemas do cotidiano, de maneira cotidiana e com muita eficácia. Comumente subverte quase todos tipos de mudanças e circunstâncias provenientes das situações de trabalho, assim como do seu modo de vida, pela inteligência e principalmente pelo seu saber fazer. Por este panorama e porque observou-se relatos de adoecimentos, se faz necessário colocar em pauta a questão do enfrentamento das situações de doenças. Um dos achados dessa pesquisa foi o uso que o ribeirinho faz de plantas com efeitos medicinais, o que é uma característica marcante do modo de vida da região.

Nesta perspectiva, a pesquisa apresentou dados que nos possibilitou ampliar a discussões deste trabalho, pois ao falar de comunidades tradicionais, estamos falando de um povo que possui uma herança cultural com diversidades de saberes, práticas que são compartilhadas e efetivadas em seu cotidiano. Assim, o tópico a seguir pretende à luz destas informações, demonstrar algumas plantas com efeito medicinal e como são utilizadas no cotidiano do trabalhador ribeirinho para recuperar a saúde e seguir trabalhando.

3.6.1 Enfrentando as situações de doença com o saber tradicional das plantas medicinais: “É assim a nossa vivência”.

A comunidade da pesquisa, configura-se por pessoas ditas tradicionais, pelas suas origens, pela sua cultura, pela herança passada por outras gerações. Os ribeirinhos vivem às margens dos rios, lugar em que se contextualiza pelas dinâmicas das águas. A organização de trabalho do ribeirinho é peculiar por diferentes atividades, em cada uma delas o trabalhador experiência o imprevisto, o real do trabalho. As condições de trabalho apresentam-se como umas das principais ocasionadoras de situações de doenças.

Para Dejours (2017) organização de trabalho atua em uma lógica que remete ao trabalhador ser afetado no campo da sua saúde mental, neste contexto são as condições de trabalho que geralmente ocasionam problema na saúde física do trabalhador.

Neste sentido, compreende-se que há uma relação profunda que é atravessada pelas condições de trabalho do ribeirinho e as doenças que fazem parte de seu cotidiano de trabalho. Por serem pessoas que moram longe dos centros urbanos e de recursos médicos, precisam recorrer à criatividade, inteligência e sobretudo experiência, buscando meios tradicionais para superar as intempéries que lhes tiram à saúde e a capacidade de produzir.

Nesta direção, para solucionar o real e as adversidades advindas do trabalho, se faz necessária a mobilização de um outra natureza, que atua pelo viés da complexidade, cujo bojo é a intuição. Configura-se como a inteligência do navegador que para contornar as grandes ondas, pelo saber fazer, consegue manipular com destreza o leme e capturar com perfeição o vento no velame. É uma inteligência efetivada pelo corpo, não é uma inteligência do cérebro, é constituída como a sabedoria da prática (DEJOURS, 2012a).

Na comunidade pesquisada é muito comum os trabalhadores utilizarem práticas advindas da experiência para tudo em seu cotidiano de vida, com relação a doença não é diferente, os ribeirinhos recorrem ao uso de plantas com efeitos medicinais em busca da saúde.

“Eu faço chá de parador, meu remédio só é isso quando eu estou com muita dor eu tomo esse daí, quando estou com essas dores melhora. Pra tonteira no meio juízo eu faço chá da folha daquele vinagre ali e marcela, da amora também eu faço, o meu remédio só é isso e fazer como o outro, e aquele considerado lá de cima, aquele Deus lá de cima que pode cuidar da gente” (JOAQUINA).

Na comunidade os trabalhadores acreditam no poder curativo das plantas, seus relatos confirmam que além de todo conhecimento empírico com relação aos trabalhos da pesca, da agricultura, também carregam o saber do manejo e uso das plantas com efeitos medicinais, estas configurações vem de relações construídas a partir da cultura e das experiências do cotidiano do lugar, acumuladas por muitas gerações.

“Eu não sou acostumada tomar remédio, mais é caseiro que eu tomo, amor crescido eu tomo, é pra sarar ferida né, aí eu tomo sara uma ferida de repente, é assim que eu faço com meus filhos, pra mim também serve e muito. Eu tomei muito chá de amor crescido com casca de azeitona pra inflamação” (JOAQUINA).

Observou-se na comunidade que as plantações das plantas com efeitos medicinais são realizados de forma artesanal. Comumente são as mulheres que tem o costume de plantar ao redor de suas casas e às vezes junto de suas hortas vários tipos destas plantações, pois é muito comum utilizarem destes recursos como alternativas para tratar situações de doença dos membros da família e da comunidade.

Alguns relatos dos ribeirinhos fizeram menção ao uso da árvore, assim como do fruto do catoré¹⁵, demonstrado na fotografia 44, diferentemente das outras plantações realizadas

¹⁵ (Crateva tapia L.)

pelo moradores da comunidade para fins medicinais, não há plantação desta árvore ao redor das casas dos ribeirinhos, é uma árvore dada e cultivada pela natureza, facilmente encontrada na mata, nos igapós, que no caso da comunidade ficam bem próximos de suas terras.

Fotografia 44 – Representação fotográfica da árvore e fruto do catoré.



Fonte: Maciel (2019)

“Tem várias coisas na mata que a gente usa como remédio como o catoré é só você raspar a casca dele, tirar aquele sumo é só colocar em cima e amarrar, pronto, tanto faz pra ferrada de cobra, lacraia, ferrada de arraia, resolve, não precisa você nem ir em médico nenhum” (CHICÓ).

“Comecei sentir dor aqui na munheca (punho) e foi logo inchando, aí quando foi de tarde eu não aguentei mais, aí eu mandei fazer um negócio de uma misturada aí de catoré com um bocado de coisas, aí botaram em cima, aí pronto, eu calculo que era reumatismo né da malva, frio né, graças a Deus sumiu aquela dor” (JOSÉ).

É certo, que na Amazônia, há uma diversidade de plantas com efeitos medicinais, talvez incontáveis as que ainda não se sabe os seus efeitos curativos. Nesta direção, buscamos mas não encontramos cientificamente o efeito curativo do Catoré, representado na fotografia 49 e apresentado por relatos de trabalhadores da comunidade. De sorte que as práticas e o uso deste saber dos trabalhadores, tem propiciado, senão cura, mas amenizado as dores relacionadas as situações de doenças.

Brassicaceae- Árvore pequena de áreas que inundam com água branca, preta e “mista” (tanto branca quanto preta). Perda total da folhagem no início da vazante. Fruto – Carnoso, polpa esbranquiçada com 8,6 g de proteína em 100 g da matéria seca, apreciado pelo tambaqui (GOMES. *ET. AL*, 2010).

Segundo Santos (2000), os saberes amazônicos são constituídos por diferentes matizes, dentre outros, os indígenas, caboclos, seringueiros, pescadores. Neste contexto, a população tradicional sempre buscou enfrentar as enfermidades com recursos próprios, o uso frequente das plantas fizeram com que os mesmos descobrissem novas finalidades para as plantas que já conheciam, assim sendo, um dos traços culturais mais marcante destes povos, são as práticas, o uso dos remédios do mato.

Na comunidade da pesquisa observou-se que utilizam também, leite e cascas de algumas arvores da mata, óleo de andiroba, banha de cobra e outros elementos que às vezes são misturados com as plantas ou não, como as relatadas nas falas a seguir.

“Ano passado nós fomos tirar lenha com a mulher, me adulou até que eu fui com ela, no domingo ainda, eu peguei uma ferrada de um escorpião que eu passei uns 3, 4 dias com isso aqui meu quase tudo dormente (o braço), meu remédio foi gasolina, mas só que quando ele me picou, quando eu vi que ele me picou, joguei logo gasolina” (CHICÓ).

“O meu braço dói que só, Deus me livre, assim mesmo eu trabalho porque eu gosto de trabalhar, ele diz que eu morro e o trabalho fica, ela (a filha) puxa meu braço é com creme, quando não tem ela puxa é com óleo mesmo de motor” (JOAQUINA).

É bastante comum, na prática da população tradicional, fazer misturas de plantas medicinais com outros elementos do seu cotidiano, dentre outros: penas, querosene, pedras. As pessoas utilizam destes artifícios porque acreditam que há princípios ativos netas substâncias que irão de alguma maneira facilitar que a cura ocorra (SANTOS, 2000).

Na comunidade, o uso das plantas com efeitos medicinais, além de disseminar o modo de vida, a cultura, as tradições, promove melhores condições de vida para os trabalhadores ribeirinhos.

“Já tomei bastaste remédio caseiro esses tempos, esses dias que não tomei mais, depois de eu tomar essa injeção, passada por esse doutor daí de Manacapuru” (GABRIEL).

Pela realidade e condições de trabalhador do ribeirinho, cabe destacar a importância da inteligência da prática no seu cotidiano, pois diante das dificuldades de acesso aos serviços de saúde, mobiliza-se e coloca em prática sua experiência, seu saber fazer e ainda mantêm viva a tradição do uso de plantas com efeitos medicinais para recuperar à saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque principal desta pesquisa, caminhou em analisar como se constitui a organização de trabalho do ribeirinho. Para narrarmos sobre este trabalhador, se fez necessário conhecer a comunidade, quais são as atividades deste trabalhador rural, como se organizam para o trabalho, quais os agravantes de sofrimento, como se configura a relação de prazer e as formas de enfrentamento com relação as dificuldades no que tange o trabalho e em relação a situação de saúde do Ribeirinho.

Quando decidimos realizar a pesquisa no contexto rural com os ribeirinhos e por se tratar de um povo com modo de vida peculiar, que carrega em sua historicidade muito da cultura, tradições de seus antepassados, tínhamos a compreensão que a configuração da organização de trabalho nos traria dados singulares e complexos envolto na subjetividade do modo de vida do trabalhador ribeirinho. Neste sentido, os resultados aqui apresentados, buscaram responder os objetivos deste trabalho, porém acreditamos que ainda há muito no contexto de trabalho desta população para ser estudado.

Destacamos a importância da abordagem teórica do trabalho, a psicodinâmica do trabalho, a entrevista semiestruturada e a observação participante, metodologia utilizada para alcançar dados desta pesquisa, nossa implicação, assim como a participação do protagonista deste estudo, o trabalhador ribeirinho, tornou -se possível a realização deste trabalho.

Nesta perspectiva, a pesquisa evidenciou que a organização de trabalho do ribeirinho configura-se como:

Uma organização que se constitui como informal, não há uma prescrição de trabalho, se organizam coletivamente pelas regras do cotidiano de trabalho, dentro de uma visão familiar, é uma organização que executa suas atividades para a subsistência da família;

Organização em que são desenvolvidas diferentes atividades de trabalho. Alguns trabalhadores da comunidade deixaram de desenvolver algumas atividades, por diferentes situações e condições de trabalho que estavam propiciando adoecimento e inviabilizando a efetivação do trabalho, porém, evidencia-se que todos os entrevistados ainda realizam mais de duas práticas de trabalho;

Os trabalhadores organizam-se para o trabalho dividindo as atividades entre os membros da família, visando assegurar o sustento. Ressalta-se que nesta organização de trabalho, os laços familiares aparenta-se consolidada, por isto, o viver junto, os acordos coletivos firmados entre os membros da família, mesmo pelo viés da informalidade, dão certo, se sustentam diante da adversidade advindas das diferentes situações de trabalho;

Na organização de trabalho, por constituir-se de diferentes atividades, também aparecem inúmeras situações que ocasionam vivências de sofrimento para o ribeirinho. E com maior intensidade nas situações decorrentes da enchente do rio Solimões e por situações advindas da efetivação do trabalho;

Os trabalhadores apesar de vivenciar situações adversas, por morar em um lugar em que se tem afinidade com a terra, com o mato, com as águas, assim como o viver e trabalhar junto, a solidariedade e cooperação familiar, o saber fazer impulsiona o trabalhador na transformação das dificuldades, experimentando assim vivências de prazer no trabalho. As vivências de prazer no trabalho evidenciam-se com mais potência pela cooperação que há no trabalho da roça de farinha de mandioca, pela conquista de poder levar o peixe pescado no lago para a família;

A organização de trabalho do ribeirinho está no contexto da imprevisibilidade, o real do trabalho estão presentes no cotidiano e em todas as atividades. Observou-se que não há resignação por parte dos trabalhadores frente as situações adversas, pelo contrário, fazem uso de estratégias de enfrentamento, pelo viés da inteligência da prática, sabedoria da prática e por meio do conhecimento de plantas com efeitos medicinais.

Neste contexto da organização de trabalho, concorda-se com Dejours (2012b), que pela perspectiva das ciências do trabalho, nenhuma organização consegue funcionar sem que haja a mobilização da inteligência, do zelo, empenhado pelo trabalhador em seu ambiente de trabalho em uma organização de trabalho.

Nesta pesquisa e de posse dos dados, constatou-se que trabalhar não consiste em apenas produzir neste mundo objetivo. O trabalho está para além, é um lugar em que as relações sociais se estabelecem, organizam-se por causa de regras, conjunto de prescrição, para efetivação do trabalho. Para a Psicodinâmica do Trabalho é inegável que há um hiato entre o prescrito e o real, contudo nesta contextualização o trabalhador tem a possibilidade de desenvolver sua inteligência e autonomia pela expressão da criatividade e engenhosidade,

situação que permite ao sujeito além de produzir e revelar a si próprio a construção da identidade (FACAS, *ET. AL*, 2013)

Ainda sobre o tema em pauta, os dados da pesquisa nos permite pontuar alguns indicadores que possibilitam realizar outros trabalhos. A propósito acredita-se que a pesquisa qualitativa, assim como a abordagem teórica da psicodinâmica, corrobora que ao realizar pesquisa científica, esta abre caminhos, dão visibilidade para outras questões que poderão ser aprofundadas.

Nesta perspectiva, na comunidade pesquisada, observamos o trabalho doméstico, assim como as plantações das hortas, existem situações pontuais realizadas pelos homens. Conjecturamos que talvez, o trabalho doméstico e as pequenas plantações ao entorno da casa do ribeirinho estejam imbricados com o fazer da mulher e nem ela mesma se percebe diante desta situação de trabalho, pois nas entrevistas esta questão não é comentada por ela e nem pelo homem. Neste sentido, temos aqui um dado importante para ser estudado.

Outra questão interessante para ser pesquisada é a mulher no trabalho da malva. Os dados da pesquisa demonstraram que este configura-se como um trabalho penoso, com diferentes situações desfavoráveis, às vezes deletéria que propicia adoecimentos. Mais o que ressaltou nas falas das mulheres e de alguns homens, são que as mesmas não gostam de trabalhar com malva, principalmente no processo que ainda realizam, o de cortar, pois há nas folhas um pico que se solta e causa coceira no corpo e irritação na pele.

Os dados também, apontaram que a única atividade que tem uma prescrição, é a do professor que mora e trabalha na comunidade. A relação que há entre a cobrança da instituição com o professor da cidade, parece não ser diferente do professor do âmbito rural. Situações que demonstraram a necessidade de cumprir regras e determinações discordada pelo professor por compreender que está infringindo a ética profissional;

Nas entrevistas realizadas com os trabalhadores da comunidade pesquisada, coletou-se dados que apontam que existe a não efetivação das políticas públicas de saúde para o trabalhador ribeirinho. A partir dos relatos, observou-se que o município, o poder público no que tange as políticas públicas de saúde não tem conseguido oferecer um atendimento justo, básico e humano ao ribeirinho da comunidade pesquisada. Estes além de enfrentarem dificuldades com a distância para chegar em um hospital, com transporte, que às vezes tem o motor rabeta, mas não tem a gasolina. Às vezes quando o trabalhador chegar no hospital, logo

é atendido, há situações que precisam agendar e esperar por vários dias. Há também a falta de medicamentos.

Um outro dado importante faz referência a chegada de aspectos da modernidade, atualmente na comunidade há energia elétrica, situação que tem beneficiados em muitos aspectos a vida do ribeirinho, pois de posse de uma geladeira ou freezer, pode armazenar, congelar o peixe para ser consumido no período em que não tem tempo de pescar. Igualmente de posse de uma bomba de água, o ribeirinho, geralmente enche os grandes tanque de água que possibilita a lavar as louças, assim como a roupa para alguns na máquina de lavar, que antes precisavam realizar estas atividades na margem do rio com condições de trabalho e climáticas desfavoráveis. Cabe investigar quais são os benefícios e as desvantagem para o ribeirinho vivenciar este processo.

Compreende-se que o trabalhador ribeirinho mora em um lugar complexo, com diferentes situações de trabalho, que às vezes enfrentar o real propicia vivências que levam a intensificação do sofrimento, por vários direitos que lhes são negados, por perdas desnecessárias que se houvesse uma articulação que proporcionasse mudanças e transformações na organização de trabalho, provavelmente muitas situações seriam evitadas ou solucionadas. Mesmo diante deste cenário, ressalta-se a mobilização deste trabalhador frente as circunstâncias adversas, não se detém, pelo contrário, pela inteligência, pelo saber fazer, buscam caminhos para solucionar as situações de trabalho e do seu cotidiano. Este modo de viver nos levou a refletir e entender que o ribeirinho mesmo articulando seu ofício de trabalho com os fenômenos da natureza tem autonomia para viver e trabalhar neste lugar, na comunidade pesquisada.

Assim, enquanto pesquisadora o meu sentimento se volta para que outras pessoas se interesse em compreender, valorizar o saber- fazer, o modo de vida do trabalhador ribeirinho, que possam realizar pesquisas com este povo que tem suas origens arraigadas em um contexto cultural e de tradições. Acredita- se que esta ação nos levará a entender sobre o contexto rural, assim como sobre nós mesmos. Voltando nosso olhar para a área da psicologia, realizar esta pesquisa tem uma historicidade, que além de contribuir com o ribeirinho, contribui com o meio científico e também a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ANJOS, F. B. Organização de trabalho. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2013, p. 267-273.

AGUIAR, G. F. S. Nutrição e adaptação humana em áreas de pesca na Amazônia: sugestões para políticas em saúde. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém-Pará, v. 1, n. 2, p. 129-138, maio/ago, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v1n2/v1n2a10.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2018.

AZEVEDO, Nádma Oliveira de. **Infância e trabalho na Amazônia: o paradoxo do cotidiano**. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6374>. Acesso em: 21 jun. 2018.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRANDÃO, C. R, BORGES, M. C. O LUGAR DA VIDA: Comunidade e Comunidade Tradicional. **CAMPO-TERRITÓRIO**, Minas Gerais, p. 1-23, jun, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Josy%20Maciel/Downloads/27067-Texto%20do%20artigo-106069-1-10-20140711%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Josy%20Maciel/Downloads/27067-Texto%20do%20artigo-106069-1-10-20140711%20(1).pdf). Acesso em: 21 jun. 2019.

BEZERRA, Janderson Meileres. **As redes comerciais da pesca e o urbano no amazonas: o caso da Vila de Copatana, município de Jutai – AM**. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6462>. Acesso em: 21 jun. 2018.

CALEGARE, M. A. A. **Contribuições da Psicologia Social ao Estudo de uma Comunidade Ribeirinha no Alto Solimões: Redes Comunitárias e Identidades Coletivas**. 2010. 324 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03052010-163111/pt-br.php>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CALEGARE, M. C. A. Questões à Psicologia Social a partir de experiências em comunidades ribeirinhas Amazônicas. In: LIMA, A. F (Org). **Psicologia Social Crítica: Paradoxos do Contemporâneo**. Porto Alegre, Sulina, 2012, cap. 9, p. 197-218.

CASTRO, E. D. *Et al.* A seção de Criação na revista Interface: vinte anos de experimentação. **Revista Interface (Botucatu): comunicação. Saúde, educação**, Botucatu, v. 21, n. 63, p. 1057-1074, out/dez, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832017000401057&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

CRUZ, V. C. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JÚNIOR, S. C.; TAVARES, M. G. C. (Orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008, p. 49-69.

DIEGUES, A. C. **O mito da natureza intocada**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

DICTORO, V. P; HANAI, F. Y. Análise da relação homem-água: a percepção ambiental dos moradores locais de cachoeira de Emas- SP, bacia hidrográfica do rio Mogi – Guaçu. **Revista RAEGA**, Curitiba, v. 36, p. 92- 120, abr, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/Josy%20Maciel/Downloads/40989-178043-1-PB%20(2).pdf. Acesso em: 26 jun. 2018.

DESLAURIERS, J; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. *et al.* (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed, Petrópolis- RJ: Vozes, 2010, p. 127-153.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo, Cortez, 2015.

_____; Addendum – Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011a, p. 57-119.

_____; Inteligência prática e sabedoria prática: Duas dimensões desconhecidas do trabalho – Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011b, P. 277-299.

_____;A metodologia em Psicodinâmica do trabalho – Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011b, p. 125-150.

_____;**Trabalho vivo, tomo I, Sexualidade e Trabalho**. Brasília, Paralelo 15, 2012a.

_____;**Trabalho vivo, tomo II, Trabalho e emancipação**. Brasília, Paralelo 15, 2012b.

_____;**Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos**. Porto Alegre, Dublinense, 2017.

FRANCO, E. C. *Et al.* Promoção da saúde da população ribeirinha da região amazônica: relato de experiência. **Revista CEFAC**, Rondônia, v. 17, n. 5, p. 1521- 1530, set/out, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462015000501521&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

FRAXE, T. J. S. *Et al.* Os povos amazônicos – identidades e práticas culturais. In: PEREIRA, H. S. *et al.* (orgs). **Pesquisa interdisciplinar em ciências do meio ambiente**. Manaus: EDUA, 2009, p. 23-53.

FACAS, E. P; SILVA, L. M; ARAÚJO, M. A. S. Trabalho. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2013, p. 161-165

FACAS, P. C. et. al. A psicodinâmica do trabalho na Região Centro – Oeste do Brasil. In: MONTEIRO, J. K. *Et al* (Orgs.). **Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Práticas, Avanços e Desafios**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2017, p. 15-36.

FREIRE, V. F. B. P; SILVA, S. C; PONTES, F. A. R. Atividades acadêmicas na rotina de crianças Ribeirinhas participantes do programa Bolsa Família. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 159- 166, abr/jun, 2013. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722013000200005&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

FLEISCHER, S. R. *Dos fetos engolidos e escondidos*: um comentário sobre o apoio de parteiras ribeirinhas ao aborto. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 7, p. 1682-1688, jul, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n7/05.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, J. B. *Et al*. Nove espécies frutíferas da várzea e igapó para aquicultura, manejo da pesca e recuperação de áreas ciliares. **Caderno INPA**, Manaus, v.32, p. 1-29, 2010. Disponível em: http://portal.inpa.gov.br/cpca/johannes/4_esp_frut_varz_ig-2.pdf. Acesso em: 11 jul. 2019.

IBGE. História e fotos de Anori. **Página institucional**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/anori/historico>. Acesso em: 15 de Mar. 2019.

LADISLAU, Daniel da Silva. **Perfil sócio-econômico e etnoconhecimento ictiológico de “piabeiros” do município de Barcelos**, 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Pesqueiras nos Trópicos) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6030>. Acesso em: 21 jun. 2018.

LIRA, T. M; CHAVES, M. P. S. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **INTERAÇÕES** (Campo Grande), Amazônia, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan/mar, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v17n1/1518-7012-inter-17-01-0066.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.

MACHADO, F. S. N. *Et al*. Utilização da telemedicina como estratégia de promoção de saúde em comunidades ribeirinhas da Amazônia: experiência de trabalho interdisciplinar, integrando as diretrizes do SUS. **Revista Ciência & Saúde Coletiva** (online), Rondônia, v. 15, n. 1, p. 247-254, jun, 2010. Disponível em:https://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123201000100030&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

MENDONÇA, M. S. *Et al*. Etnobotânica e saber tradicional. In: FRAXE, T. J. P; PEREIRA, H. S; WITKOSKI, A. C. (orgs). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007. p. 91-103.

MENDES, A. M, MULLER, T. C. Prazer no trabalho. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2013, p. 289- 292.

MERLO, A. R. C. Processo de Globalização, Sofrimento Psíquico e Atenção à Saúde Mental no Trabalho. In: MENDES, A. M; MORAES, R. D; MERLO, A. R. C. (Orgs). **Trabalho e Sofrimento: Práticas Clínicas e Políticas**. 3ª Título. Curitiba: Juruá, 2014, p. 177-183.

MORAES, R. D. **Prazer-sofrimento no trabalho com automação**: estudo em empresa japonesa no Polo Industrial de Manaus. Manaus: EDUA, 2010.

MORAES, R. D. Estratégias de enfrentamento do sofrimento e conquista do prazer no trabalho. In: MERLO, A.; MENDES, A. M.; MORAES, R. D. (Orgs). **O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia**. Curitiba: Juruá, 2013a, p. 175-186.

MORAES, R. D. Sofrimento criativo e patogênico. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2013b, p. 415-419.

MORAES, R. D. *Et al.* Expansão da Psicodinâmica do Trabalho no Norte do Brasil. In: MONTEIRO, J. K. *Et al.* (Orgs). **Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Práticas, Avanços e Desafios**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2017, p. 77-108.

MORAES, R. D. Trabalho e Emancipação: Um Olhar da Psicodinâmica do Trabalho. In: MORAES, R. D; VASCONCELOS, A. C. L. (Orgs). **Trabalho e Emancipação: A Potência da Escuta Clínica**. Curitiba: Juruá, 2015, p. 61-69.

MONTEIRO, J. K. *Et al.* Produção da Psicodinâmica do Trabalho na Região Sul. In: MONTEIRO, J. K. *Et al.* (Orgs). **Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Práticas, Avanços e Desafios**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2017, p. 37- 58.

MONTEIRO, J. K; FREITAS, L. G. Trabalho Precário e as Vivências de Prazer - Um Olhar Psicodinâmico. In: MONTEIRO, J. K; VIEIRA, F. O; MENDES, A. M. (Orgs). **Trabalho e Prazer: Teoria, Pesquisa e Prática**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2015, p. 75-88.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, A. L. *Et al.* Teores de metais pesados no solo e em girassol adubado com lodo de esgoto. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, Campina Grande, v. 18, n. 3, p. 294-300, mar, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141543662014000300008&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

NASCIMENTO, R. G. *Et al.* Percepção de idosos ribeirinhos amazônicos sobre o processo de envelhecimento: o saber empírico que vem dos rios. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 429-440, mar, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n3/pt_1809-9823-rbgg-19-03-00429.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2018.

NINA, S. F. M. **Trabalho, Ambiente e Saúde: Cotidiano dos Fazeres da Mulher Rural na Amazônia**. 2014. 197 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas -UFAM, Manaus, 2014.

NINA, S. F. M. Do rural ao urbano na Amazônia: saúde, ambiente e trabalho da mulher. In: OLIVEIRA, J. A. (org). **Dinâmica urbana na Amazônia brasileira: espacialidades, ambiente e saúde**. Manaus: EDUA, 2016, p. 153-194.

OLIVEIRA, A. C. Violência sexual, infância e povos indígenas: Ressignificação intercultural das políticas de proteção no contexto das indígenas crianças. **Revista Latinoamericana de ciências sociais, Niñez y Juventud**, Pará, v. 14, n. 2, p. 1177-1190, mar, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v14n2/v14n2a21.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

OLIVEIRA FILHA, Maria Ferreira de. **Pescadores artesanais de Novo Airão: dos conflitos socioambientais aos direitos da Seguridade Social**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Estudos Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5882>. Acesso em: 21 jun. 2018.

PORRO, A. **O povo das águas: ensaio de etno – história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

PORTO, Selomi Bermeguy. **Cooperativismo, alternativa ou ilusão?: um estudo de caso com os trabalhadores informais inseridos no ramo alimentício de salgados nos municípios de Tabatinga e Benjamin Constant, Amazonas**. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6452>. Acesso em: 21 jun. 2018.

RAMPAZO, A. V; ICHIKAWA, E. Y. Identidades naufragadas: o impacto das organizações na (re)construção do universo simbólico dos ribeirinhos de Salto Santiago. **Cadernos EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 104- 127, mar, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512013000100008&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

ROGOFF, Barbara. **A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, F. S. D. Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia. **História, Ciência, Saúde**, Campinas, v. IV. p. 919-939, set, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v6s0/v6s0a08.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2019.

SELIGMANN-SILVA, E. Crise econômica, trabalho e saúde mental. In: ANGERAMI, V. A; STEINER, H; SILVA, M. C (orgs). **Crise econômica, trabalho e saúde mental no Brasil**. São Paulo, Traço, 1986, p. 54-132.

SILVA, H. P. Sócio-ecologia da Saúde e Doença: Os Efeitos da Invisibilidade nas Populações Caboclas da Amazônia. In: ADAMS, C; MURRIETA, R. S. S; NEVES, W. A. (Orgs.) **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006, p. 323-349.

SILVA, S. S. C. *Et al.* Rede Social e Papéis de Gênero de Casais Ribeirinhos de uma Comunidade Amazônica. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 4, p. 605-612, out/dez, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722010000400004&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

SILVA, S. S. C. *Et al.* Rotinas familiares de ribeirinhos amazônicos: uma possibilidade de investigação. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 341-350, abr/jun, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722010000200016&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

SILVA, S. H. **Autopoiése nos agroecossistemas das ilhas do valha-me-deus e chaves-Juruti/PA**. 237 f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas- UFAM, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5042>. Acesso em: 26 abr. 2018

SILVA, M. A; NEVES, R. J; NEVES, S. M. A. S. Assentamentos rurais na fronteira Brasil/Bolívia: diagnóstico socioeconômico e produtivo na região sudoeste Mato-Grossense. **Revista RAEGA**, Curitiba, v. 39, p. 167-181, abr, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Josy%20Maciel/Downloads/44460-201209-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Josy%20Maciel/Downloads/44460-201209-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 26 jun. 2018.

SOUSA, F. F; SILVA, C. V; BARROS, F. B. Comida do sitio, comida de festa': apropriações e usos alimentares do miriti nos contextos rural e urbano de Abaetetuba, Pará. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 38, n. 2, p. 143- 151, jul- dez, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3073/307348475003.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SOUZA JUNIOR, Moises Tores de. **Redes de pesca empregada pelos pescadores comerciais em uma área de intensa atividade pesqueira do Vaixo Amazonas: caracterização, técnica e eficiência de captura**. 2018. 67 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Pesqueiras nos Trópicos) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6230>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SCHUTZ, G. E. *Et al.* Sobredeterminação socioecológica da saúde da ruralidade em Humaitá, AM, Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 10, p. 4051-4060, out, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232014001004051&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 26 jun. 2018.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da Teoria Fundamentada**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TEIXEIRA, S. R. S; ALVES, J. M. O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu. **Revista Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 374-382, set, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a05.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

TORRES, I. C. Mulheres pescadoras e a ressignificação do mito do Panema na Amazônia. In: TORRES, I. C.; SANTOS, F. V. (Orgs). **Intersecção de Gênero na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2011, p. 106-117.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

UCHÔA, Iraci Carvalho. **Trabalho e Educação do Campo no contexto amazônico**: um estudo em uma comunidade camponesa do Médio Rio Solimões. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6378>. Acesso em: 21 jun. 2018.

VALENTINI, C. M. A. *Et al.* impactos socioambientais gerados aos pescadores da comunidade ribeirinha de Bonsucesso- MT pela construção da barragem de manso. **HOLOS**, Bonsucesso, v. 27, n. 4, p. 3-22, set, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Josy%20Maciel/Downloads/662-2036-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Josy%20Maciel/Downloads/662-2036-1-PB%20(4).pdf). Acesso em: 26 jun. 2018.

VASCONCELOS, A. C. L. Inteligência prática. In: VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. (Orgs). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2013, p. 237- 242.

VASCONCELOS, A. C. L. Antecedentes e Construção da Psicodinâmica do Trabalho. In: MORAES, R. D; VASCONCELOS, A. C. L. (Orgs). **Trabalho e Emancipação: A Potência da Escuta Clínica**. Curitiba: Juruá, 2015, p. 47- 59.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

APÊNDICE A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da pesquisa intitulada **“Subjetividade e Trabalho Rural: A organização de trabalho de ribeirinhos em uma comunidade do município de Anori - AM”**, que será realizado por meio do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sob a responsabilidade da pesquisadora Josiane da Silva Maciel. A pesquisa tem como objetivo principal: Analisar a organização de trabalho e as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores rurais em uma comunidade ribeirinha no Município de Anori-AM, destacando o real do trabalho do ribeirinho, buscando favorecer a transformação do sofrimento e a promoção de saúde. A pesquisa analisará os conteúdos objetivos e subjetivos/psíquicos, atentando para as vivências, e os dispositivos envolvidos no contexto cultural do trabalhador (a) ribeirinho.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da participação em entrevista, e observação participante do cotidiano e do modo de vida, por meio de imagens fotográficas e anotações nos diários de campo. A entrevista ocorrerá com aproximadamente 10 participantes, em um espaço na casa do trabalhador ou no local de trabalho. A observação participante acontecerá concomitantemente no momento em que o trabalhador estiver realizando suas atividades. Todas as entrevistas serão gravadas em áudio e transcritas. Segundo a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, assim sendo, esta pesquisa será desenvolvida, visando minimizar os riscos e prejuízos, assim como, dano moral ou material no que diz respeito a participação do trabalhador (a). Para tanto, compreende-se que toda pesquisa propicia certo risco, pois trabalhar com pessoas é atua no campo da subjetividade. Contudo, acredita-se que ao realizar a entrevista com os trabalhadores da comunidade, pode sim acontecer de mobilizar seu afeto, porém compreende-se que isto confere o mínimo de risco possível, mesmo assim, caso ocorra constrangimentos ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa aos participantes, a pesquisadora, enquanto psicóloga e integrante do Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho - LAPSIC, suspenderá a entrevista e diário de campo e se comprometerá em prestar suporte psicológico necessário aos participantes, buscando o serviço de psicologia da cidade de Anori –

AM para atender o trabalhador. Cumpre esclarecer que a pesquisa, através da instituição que a acolhe, garantirá reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais será exigida de V.Sa., sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano, e caso os mesmos ocorram, serão valorados em conjunto com a instituição proponente, haja vista que não há valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos na Resolução em tela e nem na Res. 510/2016, que trata da normatização da pesquisa em ciências humanas e sociais, e uma vez que não há definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado). Os benefícios desta pesquisa primeiramente consistem em propiciar ao trabalhador a possibilidade de falar do seu trabalho, valorizando seu saber fazer. E ainda, apesar das dificuldades encontradas pela pesquisadora para realizar pesquisas no contexto rural, por sua relevância social, espera-se difundir pesquisas que contemplem o ser trabalhador, que fomentem a discussão acerca da dimensão subjetiva do trabalho no contexto rural.

Se depois de consentir sua participação o Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a orientadora, professora doutora Rosângela Dutra de Moraes no endereço Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos 3000 Campus Universitário - Setor Sul, Bloco X, pelo telefone (92) 3305-1181 e a mestranda Josiane da Silva Maciel, endereço institucional: Rua General Rodrigo Otávio, nº 300, Coroado I, UFAM, LAPSIC (Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho), e-mail: josy_maciell@hotmail.com ou pelo telefone (92) 99287-9572, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

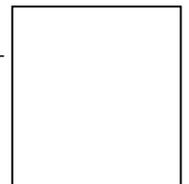
Consentimento Pós-Informação

Eu,....., fui informado (a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa de minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 FACULDADE DE PSICOLOGIA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

APÊNDICE B - TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA LIVRE E ESCLARECIDA

Nós, lideranças da Comunidade São João, município de Anori - Amazonas, consideramo-nos devidamente esclarecidos e informados sobre o presente Termo e o que trata o projeto **“Subjetividade e Trabalho: Análise da organização de trabalho de ribeirinhos em uma comunidade do município de Anori - AM.”**, que será realizado por meio do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sob a responsabilidade da pesquisadora Josiane da Silva Maciel, sob orientação da Profa. Dra. Rosângela Dutra de Moraes, por livre e espontânea decisão, apresentamos nossa concordância para a realização do referido projeto.

Manaus, 26 de outubro de 2018.

Aldemar Vidal de Souza
 (Representante legal da comunidade)

Ausimile de Souza
 (Vice Representante legal da Comunidade)

Josiane da Silva Maciel
 Pesquisadora Josiane da Silva Maciel

Gilson Medeiros
 (Testemunha)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMI – ESTRUTURADA

1. O que você faz em seu trabalho? Quais são as atividades de trabalho que você realiza?
2. Conte como são divididas as tarefas na sua família? Quem faz o quê?
3. Você já adquiriu alguma doença por causa do trabalho? Conte o que aconteceu?
4. Sua atividade de trabalho te traz alegria? Fale como é um dia bom de trabalho?
5. Sua atividade de trabalho causa algum tipo de tristeza? Fale como é um dia ruim de trabalho?
6. Por morar neste lugar, que trabalha com terra, com água e mata, quais as dificuldades de trabalhar aqui? O que você faz para resolver?
7. Se alguém chegar até você e perguntar como você prefere ser chamado, de caboclo ou ribeirinho? Como você se identifica?



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Psicologia
Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho



APÊNDICE D - TERMO DE ANUÊNCIA DO LABORATÓRIO PSICODINÂMICA DO TRABALHO – LAPSIC.

Declaramos nossa anuência à realização do projeto de pesquisa “Subjetividade e Trabalho: Análise da organização de trabalho de ribeirinhos em uma comunidade do município de Anori - AM”, que será realizado pela mestrand: Josiane da Silva Maciel, por meio do programa de Pós- graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação da professora Dra. Rosângela Dutra de Moraes, apresentamos nossa concordância para a realização do referido projeto.

Manaus, 23 outubro de 2018

Profª Dra. Ana Cláudia Leal Vasconcelos
 Coordenadora do Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho - LAPSIC/UFAM

Protocolo Nº 04/2018 - FAPSI - UFAM

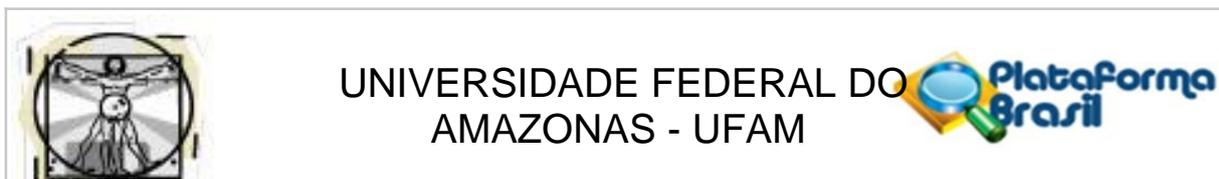
Ana Cláudia Leal Vasconcelos

Ana Cláudia Leal Vasconcelos

Coordenadora do Laboratório Psicodinâmica do Trabalho - LAPSIC

ANEXO

ANEXO – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SUBJETIVIDADE E TRABALHO: Análise da organização de trabalho de ribeirinhos em uma comunidade do município de Anori-AM **Pesquisador:** JOSIANE DA SILVA

MACIEL Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 99959018.1.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.005.249

Apresentação do Projeto:

Protocolo em segunda submissão.

Objetivo da Pesquisa:

Mantido.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Mantido.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Cronograma: reapresentado e adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: reapresentada e adequada com a assinatura do coordenador do programa;

Termos de Anuência: apensado e de acordo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo em segunda submissão atendeu as solicitações do Parecer Consubstanciado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

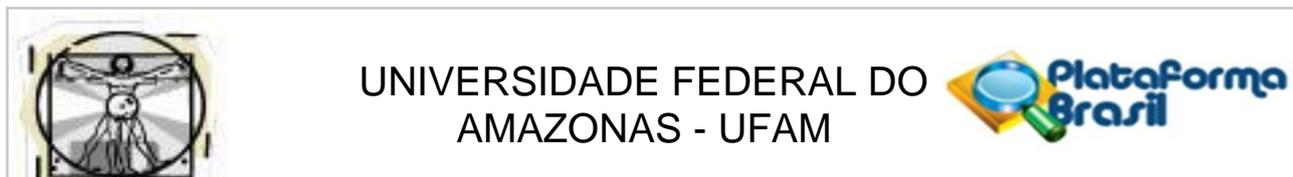
Endereço: Rua Teresina,
495

CEP: 69.057-070

Bairro: Adrianópolis

UF: AM Município: MANAUS

E-mail: cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 3.005.249

Telefone: (92)3305-1181

Página 01 de 02

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1213739.pdf	31/10/2018 17:47:00		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ACEITO.pdf	31/10/2018 17:43:58	JOSIANE DA SILVA MACIEL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	31/10/2018 17:40:14	JOSIANE DA SILVA MACIEL	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	31/10/2018 17:37:22	JOSIANE DA SILVA MACIEL	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	31/10/2018 16:50:39	JOSIANE DA SILVA MACIEL	Aceito
Cronograma	NOVO_CRONOGRAMA.pdf	31/10/2018 16:50:01	JOSIANE DA SILVA MACIEL	Aceito
Outros	ANUENCIA_LAPSIC.pdf	31/10/2018 16:49:18	JOSIANE DA SILVA MACIEL	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA.pdf	31/10/2018 16:48:38	JOSIANE DA SILVA MACIEL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 07 de Novembro de 2018

Assinado por:

Eliana Maria Pereira da Fonseca

(Coordenador (a))

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM **Município:**

Telefone: (92)3305-1181

MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Página 02 de 02